

Comentário inicial: esse é uma transcrição comentada do relatório da Polícia Federal sobre o caso dos meninos emasculados de Altamira, redigido em 1996. Como se vê pelo documento, ele está atualizando o caso dos meninos emasculados após a chamada “Fase 3” da “Operação Monstro de Altamira”. A primeira fase teria ocorrido em 1993, e foi a fase que alimentou o inquérito do delegado Éder Mauro, da polícia civil, para que ele realizasse suas investigações, depoimentos, prisões e outros procedimentos.

A segunda fase teria ocorrido em 1994 e, como esse próprio documento informa, nenhum relatório foi produzido após ela.

A terceira fase ocorreu em 1995. Esse relatório retoma parte das informações que havia no primeiro relatório de 1993 e atualiza tudo o que ocorreu nas fases 2 e 3.

Seria importante conseguirmos o primeiro relatório de 1993, pois Valentina não é citada neste documento com a profundidade que se esperava. Tudo o que foi levantado sobre ela deve estar apenas naquele primeiro relatório – se é que exista algo de substancial.

Essa é uma versão comentada do relatório de 1996. Todos os comentários são feitos em notas de rodapé por mim, Ivan Mizanzuk, produtor do podcast Projeto Humanos.

*Ivan Mizanzuk
Curitiba, 14 de Janeiro de 2023.*

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARÁ

SENHOR SUPERINTENDENTE:

Em atenção à determinação contida na OM 013/95-GAB/SR/DPF/PA, eis o relatório:

I - INTRODUÇÃO:

1-A - HISTÓRICO:

Desde meados de 1987 a população de Altamira/PA, vem sofrendo ações de organizações criminosas, especificamente contra crianças pobres daquela região, ano em que começou a ser detectado casos de **emasculações e mortes de meninos**.

A partir das cobranças da própria sociedade altamirense, assim como de vários organismos nacionais e internacionais, estes, sensibilizados com tais crimes, conseguiram formar Comissões Parlamentares de Inquérito para tratar do assunto, bem como, conseguiram influenciar os Órgãos competentes, no âmbito do Executivo, para que os mesmos alocassem as dotações orçamentárias necessárias para a realização das investigações e diligências policiais pertinentes.

O Excelentíssimo Senhor Ministro da Justiça, após contatos com o CONANDA e o Governo do Estado do Pará, houve por bem determinar que as investigações policiais passassem para a esfera da Polícia Federal, através do Despacho exarado em

07.05.1993, no bojo do Processo 08.000.004948/93¹, e, em consequência foi enviada a Altamira uma equipe de policiais federais desta SR/PA, que, preliminarmente, recebeu da SSP/PA materiais coletados em razão de investigações, bem como, cópias dos inquéritos policiais instaurados.

¹ Não conseguimos localizar esse despacho. Caso exista, significa que de fato a ordem teria vindo do Ministério da Justiça, provavelmente a pedido da antiga CDDPH. Contudo, em conversa com o Dr. Paulo Tamer, delegado geral da Polícia Civil do Pará em 1993, a entrada da PF no caso se deu por um termo de colaboração entre a Polícia Civil e a Polícia Federal. Esse termo de colaboração deveria estar anexado nos autos do processo, mas não está. Logo, não há como sabermos como se deu de fato a entrada da PF no caso. Nesse conflito de versões, todas as possibilidades estão abertas: pode ser que um lado esteja certo, pode ser que todos estejam certos, pode ser que todos estejam errados.

Também chama a atenção o número do processo citado: “08.000.004948/93”. Que processo será esse? Onde ele estaria? Seria um inquérito da PF?

1-B – OPERAÇÃO MONSTRO DE ALTAMIRA I (1993):

Em decorrência do trabalho realizado na primeira fase da Operação Monstro de Altamira I, em 1993, culminou-se com a prisão em Altamira dos médicos **Césio Flavio Caldas Brandão e Anísio Ferreira de Souza**, e, em Macapá, do ex-PM/PA **Carlos Alberto dos Santos Lima**. Ainda em função do trabalho ali desenvolvido, na época foram expedidos Mandados de Prisão para **Aldenor Ferreira Cardoso e Valentina Andrade**, os quais não foram cumpridos por não terem sido localizados, baldados os nossos esforços.

Amailton Madeira Gomes foi o primeiro suspeito a ser preso em Novembro/1992, pela Polícia Civil do Pará, na localidade de Mundo Novo/MS, e, naquela oportunidade encontrava-se custodiado no Presídio Feminino do Coqueiro em Belém/PA, ficando consubstanciado também, ao longo das nossas investigações e da Ação Penal, indícios de envolvimento de seu Pai, **José Amadeu Gomes**.

Naquela oportunidade (1993) elaboramos o **RM 023/93-DOPS/SR/DPF/PA**² que serviu de base para o trabalho desenvolvido em 1994.

Todos os elementos acima mencionados foram pronunciados pelo Exmº Sr. Dr. **José Orlando de Paula Arrifano**, à época Juiz de Direito da 3ª. Vara Penal de Altamira, em sentença de pronúncia prolatada em 20.06.1994, nos autos da Ação Penal 045/92-Altamira/PA – 3ª. Vara -.

2 Provavelmente o nome do primeiro relatório. "RM" deve significar "Relatório de Missão". Chama a atenção a sigla "DOPS/SR/DPF/PA". Nessa época, DOPS significa "Divisão de Ordem Política e Social". De acordo com o Dr. Paulo Tamer, havia uma DOPS na PF e uma na PC. É provável que essa DOPS referenciada no documento seja da PF, mas não fica claro.

Comentário do Dr. Paulo Tamer sobre a DOPS em 1993:

*"A diferença entre as instituições (DOPS da PF x DOPS da PC), é que uma apura crimes praticados contra a administração federal e a outra apura crimes que não sejam da esfera federal. A DOPS, na era dos governos militares, era instituição destinada a apurar os crimes, à época, praticados contra a ordem social e política do estado ou nação, entretanto, com o advento da constituição de 1988, **passou a apurar crimes praticados contra a administração pública (sonegação fiscal) e ordem social, aqueles de larga repercussão social, como o caso dos emasculados.**"*

1-C – OPERAÇÃO MONSTRO DE ALTAMIRA II (1994):

Em agosto de 1994, cumprindo a **Resolução nº 01/94-CDDPH/MJ³**, de 10.06.94, no seu artigo 6º, expedida pelo Exmº Sr. Ministro da Justiça, praticamente a mesma equipe de policiais federais retornou a Altamira, **em cumprimento a determinação ministerial**, adotando uma nova dinâmica no curso das investigações, mas, voltada para a consecução dos mesmos objetivos, qual seja o de se chegar às autorias desses crimes hediondos e puni-los exemplarmente, independente da classe social que os mesmos venham a ocupar.

Na primeira fase da Operação Monstro de Altamira, como almejávamos recuperar dados e reconstruir informações, a equipe partiu para o trabalho de campo, valendo-se de todos os recursos lícitos disponíveis, que incluíram entrevistas, levantamentos de bens, vigilância e outros mais.

³ Pedido feito via LAI no dia 14 de Setembro de 2022. Não encontraram nada.

No arquivo digital de resoluções do CONANDA, existe uma resolução deste órgão de número 29, datada de 09 de Agosto de 1994. É a única vez que a CDDPH aparece no documento, e parece ser uma menção a essa resolução 01/94 do CDDPH/MJ:

RESOLUÇÃO Nº 29, DE 09 DE AGOSTO DE 1994

*O CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – CONANDA, reunido em Brasília nos dias 09 e 10 de agosto de 1994, em sua Décima Sétima Assembléia Ordinária, no exercício das atribuições estabelecidas na Lei nº 8.242/91, no termos do seu Regimento Interno e considerando as denúncias veiculadas pela imprensa sobre adoções internacionais irregulares e **tráfico de órgãos**, resolve: Aprovar moção de apoio ao Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH), na viabilização de investigações profundas sobre os fatos e pessoas mencionadas.*

Em conversas que tive com o Dr. Alexandre Dupeyrat, Ministro da Justiça entre 5 de Abril de 1994 e 1 Janeiro de 1995, ele lembrava-se que o caso de Altamira teria sido mencionado para ele apenas como um caso em que supostamente haveria suspeitas de “tráfico internacional de órgãos”, nada envolvendo “magia negra”, “seita satânica” ou coisa do tipo. Essas suspeitas teriam sido publicadas em algum jornal internacional, que ele acreditava ser o Le Monde, mas não tivemos como confirmar isso.

De fato, existem na época matérias que citam que as crianças de Altamira poderiam estar sendo mortas por causa de um esquema criminoso desse tipo, e inclusive houve reuniões em Altamira para se ouvir a população. Essas matérias são publicadas no início de Junho de 1994 no jornal O Liberal do Pará. Outra matéria é da Folha de São Paulo, cujo título é “PF investiga rede para extração de órgãos humanos”, datada de 4 de Agosto de 1994.

Contudo, essa matéria cita que o Dr. Dupeyrat afirmava que só faria um pedido de abertura de inquérito caso houvesse indícios mais fortes que comprovassem isso. Essa mesma história ele me afirmou em entrevista via telefone, e negou que tais indícios teriam sido encontrados. A pessoa que supostamente deu as informações para o jornal Le Monde nunca compareceu para prestar esclarecimentos. Seria um professor de alguma universidade de São Paulo.

Em outras palavras, não haveria autorização alguma para a PF fazer investigações.

Já nesta segunda fase, trabalhamos sobre elementos levantados em 1993, acrescidos de outros dados que foram chegando ao nosso conhecimento, aumentando, em consequência, o grau das atividades e ampliando, sobremaneira, o círculo da investigação, à medida em que percebíamos que o número de pessoas envolvidas com tais crimes inflava.

Durante este período em que a equipe esteve naquela localidade dando prosseguimento a Operação Monstro de Altamira II, foram atualizados os dados aduzidos no Processo 045/92, revistos e cotejados informes e pessoas relacionadas aos casos, dentre as quais as mais importantes linhas de investigação seguida pela equipe giraram em torno de testemunhas de diversos fatos ocorridos que após criteriosa análise se tornaram consubstanciais para a elucidação dos crimes.

Naquela oportunidade apesar da equipe haver conseguido formar uma boa rede de informantes e contar com a confiança das testemunhas, a mesma deparou com dificuldades técnicas operacionais necessárias para a continuidade das investigações.

Ficou evidente a imperiosa necessidade de recursos tais como a monitoração e dotações orçamentárias condizentes para se estender a missão a outros Estados da Federação, mas que infelizmente não foi atendida, malgrado os esforços, solicitados que foram os recursos ao Sr. Coordenador Central Policial, à época, DPF Nascimento Alves Paulino, através de expediente protocolizado sob o nº 08200.015547/94-28, na sede do DPF em Brasília, em 10 de novembro de 1994⁴. Naquela oportunidade ainda contávamos realizar a terceira fase naquele ano, fato que não foi possível em razão da eterna falta de recursos financeiros que, a anos, assola a Polícia Federal.

Cumpra aqui esclarecer uma situação. Informar o por quê não foi entregue o Relatório de 1994⁵. Aquele não foi entregue em virtude de que o Relatório elaborado pela equipe em 1993, foi mostrado ao chefe da equipe e na ocasião Presidente do Sindicato dos Policiais Federais do Estado do Pará – SINPEF/PA, na sede do próprio Sindicato, por repórter da

⁴ É difícil dizer com certeza, mas suponho que eles acreditavam que a suposta “seita satânica” realizava sacrifícios de crianças por todo o território nacional, e por isso demandavam esses recursos em outros estados. Exemplo óbvio seria o o estado do Paraná, nos casos do assassinato de Evandro Ramos Caetano e Leandro Bossi (que agora sabemos ter sido morto na época também).

Em contatos anteriores que tive com a Polícia Federal pedindo documentos, fui informado que documentos da década de 1990 não estão disponíveis. Logo, tal expediente não deve mais ser possível de ser localizado.

⁵ Explica o motivo de não ter produzido relatório para a operação Monstro de Altamira - Fase 2.

Tv. Bandeirantes/Brasília⁶, que diante das inúmeras respostas de “não sei nada sobre isto” a perguntas formuladas pertinentes ao assunto, retirou de uma pasta o Relatório, grafado com o carimbo de Confidencial, (este documento nunca foi emitido com tal carimbo) colocou-o em cima da mesa perguntou ao APF José Carlos⁷, em tom de deboche, se o mesmo o havia assinado, culminando com o relatório sendo mostrado ao vivo e em cores, inclusive com a assinatura do signatário, num programa de domingo da apresentadora Marília Gabriela, quando esta ainda trabalhava para a Tv Bandeirantes. Tal fato chocou-nos por duas razões: primeiro porque não emitimos nenhum relatório “confidencial” (daí considerarmos estranho que alguém estivesse querendo dar um cunho de subterfúgio a algo que não existe); segundo, porque ao revelar fontes e dar conhecimento a terceiros de algo que não lhes dizia respeito, quebrou um relacionamento de confiança existente entre informantes, testemunhas e nós, e esta condição nos foi assegurada e asseverada pelo ex-Superintendente desta casa, Dr. Fábio Caetano⁸, quando determinou a realização da Missão, em Maio/93. Assim, para que tal fato não se repetisse, **houvermos por bem não entregar o relatório da Operação Monstro de Altamira** II⁹.

Seus dados não foram perdidos, ao contrário, foram muito bem conservados, evitando-se com isto especulações e fontes de conhecimento aos criminosos, em cujo encalço, continuamos a estar.

⁶ O repórter era Valteno de Oliveira. Entramos em contato com ele e, por conta dos anos decorridos, ele não se recorda deste fato.

⁷ José Carlos de Souza Machado, chefe de missão das fases 1, 2 e 3 da Operação Monstro de Altamira. Ele foi o autor do primeiro relatório, de 1993, e também deste, de 1996. Ele foi ouvido no júri de Valentina de Andrade no final de 2003, arrolado como testemunha de defesa (apesar de ele falar contra a ré, era uma estratégia da defesa: mostrar que sua explicação para os crimes eram contraditórias com a do delegado da polícia civil Brivaldo Soares, responsável pela prisão de Amailton em Novembro de 1992.

⁸ Localizamos e contatamos o Dr. Fábio Caetano, que recusou dar entrevista.

⁹ Ou seja, por medo de que houvesse novo vazamento, não produziram relatório sobre a segunda fase da Operação Monstro de Altamira.

1-D - OPERAÇÃO MONSTRO DE ALTAMIRA III (1995):

Disto isto, passemos a situação que se apresentava em Junho/Julho 95 quando elaboramos o plano de Operação Monstro de Altamira III.

Primeiramente posicionamos a Administração sobre o estágio em que se encontrava a Ação Penal que tramita na Comarca de Altamira. Narramos que o Supremo Tribunal Federal através da 2ª Turma, decidindo Habeas Corpus impetrado pelo réu Césio Flávio Caldas Brandão, houve por bem anular em parte o processo, acatando as alegações de cerceamento de defesa, porém, manteve os réus presos¹⁰.

Ponderamos na ocasião que, provavelmente tal decisão implicaria na oitiva, pelo menos, ampliada das testemunhas de defesa e, se estendida para as de acusação, as mais importantes deveriam ser conduzidas por nós, uma vez que prestaram depoimento sob nossa proteção¹¹.

Continuávamos que nossas investigações seguiriam deste ponto, acrescentando-se dos indícios de que outros suspeitos e testemunhas ainda encontram-se na região de Altamira, havendo vestígios de que cometeram ou sabem quem cometeu outros assassinatos (queima de arquivo) contra pessoas que detinham informações sobre os crimes de emasculação. Investigaríamos a morte de uma funcionária de uma emissora de rádio de Altamira¹²; um braço que apareceu na lixeira municipal e nunca soube-se a que

¹⁰ Decisão do ministro Marco Aurélio Mello, de 31 de Março de 1995, explicada no episódio 13 de “Altamira”, a quinta temporada do podcast Projeto Humanos. O ministro julgou que o processo deveria voltar à fase de instrução pois havia sido ouvida um número de testemunhas de defesa menor do que deveria.

¹¹ Na nova fase de juízo, foram ouvidas apenas testemunhas de defesa. Mas chama a atenção essa ideia da Polícia Federal em “conduzir” depoimentos. Era fase de juízo, então quem deveria “ouvir” aqui seria o juiz responsável, não a Polícia Federal. Eles queriam estar presentes durante os depoimentos? É o que parece – e corrobora com o relato do advogado Frederick Wassef, que em entrevista a nós falou que várias vezes viu o agente José Carlos de Souza Machado presente nas audiências com o juiz.

¹² Provavelmente Rosa Coelho. Seu caso foi explicado no episódio 14 da temporada “Altamira”, do podcast Projeto Humanos. Morreu em Outubro de 92 e foi dada como morta por afogamento. Pessoas em Altamira acreditavam que ela teria sido assassinada. Em 95, foi aberta investigação para ver se foi realmente um homicídio. Apesar de muitos boatos em torno da morte dela, não havia nada de conclusivo.

corpo pertencia¹³; o desaparecimento de um menor que até a véspera estivera na fazenda de importante autoridade¹⁴; o envolvimento de, hoje, outro fazendeiro, e, por fim o de uma pessoa que hoje encontra-se fora de Altamira, temendo ser assassinada pelo fato de ter dialogado com alguns policiais federais¹⁵. Atualizaríamos ainda os dados conhecidos, bem como os da Ação Penal.

Por último elaboramos o Planejamento Operacional da Missão no que tange aos meios de transportes; armamento e comunicações, acrescido do custo operacional Altamira, que abrangeu a locação de veículos, suprimentos de fundo para informante¹⁶; material de consumo; aluguel de embarcações; combustível e diárias.

Não esquecemos também das diligências aos Estados. Os meios financeiros e materiais necessários foram solicitados.

¹³ Referência ao depoimento de Orlandina Silva de Souza, que dizia ser amiga de uma tal de “Ana Paula”, que teria trabalhado para o Dr. Anísio e teria sido assassinada após contar-lhe que viu na mesa do médico um vidro com um pênis infantil. Essa Ana Paula nunca foi localizada, sequer sabemos se ela é real.

Orlandina contou essa história em dois depoimentos: um na fase de inquérito, perante o delegado Éder Mauro, em 27 de Julho de 1993; e outro na fase de juízo, perante o juiz José Orlando de Paula Arrifano, no dia 30 de Novembro de 1993.

É bem possível que essa história seja falsa. Ela foi contada no episódio 9 de “Altamira”.

¹⁴ Referência ao caso do menino Rosinaldo Farias da Silva, desaparecido em Setembro de 1993. Ele desapareceu após passar um tempo na fazenda do Sr. Vantuil Estevão de Souza, marido da então juíza Vera Araújo, de Altamira. Essa história foi contada no episódio 9 de “Altamira”.

¹⁵ Referência ao caso de Valdete Rodrigues Barroso. Sua história foi contada nos episódios 13 e 14 de “Altamira”, e é provável que sua história seja o principal motivo da Fase 3 da Operação Monstro de Altamira. O fazendeiro citado seria alguém da família Gomes, provavelmente Araquém Gomes, irmão de José Amadeu Gomes.

¹⁶ Quem seriam esses informantes? Que fundos seriam esses? Para quê eles serviriam? O que os informantes traziam aos agentes em troca?

II – INVESTIGAÇÃO 94 e 95:

Retornando a Altamira em **Agosto/Setembro/94**¹⁷, fomos com a finalidade de aclarar pontos que não foram devidamente, ou consideramos que não foram devidamente esclarecidos, e, investigar informes recebidos quando saímos daquela cidade em 1993, e os que nos foram enviados pela **rede de colaboradores durante o restante de 1993 e os primeiros sete meses de 1994**¹⁸. Assim procuramos investigar as pessoas e fatos abaixo relacionados, informando em cada tópico o resultado alcançado:

¹⁷ Supostamente, as idas a Altamira em 1994 seriam a segunda fase da Operação Monstro de Altamira. Pelos autos, somos levados a crer que essa segunda fase seria referente à obtenção do relato da garota Eudilene Pereira da Costa, de 13 anos de idade. Contudo, o termo de informações que consta nos autos é datado de **7 de Dezembro de 1994**, ou seja, meses depois dessa ida. No depoimento prestado por Eudilene que consta nos autos, estariam presentes quatro agentes da PF: José Carlos de Souza Machado, Emanuel José de Jesus, Eulália Maria Tavares e José Maurício Conte Correa. Ou seja, em 1994, a PF foi para Altamira pelo menos em duas ocasiões diferentes : Agosto/Setembro e Dezembro.

¹⁸ Seriam os informantes, citados anteriormente? Eles estavam recebendo dinheiro da PF?

A - AMAILTON MADEIRA GOMES:

Procurar confirmar seus termos de declarações prestados na esfera policial e judicial; verificar as atividades de sua mãe, Zaila Madeira Gomes, de alguns amigos; levantar o indivíduo que foi visto na garupa da moto de Amailton no dia em que Jaenes Pessoa foi assassinado e emasculado (provavelmente o PM Genilson¹⁹); listar fatos que relacionassem Amailton aos crimes de assassinato e emasculação; sua viagem para o Sul do País e conseqüente ida até a Argentina; confirmar a veracidade de um FAX enviado da Argentina para o Sr. José Amadeu Gomes, pai de Amailton, e, tentar provar o envolvimento de Amadeu e seu genro, César²⁰, primeiro com as atividades criminosas de Amailton, e, segundo, com intimidação de testemunhas.

As respostas não começaram a tardar. Confirmou-se que pelo menos nas mortes de Judirley Chipaia e Jaenes Pessoa o mesmo viajou apressadamente de Altamira, primeiro indo para o Ceará, de onde sua família é originária; segundo, viajando para o sul do Brasil. Segundo testemunho de pessoa da família de Amailton²¹, a viúva de um irmão do Amadeu, pai do mesmo, estava em Fortaleza cuidando de uma filha que encontrava-se doente, ficou assustada quando viu Amailton entrar na casa dela, ocasião em que perguntou-lhe o que estava fazendo ali, tendo o mesmo respondido que “*tinha saído de Altamira porque estavam ocorrendo coisas estranhas por lá*”, e que o mesmo estava morando num local que o informante não soube lembrar o nome com precisão, e lembra-se a testemunha que nessa época foi morto o menino no Igarapé do Cupiúba (Judirley Chipaia – 01.01.1992).

¹⁹ Salvo engano, existe nos autos um depoimento em que uma testemunha afirma ter visto Amailton andando de moto com uma pessoa na garupa no dia em que Jaenes foi assassinado. Mas salvo engano, o nome do PM Genilson não aparece em lugar algum dos autos.

²⁰ César era irmão de Zaila, mãe de Amailton. Ele ficou constantemente do lado dela após a prisão de Amailton.

²¹ Quem seria essa viúva de um irmão de Amadeu? RESPOSTA encontra-se no APÊNDICE deste relatório, no ponto 1.1 do mesmo. Lá, lemos: 1.1 - OLAVO GOMES PESSOA - irmão de Juarez Pessoa, pai de Jaenes, emasculado em 01.10.1992. Refere-se a Lúcia Gomes, viúva de um irmão de Amadeu, assassinado, que lhe contou sobre Amailton, no Ceará, logo após a morte de Judirley Chipaia em Jan/92. Presenciou ainda Amailton subindo a Brasília, com uma pessoa na garupa da sua moto, na semana em que Jaenes foi assassinado. Pela descrição seria o ex PM Genilson, morto quando praticava assalto em Santarém no ano passado. A descrição encaixa-se também no Dr. Césio.

Quanto a sua mãe Zaila nada apurou-se, “In concreto”, como também sobre o envolvimento de alguns dos seus amigos.

Sobre o indivíduo que ia na garupa de sua moto no dia em que, seu primo, Jaenes foi assassinado, foi confirmado por pelo menos duas testemunhas (omitimos os nomes²²), que por volta das 11:30 hs. da manhã do dia 1º de outubro de 1992, Amailton subiu com sua moto, levando o sujeito assemelhado ao ex-PM Genilson na garupa, a rua que leva ao cruzeiro existente no alto do bairro “Brasília”, local este distante a pouco menos de 500 metros do lugar aonde foi pego e assassinado Jaenes. É possível que Amailton conduzisse o médico Césio na sua moto²³.

Quanto a outros fatos que relacione Amailton aos casos das crianças mortas, temos que Amailton definitivamente não participou do rapto de Judirley Chipaia, já que àquela hora encontrava-se participando de um churrasco numa chácara localizada na estrada da Betânia. Tudo indica que nada teve a ver com a morte e emasculação deste menor, deixando dúvidas, entretanto, pela sua viagem, quase em seguida, ao Ceará, como, aliás, acima já foi dito²⁴. A viagem feita por Amailton, de moto, para o Sul do Brasil é inteiramente verídica²⁵, inclusive o mesmo recebeu três ordens de pagamento no Banco Bamerindus, nas cidades de Itajaí/SC e Santa Vitória do Palmar/RS, (duas) enviadas por seu Pai, antes de seguir para a Argentina. Os telefonemas e fax recebidos e dados para a Argentina são reais, haja vista as contas telefônicas da residência de seu pai e de sua irmã Marcli.

Houve a confirmação de que seu Pai visitou testemunhas de acusação na véspera dos seus depoimentos²⁶, acompanhado do advogado Hercílio Pinto de Carvalho. Tido como

²² Salvo engano, há um depoimento nos autos que menciona essa história. No APÊNDICE, há uma menção a essa testemunha: "1.2 - Filha do Zezão - presenciou no dia da morte de Jaenes, Amailton passar com um homem moreno na garupa da moto, por volta das 11:00hs. A casa da testemunha está situada nos arredores da Brasília, local de pouca movimentação, nas proximidades de onde Jaenes foi emasculado."

²³ Ele está querendo dizer que o ex-PM Genilson seria parecido com Césio? Ou que levou Genilson e depois Césio? Como chegaram à conclusão que poderia ser Césio na garupa?

²⁴ Ou seja, a PF acreditava que Amailton não tinha nada a ver com a morte de Judirley. Mas toda a investigação de Brivaldo ia nesse sentido. O caso no júri também ia nesse sentido. Omitiram isso dos autos propositalmente então?

²⁵ Logo, a PF não acreditava que Amailton estaria por trás da morte de Klebson, em Novembro de 1992.

²⁶ Quais seriam essas testemunhas? Edmilson Frazão cita que algo parecido teria lhe ocorrido, nos depoimentos que prestou ao Ministério Público em 24 de Março de 1995 e 28 de Março de 1995 (este em particular), conforme explicado no episódio 14 de “Altamira”. Há também menções parecidas no caso da morte de Rosa Coelho, contada também no episódio 14.

homem violento, acostumado a praticar inúmeros desmandos, sabemos de testemunhas que sentiram-se ameaçadas, sendo este fato considerado pelo Juiz Arrifano, que o pronunciou.

Contra Amailton pesa ainda uma acusação formulada por uma testemunha que presenciou ele passar com um carro, de marca gol, em que conduzia no porta-malas um menino morto²⁷, com as mãos e os pés amarrados, em companhia de Isaías de tal e de uma outra pessoa, que estava sentada no banco traseiro, mas que não o conhecia.

Outro ponto a salientar é de que deste o início das nossas investigações, em 1993 na cidade de Altamira, escutamos dizer que uma empregada de sua casa, de nome Fátima, encontrara a camisa suja de sangue que Amailton usava no dia em que Jaenes foi

²⁷ Caso Valdete, explicado no episódio 14. Todos os relatórios e depoimentos sobre seu caso que estão anexado nos autos do processo estão disponíveis [aqui](#). O que causa maior estranhamento nessa história é que ela não possui desfecho lógico: ela diz estar sendo ameaçada por um homem chamado Maurício, por conta de coisas que ela teria dito pra PF no final de 1994, referentes a esse episódio do carro com um menino morto que ela viu em 1989. A PF encontra esse Maurício em 1995, encontra fortes indícios de que ele é de fato um pistoleiro cobrador de dívidas, que um de seus contratantes seria Araquém Gomes (tio de Amailton), e a história para por aí. O que aconteceu com Valdete? E com Maurício? E quem eram as outras pessoas que supostamente estavam com Amailton em 1989? Isso nunca é explicado no processo. Se fosse algo tão sério e com fundamento, dificilmente teria sido ignorado como foi.

No APÊNDICE, Valdete é citada: “1.3 - VALDETE RODRIGUES BARROSO, viu Amailton e seu namorado Isaías, conduzir um menino morto dentro de um carro Gol ou Escort, nos idos de 87/88. A testemunha é identificada no relatório com o nome SILVIA e, atualmente está residindo em local incerto e não sabido. O Promotor Gessinaldo a conhece.”

morto²⁸, e que em razão disto Amailton teria também assassinado a empregada e desaparecido com o seu corpo²⁹.

Tais boatos não tornaram verídica a existência de Fátima até o presente momento, porém, várias foram as vozes correntes na cidade de Altamira, de que Rosa Coelho de Souza, que adiante mencionaremos, teria sido morta em razão de ser ela a pessoa empregada, à época, na residência de Amailton, e que teria visto as ditas roupas sujas de sangue.

Pois bem, se Rosa foi ou não morta pelos motivos acima descritos, a Equipe não pode ainda constatar, todavia, presume-se que a mesma tivesse tomado conhecimento de algo que pudesse identificar os envolvidos nos crimes de emasculação³⁰.

No limiar do encerramento da missão em 1995, após havermos praticamente esgotado todos os esforços no sentido de encontrar Fátima³¹, localizamos uma pessoa que havia trabalhado na residência de Amailton, que nos disse ter visto uma camisa azul, suja de sangue, embaixo de uma cama, dentro de um dos quartos da casa, dois dias depois do

²⁸ Aqui há um erro evidente da PF. Conforme explicado no episódio 5 de “Altamira”, a história da empregada “Fátima” e a camisa suja de sangue seria referente ao assassinato do menino Judirley da Cunha Chipaia, em Janeiro de 1992, e não de Jaenes, em outubro do mesmo ano.

Contudo, pelos depoimentos existentes nos autos, não há nenhuma confirmação sequer que Fátima de fato existiu. Todas as testemunhas que falam dessa história dizem que “ouviram dizer” e, quando vão atrás da fonte original, não há nenhuma confirmação.

²⁹ Primeira vez que aparece a história de que “Fátima” teria sido morta. Há claramente diversas confusões aqui: primeiro, sequer sabemos se Fátima existiu. Ninguém comprova sua existência.

Segundo, para a pesquisadora Paula Lacerda, em sua tese sobre o caso, a dona Rosa Pessoa (mãe de Jaenes) conta a história de uma cozinheira que seu irmão caminhoneiro certa vez conheceu na estrada, contando história similar. Ou seja, ela poderia ser “Fátima”.

Mas, terceiro, no caso da morte de Rosa Coelho (morta em 1992, por causa acidental de acordo com a polícia, mas que teve nova investigação aberta em 1995 por dúvidas de que ela poderia ter sido assassinada por ter visto algo referente a emasculações), há depoimentos de testemunhas que insinuam que ou Rosa Coelho ou alguma das suas conhecidas seria essa tal de “Fátima”.

Ou seja: é um emaranhado de informações que parecem não levar a lugar algum. **A própria PF parece admitir isso no parágrafo seguinte.**

Mas, novamente, tudo me parece cair por terra a partir do momento que a própria PF admite que o álibi de Amailton para o dia da morte de Judirley era sólido, e que ele não teria nada a ver com a morte do garoto indígena. A história de “Fátima” (ou “lenda”?) é originalmente relacionada a Judirley, e não Jaenes.

³⁰ Com base em que que se presume isso? A conclusão do inquérito da Polícia Civil no inquérito sobre a morte de Rosa Coelho é divergente nesse ponto, como se percebe no seu [relatório final](#).

³¹ **Ou seja, a própria PF admite que procurou “Fátima” e não a localizou.**

sumiço de Jaenes Pessoa³², época em que a mesma começou a trabalhar para a família. A estória ora narrada só é do conhecimento da testemunha, da Equipe e de uma outra pessoa, amiga da testemunha, que a indicou-nos³³.

Diante destes fatos, usa-se o raciocínio de que anteriormente à testemunha, alguma outra empregada teria trabalhado na casa de Amailton e, esta pessoa teria vivido o clímax dos fatos e comentado a outras pessoas o que teria visto, razão pela qual, a mesma poderia ter sido morta, fortificando ainda as informações prestadas por outra testemunha residente numa cidade da região do Tocantins³⁴, que narra ter ouvido Amailton dizer para um parente próximo, numa fazenda, na noite do dia em que Jaenes foi assassinado: -

³² Novamente, isso não condiz com os autos. "Fátima" aparece pela primeira nos autos pelo depoimentos de José Luiz Sobrinho, de 23 de Outubro de 1992, e ele diz explicitamente que ouviu essa história da camisa suja de sangue por volta de Janeiro daquele ano – ou seja, época da morte de Judirley.

Fora isso, quer dizer que Amailton teria matado Jaenes, ficado com a camisa suja de sangue, saído de moto por meses, e deixado a camisa suja debaixo de uma cama para qualquer um encontrar? Não faz sentido.

A impressão que dá é que estão tentando adaptar esse boato frente aos fatos apurados (como o álibi de Amailton no caso de Judirley).

Nessa nova versão "inspirada" em "Fátima", vemos no APÊNDICE deste relatório que a PF afirmava ter identificado essa empregada da época de Jaenes: "**1.4 - OLINDA MORA SILVA**, residente a Rua Coronel Castilho S/N, foi a empregada que viu a camisa suja a sangue no quarto, embaixo da cama e **Haroldo Barbosa de Oliveira**, hoje no Maranhão, confirma a estória, dizendo que Olinda lhe contou a mesma, na época dos acontecimentos."

Até onde identificamos, nenhum desses nomes aparecem nos autos do processo. Se "Fátima" foi identificada, e se havia uma testemunha (Haroldo) que assegurava ter ouvido essa história, por que ele nunca foi ouvido?

Apesar disso, uma coisa chama a atenção: na tese de Paula Lacerda, é mencionada história de que o irmão de dona Rosa Pessoa teria encontrado uma cozinheira no interior do Maranhão que contava história parecida, como se ela fosse Fátima. Teria isso alguma relação?

Não creio. Parece ser mais uma nova versão do boato de Fátima. Fosse algo relevante, teria entrado nos autos.

³³ Quem seria essa pessoa? POSSÍVEL RESPOSTA: É possível que essa passagem seja a que diz respeito o ponto 1.4 do APÊNDICE, sobre OLINDA MORA SILVA.

1.4 - OLINDA MORA SILVA, residente a Rua Coronel Castilho S/N, foi a empregada que viu a camisa suja a sangue no quarto, embaixo da cama e **Haroldo Barbosa de Oliveira**, hoje no Maranhão, confirma a estória, dizendo que Olinda lhe contou a mesma, na época dos acontecimentos.

³⁴ Quem seria essa testemunha de Tocantins? Da onde vem essa história? POSSÍVEL RESPOSTA consta no APÊNDICE:

1.5 - EUNICE PEREIRA DA SILVA e JOSÉ FRANCISCO RODRIGUES, casal que residia na fazenda de Araken Gomes, ouviu Amailton dizer para o tio que matara Jaenes e o tio comentar que ele havia também morto uma empregada que o vira com a roupa suja de sangue. Seus nomes não são declinados no relatório.

O "parente próximo" citado nessa passagem seria então Araquem Gomes, tio de Amailton.

“que ele ficara com pena de ter ajudado a matar seu parente”, e deste parente ter dito relacionando-se a empregada assassinada por Amailton: - “Por quê você fez isso com ela, ela já trabalhava a mais de três anos com a família”.

B – CÉSIO FLÁVIO CALDAS BRANDÃO:

A prisão do Dr. Césio foi considerada por nós inoportuna, em face de não termos tido tempo hábil para aprofundar as investigações sobre sua esposa³⁵. Assim, quando retornamos a Altamira em 1994, determinamos que o mesmo fosse melhor investigado procurando-se saber desde quando está na Transamazônica, na Fundação Sesp, em Altamira, quem eram seus amigos, enfim procurar dados que nos levasse a tentar formar um quadro definitivo sobre sua pessoa, em suma, se confirmaríamos que o mesmo é ou não culpado da morte de Jaenes Pessoa e outros que porventura viessem a surgir.

A Equipe apurou o seguinte:

- * - Césio saiu do Espírito Santo, onde se formou pela Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia, em Vitória; no ano de 1982, convidado pelos Drs. Taquetti e Mitsumio para clinicar na cidade de Uruará, por volta de 1986 ou 1987. Não há dúvida que sua chegada na Transamazônica deu-se por volta de um desses dois anos.
- * - Estagiou na Unidade Sanitária de Brasil Novo da Fundação SESP em 03.10.1988.
- * - Foi admitido no SESP/ALT através de concurso público, como médico "A", padrão 12 II, em 08.01.1990.
- * - Respondeu por homicídio culposo no Espírito Santo, nos idos de 83, sendo ao final absolvido (atropelamento).
- * - Possui conta corrente na Agência do Banco do Brasil de Altamira desde 01.NOV.1988.
- * - **Césio** declara que passou a residir em Altamira somente a partir de Janeiro/1990, entretanto, a Sra. Maria Luiza, funcionária da Emater, declarou que deu a luz em Julho/1989 e o médico que visitou os pacientes na manhã seguinte a data da sua entrada no SESP, 16.07.1989, foi Césio, e, era um domingo pela manhã.
- * - **Coincidentemente Césio nunca estava de plantão quando morria ou era levado o corpo de um menino³⁶**, com exceção do menor Flávio, em 29.03.1993, quando Césio

³⁵ Não queriam que Césio fosse preso ainda, pois queriam investigar sua esposa mais profundamente.

³⁶ A lógica aqui parece ser: como ele nunca estava de plantão, estaria emasculando as crianças?

executou o exame cadavérico no mesmo³⁷. **Ressalte-se** que o corpo de Flávio foi levado para a pedra, sem **emasculação, com os órgãos genitais em perfeito estado**³⁸. Segundo nos confidenciou a **DPC REGINA**, que exerceu suas funções em Altamira, o **IPC Fernando Paz Assunção**, que dias depois seria assassinado por traficantes de drogas, procedeu ao recolhimento do corpo do menor, e, o levou para o SESP, informou-lhe que havia olhado o pênis de Flávio e este estava completamente intacto e sem sangramento quando o encontrou. **A DPC Regina se propõe a depor em juízo**³⁹.

* - Em conversa com a **Dra. Ociralva Farias de Souza Tabosa**⁴⁰, **Promotora de Justiça, da 1a. Promotoria de Altamira**, a mesma nos informou que lá pelos idos de 1990, recebeu certo dia a queixa de **um enfermeiro que trabalhou com Césio na Unidade da SESP em Brasil Novo**, o qual relatou ter tido um caso amoroso com o citado médico⁴¹,

³⁷ Da onde tiraram essa informação? A única vítima que Césio “viu” foi Ailton, o menino cuja ossada foi encontrada 46 dias após desaparecer, em 1991.

³⁸ Parece haver uma confusão aqui – ou melhor, uma leitura enviesada do inquérito do garoto Flávio. Lá, especialmente no relatório final, o delegado Evando comenta que o garoto não estava exatamente emasculado como as outras vítimas, mas afirma que ele estava com a região genital mutilada. É muito provável que o Dr. Evando não fez uma análise aprofundada dos outros casos para chegar a essa conclusão. Fora isso, ele comenta em seu relatório que a ausência do pênis se deu após a morte do menino, e sem o uso de instrumento cortante. Talvez essa diferença do modus operandi tenha levado policiais em Altamira a acreditar que o Dr. Césio poderia ter feito a emasculação já no hospital. Mas, novamente, isso não condiz com o próprio inquérito de Flávio. É um boato sem qualquer fundamento nos fatos.

³⁹ Essa história inteira não possui qualquer ressonância nos autos. Por “DPC”, supomos ser “Delegada Polícia Civil”. Se foi isso, seria uma delegada da Polícia Civil chamada “Regina”. Ela não aparece em nenhum lugar no processo de Altamira, e definitivamente não é mencionada no inquérito de Flávio (o delegado que conduz o inquérito lá é o Dr. Evando Guimarães Martins). **Quem é essa Regina?**

De acordo com o APÊNDICE:

“2.1 - DPC REGINA - servia à época em Altamira. Fernando Paz Assunção, assassinado em abril/93 em Altamira, foi o Investigados de Polícia que removeu o corpo de Flávio Lopes da Silva, morto em 27.03.93, para a pedra da FSESP, ocasião que lhe disse estar o menor com o órgão genital intacto. Acusa o médico Césio de ter tentado emascular o menor ao cortar parte da glândula do pênis quando o mesmo estava na pedra.”

Por “IPC”, supomos ser “investigador da Polícia Civil”. Esse “Fernando Paz Assunção” não é mencionado no inquérito de Flávio.

⁴⁰ Do APÊNDICE: **“2.2 - OCIRALVA FARIAS DE SOUZA TABOSA** - Promotora de Justiça em Altamira. Conta um episódio envolvendo homossexualismo por parte de Césio, bem como afirma que Amadeu Gomes, acompanhado do Advogado Hercílio Pinto andou ameaçando, na véspera, as testemunhas que deporiam contra seu filho Amailton. O funcionário do fórum GILSON, que trabalhava na Promotoria pública sabe do primeiro fato.”

⁴¹ Novamente, outra história que não faz o menor sentido. E mesmo que esse caso amoroso realmente tivesse existido, o que ele teria a ver com o caso dos meninos emasculados? Percebe-se aqui o mesmo padrão que havia contra Amailton: crimes de natureza sexual seriam feitos por alguém que possui alguma “perversão” (para a mentalidade da época) – no caso, relacionamentos homossexuais.

quando ali conviviam, habitando o mesmo quarto, e, que o motivo de ele ter comparecido a presença da Promotora, fora para que ela o notificasse a fim de que partilhassem os poucos bens que haviam amealhado na vida conjunta. Assim, a Dra. Ociralva expediu uma notificação ao Dr. Césio, tendo este comparecido e partilhado com o enfermeiro um ventilador cor-de-rosa, almofadas, roupas de cama, toalhas e outros pequenos objetos. A Dra. Ociralva contou ainda que não sabe que fim levou a notificação expedida, porém lembra-se bem do Dr. Césio "... do seu jeito arrogante e da sua cara feia", quanto ao enfermeiro, não guardou bem a sua fisionomia, pois só o viu naqueles momentos, mas lembra-se de tê-lo ouvido falar "... ser de tamanha injustiça o que estava acontecendo,... depois de tanta dedicação e carinho,... ele chegava cansado do hospital e deitava-se de roupa e tudo e eu sempre lhe preparava um lanche e cuidava de suas coisas,... Eu não sou qualquer um, sou um enfermeiro formado." Gilson⁴², um funcionário do Fórum que à época trabalhava com a Dra. Ociralva, conhece o enfermeiro, tendo informado que nunca mais o viu. Gilson lembra-se de também ter notificado o enfermeiro, que na ocasião residia no Hotel Moraes, apto. 111, e, pensa que o nome do mesmo é ADELADIO CORREIA MAUÉS⁴³.

* - caso folha de ponto. Césio declara que sempre cumpriu o horário de trabalho fixado pela Fundação SESP, no entanto, encontramos folha de ponto assinadas por ele no P S da Brasília, que se verificadas, lhe dão o dom da onipresença, pois, no mesmo horário ele conseguia estar no SESP e no P. S. Brasília. Vide Pasta Césio⁴⁴.

Ainda sobre folha de ponto, consta na sua, referente ao mês de Outubro/92, como seu Chefe imediato a assinatura do funcionário administrativo João Feliciano Caramuru dos Santos⁴⁵, encarregado do Setor Financeiro. O Chefe da Unidade era o Dr. Aroldo⁴⁶, mesmo que este se encontrasse de férias, seu substituto na chefia da unidade deveria ser um Médico e não um funcionário administrativo. Pensamos que este fato é tipicamente

⁴² Quem é esse funcionário do Fórum chamado "Gilson"? É citado brevemente no ponto 2.2 do APÊNDICE, sem maiores detalhes.

⁴³ Nome do suposto enfermeiro que teria um caso com Césio. Será que ele existe mesmo? Seria realmente um enfermeiro? Pelo amontoado de boatos que esse relatório é, tenho dificuldade em acreditar em qualquer coisa.

⁴⁴ Esse trecho dá a entender que a PF teria uma pasta com vários documentos, dedicada ao Dr. Césio. Teriam outras pastas para cada um dos suspeitos? O que haveria nessas pastas? Onde elas estão? Onde está essa folha ponto do Posto de Saúde do bairro Brasília? Por que não foram pros autos?

⁴⁵ Suspeita de que Césio teria superiores ajudando a adulterar sua folha ponto.

⁴⁶ Seria o Dr. Aroldo Rodrigues Alves? Conhecemos o nome dele pelo laudo cadavérico do menino Jaenes, de 06 de Outubro de 1992, que assinou juntamente com a Dra. Liliane Tabosa.

interno, da Fundação, entretanto se configurada for a adulteração da folha de ponto, passa a ser caso da Polícia Federal, já, que, se verdadeira, haveria dolo nesta adulteração, e, conseqüentemente, crime.

* - Folha de Atendimento de Pacientes - **caso do atendimento da Gracinda**⁴⁷. Gracinda Lemos Magalhães, funcionária da SESP em Altamira, assinou uma declaração e depôs em juízo que no dia 1º de outubro de 1992, sofreu uma pequena operação na Fundação SESP, executada pelo Dr. Césio, e que, permaneceu com o mesmo até por volta das 11:30 hs, quando este a teria deixado em casa e seguido o seu caminho. O estranho é que a Fundação SESP tem como norma que todo atendimento deve ficar registrado. Não há registro da passagem de Gracinda pelo pronto-socorro; pela sala de cirurgia, nem nada foi anotado na sua ficha médica. Será que Gracinda foi realmente atendida pelo Dr. Césio neste dia?

Ainda no que diz respeito ao atendimento de Gracinda, podemos citar que **é impossível o médico Césio ter despendido aproximadamente duas horas com uma paciente**⁴⁸, haja vista do grande volume de casos urgentes que o médico plantonista tem que atender diariamente, por mais que o caso de Gracinda tenha sido urgente.

⁴⁷ Estranha o fato de não haver registros sobre o atendimento que Césio fez em Gracinda. No APÊNDICE, lemos o seguinte: **“2.3 - GRACINDA LEMOS MAGALHÃES - funcionária da SESP, já ouvida em juízo, assinou declaração afirmando que estivera com Césio por boa parte da manhã. Confirmar a autenticidade da mesma, uma vez que na FSESP não consta nenhum documento que comprove o atendimento médico da mesma naquele dia 01.10.1992, data da morte de Jaenes.”**

⁴⁸ Como a própria Gracinda diz, ela teve que ser submetida a uma cirurgia de emergência. Ou seja, em 2 horas, ela foi atendida, avaliada, preparada para a cirurgia, submetida à cirurgia, enfim, o procedimento todo. Não parece ser algo incomum tudo isso levar duas horas. O agente José Carlos chegou a fazer um estudo sobre quanto tempo isso deveria para fazer afirmação dessas?

* - **caso da maletinha**. É citado por testemunha, como sendo o médico que ia a residência de Amailton no final do ano de 1987 quando tudo começou⁴⁹. Naquela ocasião ocorreram os primeiros sumiços de meninos, e, um grupo relativamente grande de pessoas ali se reuniam. Isto, entretanto, será contado mais adiante.

* - **caso do menino seqüestrado**. Esta estória é contada por **D. Raimunda**, irmã de uma outra senhora que é Conselheira do Conselho Tutelar de Altamira⁵⁰. No transcorrer de 1992, Loura (R.F.F.) teve o filho Darlan F.P.O. seqüestrado por quatro homens encarapuçados, que o levaram para uma chácara nos arredores de Altamira e inicialmente o deixaram num curral, posteriormente foi trancado em um quarto da casa. Na madrugada do dia subsequente, quando já clareava o dia, ouviu o barulho de aproximação de um carro, logo depois, chegou o Dr. Césio e entrando no quarto, por algum motivo, saiu do mesmo, deixando a porta aberta, começou a discutir com esses homens, ocasião em que o menino aproveitando o descuido dos mesmos, fugiu da casa, indo refugiar-se numa chácara vizinha, pertencente a um leiteiro, que lhe deu guarida e o conduziu escondido dentro de uma carroça embaixo de um plástico preto entre os taros de leite até sua casa situada na Rua Cel. José Porfirio s/n. No trajeto feito pelo leiteiro, o menino pode notar que dois carros passaram pela carroça. Logo em seguida, o leiteiro falou para ele, que ficasse tranqüilo, pois os mesmos já tinham ido embora. Segundo

⁴⁹ O agente José Carlos aqui está dizendo que Césio seria o médico que ia para a casa de Amailton no de 1987, num caso conhecido como “caso da maletinha”, que será explicado mais adiante. Esse caso nunca apareceu nos autos.

Para além disso, afirma que naquela ano, 1987, teriam ocorrido os primeiros sumiços de meninos. Da onde ele tirou isso? De acordo com o próprio Comitê em Defesa da Vida das Crianças Altamirenses, os casos começaram em 1989.

1987 é um ano importante para a Polícia Federal, pois é o ano que descobrem que Valentina esteve por lá pela última vez. De acordo com a linha de investigação da PF, ela teria ido para lá para lançar as bases da sua “seita”. Mas não houve nenhum caso ocorrido em 1987. Se houve, não entrou para os autos, e nem as famílias das vítimas tem conhecimento dele. **Então, novamente, em que informações o agente José Carlos está se baseando para fazer essa afirmação?**

Aparentemente, essa história teria alguma relação com a história de Valdete, como lemos no APÊNDICE desse relatório:

“2.4 - CASO DA MALETINHA - VALDETE RODRIGUES BARROSO - afirma que o médico que fazia parte das reuniões na casa de Amailtom, quando presenciou a saída do corpo do menino morto na parte de trás do Gol ou Escort era o Dr. Césio.”

⁵⁰ No apêndice do relatório, lemos:

“2.5 - CASO MENINO SEQUESTRADO - LOURA e o filho DARLAN - Raimunda, irmã de Rosa Pessoa conhece toda a estória e sabe aonde localizá-los.”

Loura, o menino reconheceu o Dr. Césio por ter sido atendido por ele um ano antes na Fundação SESP⁵¹. Este informe é recente e não deu ainda para confirmar, mas pelos antecedentes e a pessoa eu o narrou cremos que o mesmo seja possivelmente verdadeiro, com pequenas alterações do realmente ocorrido, e também, podendo este fato, ter correlação com as declarações de SAMARA⁵², que veremos mais abaixo.

Hoje, parece a nós não restar dúvidas de que Césio seja culpado, que faça parte do grupo que assassinava e emasculava meninos em Altamira, fortificando assim, as declarações prestadas pelo senhor **AGOSTINHO JOSÉ DOS SANTOS**, que naquela oportunidade teria reconhecido o Dr. Césio como sendo a pessoa vista saindo próximo do local onde o corpo de Jaenes posteriormente foi encontrado.

⁵¹ Este relato também está no relatório de 1996 do Comitê, na vítima de número 19, lá intitulada “DFPO - SEQUESTRO E FUGA”. Também é citado lá que o garoto teria reconhecido o Dr. Césio por já ter sido atendido por ele. Na tese de Paula Lacerda, é citado corretamente que “o reconhecimento do médico não foi feito em nível formal”. Também de acordo com a sua tese, não foi aberto inquérito para este caso.

⁵² SAMARA = Eudilene. No APÊNDICE, lemos:

“2.6 - SAMARA - EUDILENE, mora em São Domingos do Araguaia com a mãe. Conta que Césio a teria estropado e narra que o mesmo teria participado de homicídios, seguidos de emasculação em menores no sítio da estrada Princesa do Xingu.”

C – ANÍSIO FERREIRA DE SOUZA:

Sobre Anísio tudo que se disser é pouco. Para se ter uma idéia do seu conceito junto ao povo e a própria classe médica de Altamira, até o presente momento não sabemos de ninguém que tenha erguido a voz para defendê-lo das acusações que sobre si pesam. Nem os médicos do SESP que lutam pela defesa de Césio, ergueram uma palha por Anísio⁵³. No relatório de 1993 já narramos atos cometidos pelo mesmo, que sem dúvida o coloca no rol dos culpados pelas emasculações de Altamira⁵⁴. Outros dados foram surgindo no transcorrer de 1994 e 1995. No relato abaixo vão mais alguns.

No dia 01.11.95⁵⁵, estivemos conversando com P. F. S.⁵⁶, que sobre o período em que viveu na Creche do Dr. Anísio⁵⁷, no Bairro da Brasília, disse-nos que; foi criada na Creche dos 04 aos 11 anos de idade e de lá foi tirada por sua mãe, em virtude de um tio seu, proveniente do Maranhão, ter informado que o Dr. Anísio era tido como um médico **matador**, e como via o grande número de mortes de crianças na Creche, ficou com medo. QUE, nunca relatou ao Dr. Anísio o real motivo de ter saído de sua guarda, mantendo um bom relacionamento, pois o considera seu tio; QUE, no dia 31.09.92, por estar necessitado de dinheiro para cobrir algumas promissórias referentes a mercadorias que revendia (perfume etc...), depois de algumas tentativas, procurou o Dr. Anísio em sua Clínica localizada na Travessa Benaroc, lá chegando por volta das 17:00 horas; QUE, o Dr. Anísio estava atendendo um paciente e pediu para que aguardasse, logo em seguida tocou o telefone e a enfermeira que o atendeu chamou Anísio para falar; QUE, Anísio conversou “em inglês” por aproximadamente uma hora e que já ao final da conversa

⁵³ É notório que Anísio não era bem quisto pela classe médica de Altamira, e o próprio admitia isso em depoimentos prestados. Ou seja, não deveria ser um espanto, visto que era um médico que trabalhava de forma independente e particular. É bem provável que realizasse procedimentos polêmicos, como abortos ou esterilização de mulheres, o que contribuiria para sua má fama. Ainda assim, quem testemunhou a favor de Anísio foram algumas de suas ex-funcionárias.

⁵⁴ Quais seriam? Só saberemos se tivermos acesso ao relatório de 1993.

⁵⁵ Data próxima ao período em que estiveram em Altamira investigando o caso de Valdete, cujos relatórios datam de Outubro de 1995. Isso deve ter ocorrido nesse mesmo período como uma das missões paralelas da equipe da PF.

⁵⁶ De acordo com o APÊNDICE: “**3.1 - PATRÍCIA FERREIRA DE LIMA** - Rua Manoel Umbuzeiro s/n, numa vila que fica defronte ao nº 1770, criada numa creche que o Anísio tinha em Altamira, conhece estórias do Anísio – identificada no relatório pelas iniciais P.F.L.”

⁵⁷ A existência dessa creche já havia sido mencionada em algum ponto do processo? Não me recordo.

entendeu a seguinte frase “às seis horas estava tudo pronto, podia esperar”⁵⁸; QUE, perguntado se conhecia o idioma falado por Anísio, respondeu que no tempo em que morou na creche ele mesmo ensinava as crianças noções de tal língua; QUE, após falar ao telefone, Anísio que já estava de saída, deu-lhe o dinheiro e perguntou se queria carona, tendo respondido que não, pois tinha vindo de bicicleta; QUE, saíram juntos da Clínica e viu quando Anísio entrou em um carro vermelho, pequeno, que o esperava, estando em seu interior o **Dr. Césio e o Amailton**⁵⁹; QUE, disse conhecer o Dr. Césio Brandão da Fundação SESP, onde fez o pré-natal de um de seus filhos; QUE, o Amailton, não conhecia pessoalmente, tendo-o reconhecido quando o viu na televisão, como sendo o homem que estava no carro com Anísio e Césio; QUE, passado algum tempo foi procurado por uma mulher loura⁶⁰ e que seis dias após ter ido na Clínica, já no final da tarde, Dr. Anísio, acompanhado da tal mulher loura, chegaram em sua casa e sem saírem do carro, uma D-20 Preta, de vidros escuros, conversaram e Anísio lhe perguntou se tinha ouvido alguma coisa do que falou ao telefone no dia em que esteve lá, tendo P. negado veementemente ter ouvido qualquer coisa, momento em que Anísio lhe disse “**que se tivesse ouvido alguma coisa era pra ficar de bico calado, falar não seria bom**”; QUE, achou estranho as roupas que vestiam, pois eram capas pretas de plástico, tipo de chuva, mas não estava chovendo⁶¹, Anísio vestia por baixo da capa uma camisa branca, e a mulher que tinha os cabelos cortado estaqueado, na altura dos ombros, pintados de louro/avermelhado, e usava brincos grandes e óculos escuros espelhados, trajava por baixo da capa uma blusa preta de mangas compridas; QUE, perguntado se conhecia **Isaías**⁶², motorista do Anísio, respondeu que não, que o único motorista que conheceu foi um branco de olhos verdes, cujo nome não recorda. **OBS:** Provavelmente a testemunha refere-se a **ELTON**⁶³, sobrinho de Ananias, que trabalhava como motorista de sua Brasília branca, mais tarde conhecido como o Monstro do Pacajás, por ter eliminado alguns policiais militares quando conduzido preso.

⁵⁸ Ela entendeu parte de uma conversa que estava ocorrendo em inglês? Os agentes da PF chegaram a testar pra ver se ela entendia inglês mesmo?

⁵⁹ Mais uma suposta testemunha que afirmava ter visto Anísio com Césio, e agora com Amailton. Por que ela não foi arrolada?

⁶⁰ Quem a PF acreditava ser essa mulher loura? Valentina? No caso Evandro/Leandro ela era referida assim (erroneamente).

⁶¹ O que a PF entendeu com isso? Que seriam robes cerimoniais? Se sim, a cena toda seria ainda mais bizarra do que já parece.

⁶² Quem é esse Isaías? Ele já apareceu no processo?

⁶³ Quem é esse Elton? Ele já apareceu no processo?

Outro fato que soubemos a respeito de Anísio e que vem a confirmar as declarações de **Silvia**⁶⁴, diz respeito ao sangue utilizado pelo mesmo nos pacientes. Segundo o testemunho de **Mz**⁶⁵, que trabalhou em sua clínica na condição de enfermeira, Anísio quando necessitava efetuar algum tipo de transfusão de sangue, saía da clínica, se dirigia a algum local ignorado pela testemunha e, passado aproximadamente uns 30 minutos, retornava com o mesmo dentro de sacos plásticos, numa embalagem semelhante a de açaí, na qual estava apenas fixado um esparadrapo com um nome, e era ele mesmo quem aplicava, passando o material para um vidro bojudo com tampa e duas saídas.

Conta ainda a testemunha que com Anísio trabalhava um médico de “pele” (dermatologista), conhecido por Dr. RUI ou DUI, que era baixo, careca, moreno, com 35 a 40 anos, clinicava geralmente pela manhã e algumas vezes durante a noite, morava em uma Rua próximo ao Cléo Soares (radialista). QUE, sobre os fatos estranhos, recorda-se que em certa data o Dr. Anísio mandou busca-la em casa, por volta das 21:00 horas, alegando precisar delas durante a noite, quando por volta da meia noite, mandou que elas fossem até a casa do Dr. Rui avisa-lo que viesse até a clínica, mas o mesmo não estava em casa. Retornando para a Clínica encontraram as portas fechadas e na rua ficaram até as 05:00 horas quando saíram Anísio e Rui de dentro da Clínica.

Esta testemunha foi mais uma que muitas vezes presenciou, quando de sua chegada no trabalho (07:00 horas), Dr. Anísio **conversando em Inglês ao telefone, inclusive perguntando espantada a enfermeira chefe se aquilo era inglês, tendo como resposta que sim. Nesta época Taqueti já estava para os Estados Unidos**⁶⁶.

⁶⁴ Valdete. Essa declaração dela será mencionada na seção O, mais adiante. Lá, lemos: “Enquanto aguardava o namorado, presenciou certa vez o Dr. Anísio sair da casa de Amailton com vários sacos de sangue nos braços e colocar no banco traseiro de sua Brasília.”

No APÊNDICE, lemos o seguinte: “**3.2 - SILVIA = VALDETE RODRIGUES BARROSO**, viu Anísio saindo da casa de Amailton com saquinhos de sangue, na época em que viu Amailton retirando o menino morto dentro do carro.”

⁶⁵ No APÊNDICE, lemos: “**3.3 - Mz = MARIZA MELO**, Rua 05, s/n, bairro Aparecida, fala dos mesmos saquinhos de sangue, embalados semelhantemente a açaí, e cita conversas em inglês que Anísio mantinha ao telefone.”

⁶⁶ Aqui, o agente José Carlos está dando a entender que Anísio estava envolvido em alguma espécie de tráfico internacional, talvez de órgãos. Ele fala mais sobre isso no decorrer do relatório.

Interessante como essa questão dele supostamente falar inglês ao telefone ganha uma relevância aqui no relatório que é inexistente no processo.

D - INVESTIGAÇÃO JUDIRLEY CUNHA CHIPAIA - crime ocorrido em 01.01.1992:

No dia 01.01.1992, Judirley Chipaia acompanhou sua família num churrasco de confraternização na chácara Santa Rita, propriedade de João Roberto, conhecido em Altamira pela alcunha de João da Verdura, localizado na estrada da Serrilha, às proximidades do Igarapé do Cupiúba. Por volta das 14:00 hs, em companhia de irmãos foi refrescar-se no igarapé que fica aproximadamente uns 700 metros da chácara. Depois de algum tempo o grupo retornou, tendo Judirley dito que iria logo em seguida, desaparecendo, e sendo encontrado no dia 03.01.92, por volta das 12:00 hs, por soldados do Exército - 51º BIS – no ramal da Dispan, morto e emasculado, apresentando o corpo totalmente nu, com profundo golpe no ânus e de faca em várias partes do corpo. O local aonde o corpo foi encontrado era de mato cerrado, distando uns 30 metros do ramal da Dispan, situado no meio do caminho entre o Igarapé e a Chácara.

O “modus operandi” deste crime é no mínimo intrigante, pois no local aonde o corpo apareceu não há um vestígio de luta, sangue ou qualquer coisa que indique o lugar como cenário de crime⁶⁷. A falta de vestígios dá a certeza de que o mesmo ocorreu em outro ponto, sendo, posteriormente, o cadáver, deixado aonde foi encontrado. Mais, um cadáver em decomposição há três dias, exala mau cheiro, então, como explicar que os urubus só tenham começado a circunvoluir sobre a mata, por volta das 12:00 hs, indicando, assim, o local para o pessoal do Exército que localizou o corpo. Pensamos que alguém encontrou uma maneira de chegar até a estrada da Dispan, sem ser percebido, à noite, ou mesmo durante o dia, e ter se livrado do corpo, num lugar em que fatalmente seria encontrado, com certeza de impunidade, haja vista que próximo existiam marcas, ainda frescas, de pneus de carro pequeno.

Investigado na segunda fase da Operação Monstro de Altamira (94) as conclusões obtidas, apesar do criterioso trabalho desenvolvido, não podem ser analisadas como finais⁶⁸, pois a partir da realização da terceira fase da referida operação, os fatos ainda

⁶⁷ Não há laudo de local. Como ele pode afirmar isso? Provavelmente está se baseando no relato de familiares ou outras pessoas que dizem o que viram.

⁶⁸ Que conclusões seriam essas, visto que o próprio José Carlos afirma que não foi produzido relatório da segunda fase?

obscuros no que diz respeito a quem pertencia a **camionete pampa, de cor marrom**⁶⁹, que fora vista no campo de futebol próximo ao local de sumiço do menor, começou a tomar sentido quando **Silvia narrou em suas informações, quem à época era proprietário de uma pampa com as características acima descritas, o latifundiário e agropecuarista da região JOSÉ CARLOS BERGAMIN, fortificando as informações de testemunhas, de que a pampa transportava mudas de abacaxi e fora posteriormente vista próxima ao Aeroporto, local onde o citado é proprietário de terras**⁷⁰.

Inúmeros são os suspeitos elencados, entre eles **Amailton Gomes; Luiz Capiche Neto; Welton Nardoto e Vantuil Estevão de Souza**, entretanto, dentre estes nenhum com subsídios tão fortes quanto os de José Carlos Bergamin⁷¹, apesar de tais fatos virem a ser de conhecimento da Equipe já no encerramento da terceira fase, inclusive ressaltando que a figura do nominado está intimamente ligada a Pms e Pcs suspeitos de envolvimento em seqüestro de menores e outros crimes, sendo o mesmo o patrocinador das festas comemorativas dos “serviços” bem sucedidos, executados por aqueles policiais. Até o presente momento, nada se conseguiu provar, neste crime, contra os mesmos, entretanto, os nomes de Luiz Capiche e Vantuil serão comentados, mais adiante, neste Relatório.

Como fatores exógenos temos as famosas forças ocultas, pois a morte de Judirley deu origem a abertura do IPL 001/92-DEPOL/ALT, presidido pelo **DPC Carlos Augusto Mota Lima**, que em princípio, na nossa maneira de ver, estava trilhando o caminho certo⁷², ouvindo as pessoas que deveria ouvir, quando chegou uma equipe enviada de Belém, chefiada pelo DPC Bertolino Neto, que no dia 08.01.92, prendeu Rotílio Francisco do Rosário, apresentando a população como sendo o matador e emasculador dos meninos.

⁶⁹ No inquérito de Judirley, é mencionada uma pampa cor vinho, igual à de Amailton. Não marrom. Mas aqui, o agente José Carlos já afirmou que o álibi de Amailton para Judirley era sólido. Isso contradiz boa parte do processo.

⁷⁰ Novamente, Valdete aparece. O relatório parece deixar claro que ela seria uma testemunha mais forte do que o que aparece no processo.

De acordo com o APÊNDICE:

“PAMPA CAFÉ C/LEITE - JOSÉ CARLOS BERGAMIN

4.1 - VALDETE RODRIGUES BARROSO - SILVIA - *Cita que J. C. Bergamin possuía uma pampa naquela cor que faria parte do grupo de emasculadores.”*

⁷¹ PF está descartando os principais suspeitos do histórico do caso Judirley, inclusive o próprio Amailton, e passando a desconfiar desse José Carlos Bergamin, que nunca foi sequer citado.

⁷² Curioso: a PF acredita que o então delegado de Altamira, o Dr. Carlos Augusto Mota Lima, estava fazendo uma boa investigação, e que foi atrapalhada pelo trabalho da equipe que veio de Belém, comandada pelo delegado Bertolino Neto.

Vários foram os autos de reconhecimento e todos aparecem como tendo reconhecido **Rotílio** como o criminoso. Dois dias depois da sua prisão o nominado apareceu morto dentro do xadrez da P.M., tendo o laudo médico atestado Cirrose Hepática, quando expedido pelo Dr. Francisco Aragão, médico legista credenciado. **Convém lembrar que apesar de legista credenciado, o Dr. Aragão nunca fez uma autópsia, por falta de meios materiais e humanos, daí a dúvida que surge quando o mesmo atesta que Rotílio teria morrido em decorrência de cirrose hepática⁷³. Não deixe de ler o tópico referente ao Dr. Aragão, mais adiante, neste Relatório.**

Na realidade, Rotílio, com a complacência do Judiciário e Ministério Público, foi torturado até a morte. A Polícia tinha conhecimento de que era inocente, prova disso, é que consoante as investigações realizadas, deparamos com **um Termo de Declarações prestado no dia 15.01.1992, pelo Sr. José Pereira de Souza⁷⁴, conhecido por “Zé Araguaína” ao Delegado Carlos Augusto, em que seu teor afirma conhecer Rotílio desde 1970, chegando a morar consigo por diversas vezes e períodos, acrescentando ainda que no dia 01.01.92, dia da morte de Judirley, esteve com Rotílio na localidade de CIPÓ AMBÉ, distante uns 20 kms de Altamira, saindo o mesmo por volta das 16:00 hs, em um caminhão, para ir buscar uma carrada de areia na Fazenda IPÊ, na localidade denominada Serrinha, distante uns 80 kms de Altamira. Judirley foi apanhado por volta das 14:30 hs do dia 01.01.1992, na estrada da Serrinha, às proximidades do Igarapé do Cupiúba, distante pelo menos uns 15 kms de onde Rotílio estava. Rotílio com certeza não tinha o dom da onipresença, não poderia estar em dois locais ao mesmo tempo. Era inocente!**

A **inocência** de Rotílio viria a ser confirmada também, pelo **Delegado Roberto Carlos Macedo Lima, através do ofício nº 743/92-DMA de 05.10.92, endereçado ao Coordenador de Polícia Civil, DPC Rafael Bezerra Neto⁷⁵, ao fazer um relato da situação da Delegacia na época, diz: “Não há dúvida alguma que Rotílio Francisco do Rosário, indiciado no Inquérito presidido por uma equipe vinda de Belém, não era o autor dos crimes, mesmo porque não enquadrava-se na descrição do autor (existe um retrato falado do mesmo nesta D.P.), bem como, no perfil psicológico do autor dessa barbárie”.**

⁷³ Joga dúvidas sobre o trabalho do Dr. Aragão no caso da morte de Rotílio. Mais adiante, no tópico dedicado ao médico, recomenda que ele seja investigado.

⁷⁴ Este termo de declarações não consta nos autos. Onde ele estaria?

⁷⁵ Este ofício não está nos autos. Onde ele estaria? Como ele teve acesso?

Com a interrupção das investigações da morte de Judirley, importantes pistas deixaram de ser seguidas, proporcionando um tempo para os criminosos deixarem a poeira baixar e retornarem a sanha em 01.10.92, com a morte de Jaenes da Silva Pessoa.

Amailton a esta altura já era um dos suspeitos do crime cometido contra Judirley, pois, segundo testemunhas, seu carro, um saveiro vinho⁷⁶, teria sido visto às proximidades de um campinho de futebol, próximo ao Igarapé Cupiúba, quando na realidade o carro avistado era uma pampa marrom (café com leite)⁷⁷.

Outro suspeito, Luiz Capiche, conhecido homossexual da cidade, e, com larga folha criminal no seu Espírito Santo, foi também alvo das investigações policiais, tendo sido deixado de lado, bem como Vantuil Estevão de Souza (marido da juíza Vera Araújo), em cuja fazenda Judirley estivera um mês antes levando um cavalo⁷⁸. É bom não se esquecer, que Vantuil está também envolvido no desaparecimento do menor Rosinaldo Farias, desaparecido em setembro de 1993.

Como outros pontos obscuros da nossa investigação, temos o desconhecimento de a quem pertencia a Pampa café com leite, que foi vista no campinho de futebol no dia da morte de Judirley, e, que, inclusive passou na ponte do Cupiúba em alta velocidade. Quem dirigia? Qual a sua participação no homicídio? O que viu? Estas e outras perguntas, no futuro, poderão nos ajudar a desvendar este crime.

Antes de passarmos a outro tópico, quero esclarecer que esta digressão tem muito a ver para a boa compreensão do resultado das nossas investigações.

⁷⁶ José Carlos demonstra saber que Amailton era suspeito por ter uma saveiro cor vinho, não marrom.

⁷⁷ Como ele sabe que o carro era marrom, e não vinho? Da onde tirou essa informação e formou sua convicção?

⁷⁸ Da onde ele tirou essa informação de que Judirley foi à fazenda de Vantuil? Onde está isso?

E - CASO SANDOVAL FRANCISCO DA SILVA⁷⁹

Este menor, conforme se verá no relato abaixo, foi raptado, mas conseguiu fugir de seus algozes, nos fornecendo boas informações. O relato de Sandoval é importante, na medida em que começamos a visualizar os “policiais” que integravam o bando. Ei-las:

⁷⁹ No relatório do Comitê em Defesa da Vida das Crianças Altamirenses de 6 de Outubro de 1996, a história de Sandoval é narrada assim:

20. SFS - MILAGRES AINDA ACONTECEM

*No dia 22 de novembro de 1992, pelas 16.30 horas, SFS, 13 anos, retornava da escola. Caminhava para casa sozinho, quando um **Fusca branco** parou ao seu lado e um dos ocupantes apontou uma arma de fogo para ele, mandando que entrasse no carro e não gritasse, se não ele atiraria. O adolescente, com muito medo, obedeceu pois temia correr e eles atirarem. No carro estavam 3 pessoas, todas encapuzadas. Ele ficou no banco de trás junto com um dos homens. Os dois que vinham na frente conversavam, mas ele não conseguiu escutar nada.*

*O carro deu muitas voltas pela cidade. Quando já tinha anoitecido, o veículo enveredou pela rodovia Ernesto Acioly. Uns 200 metros após a sede da AABB, logo depois da entrada do Bairro da Colina, o carro parou embaixo de uma mangueira. Os dois homens que iam na frente, o motorista e o vestido de soldado, saíram e distanciaram-se, ficando fora do alcance visual. Transcorrido algum tempo, alguém chamou: “**Negão, vem cá!**” O homem que tinha ficado com SFS saiu do carro indo ao encontro de seus companheiros. O garoto aproveitou o momento para experimentar a maçaneta da porta do lado oposto ao motorista. Para seu espanto, estava aberta.*

*Saiu do veículo. Do lado de fora, viu sua bicicleta encostada no carro. Pegou-a, mas esta caiu. Ele a arrastou um pouco e a seguir montou-a para fugir, descendo a rodovia Ernesto Acioly. Ainda teve tempo de ouvir um dos homens gritando: “**O menino está fugindo!**” Alguém também disparou um tiro em sua direção, mas ele pedalou desesperadamente, sem olhar para trás e nem parar em lugar algum. Entrou na rua Abel Figueiredo e foi parar na casa da companheira do pai, na rua dos Seis Metros, onde chegou arrastando a bicicleta que, na fuga, tinha furado os pneus e amassado as rodas.*

Lá, encontrou um Policial Militar que se prontificou a levá-lo na Delegacia de Polícia.

*Nessa época estavam em Altamira, em missão especial relacionada com a matança das crianças, os Delegados **Brivaldo Soares** e **Orion Klautau**. SFS e sua mãe informaram o que ocorreu. Três policiais foram juntamente com o adolescente ao local onde ele conseguira fugir. No outro dia, o mesmo acompanhou novamente a polícia até o local.*

*No transcorrer do seu depoimento da Delegacia de Polícia, os policiais acusavam SFS e o **pressionavam** constantemente para que contasse a verdade. Diziam também que ele estava querendo acusar um colega, pois um dos investigadores tinha o porte físico muito assemelhado ao bandido que usava a escopeta, só não podem afirmar que era ele por não ter visto o seu rosto.*

*No ano de 1994 apareceram em sua residência dois homens brancos, bem vestidos, que se disseram policiais federais e apresentaram-lhe um documento da “juíza”, que seria uma **autorização** para que o menino fosse com eles até Belém, a pretexto de identificar um dos seus sequestradoras entre alguns presos. A mãe achou essa história estranha e não acreditou em tais homens. Tratou de **esconder** o adolescente numa colônia afastada da cidade.*

No dia 20.10.95, conversamos com o menor *SANDOVAL FRANCISCO DA SILVA*, o qual sobre os fatos ocorridos em 23.11.92⁸⁰, de maneira calma e serena, narrou-os, transmitindo tranqüilidade e o desejo de se lembrar de detalhes porventura esquecidos em outros relatos.

Lembra-se Sandoval, que estava em época de provas no colégio e que neste dia terminou sua aula as 15:30 horas aproximadamente, e, como vinha sempre junto com sua irmã de bicicleta, brigaram pôr motivo qual não se recorda, vindo sua irmã a pé e ele um pouco mais tarde de bicicleta. Já pôr volta das 16:30 horas, quando pedalava na Rua Abel Figueiredo, próximo ao muro do Matadouro Municipal, terceiro poste de iluminação pública, foi “fechado” por um fusca branco de vidros escuros, e saindo do seu interior pelo lado direito, um homem com camisa branca do exército com uma onça pintada no peito, calça comprida, um capuz preto com abertura apenas em volta dos olhos, com um cordão de metal branco com uma medalha pendurada (idêntica a utilizada pôr soldados em filme de guerra, o que deduzimos ser uma plaqueta de identificação), empunhando um revólver, lhe ordenou que entrasse no carro, isso fazendo, deparou-se no interior do carro, sentado no banco traseiro, um homem de cor negra, compleição forte, com capuz marrom, também usando um cordão de metal branco com medalha pendurada, portando uma escopeta (espingarda de um cano, com coronha e cano torados), que lhe apontava o tempo inteiro e do que estava ao volante, lembra-se apenas de que usava um capuz preto.

Recorda-se que quando o homem abriu a porta do carro lhe apontando a arma, ficou praticamente imobilizado, com as pernas tremulas e sem conseguir esboçar qualquer ação, deixou sua bicicleta cair, entrando no carro e de imediato o homem que apontava a arma também entrou e saíram incontinentemente. Perguntado sobre a sua bicicleta, recordava-se que, como ficou sentado no banco traseiro, do lado direito, **tê-la visto caída no chão, no mesmo lugar em que havia deixado**⁸¹. Perguntado se o homem que estava com o revólver na mão **havia tido tempo de prender ou colocar sua bicicleta no para-choque do fusca,**

⁸⁰ No relatório do Comitê, a data citada é 22/11. Sendo dia 22 ou 23, é bom situar a época: Jaenes foi morto 01/10/92 (encontrado em 03/10) e Klebson em 13/11/92 (encontrado em 17/11). Amailton tinha mandado de prisão decretado desde 26/10, e foi preso em 24/11. Ou seja, esse caso de Sandoval ocorre enquanto Amailton está sendo procurado na sua viagem, prestes a ser preso, e já está circulando pela cidade os boatos de ele ser o assassino. Para os que acreditam na história da seita, a morte de Klebson é encarada como uma forma de atrapalhar as investigações. Logo, é provável que acreditem que queriam matar Sandoval também para atrapalhar o caso contra Amailton.

⁸¹ No relato que consta no relatório do Comitê, dá-se a entender que essa bicicleta foi levada junto no carro. Tanto é que o menino foge nela.

respondeu que não, pois ele apenas demorou para entrar no carro, o suficiente para dar uma olhada ao redor (passar o pano). Que o carro saísse em baixa velocidade, seguindo em direção a Rua João Coelho, e sempre que passava alguém próximo ao veículo, o homem da escopeta lhe dizia para ficar calado e não fazer barulho, senão atirava, sendo essa frase repetida várias vezes durante o percurso. Ao alcançarem a rua João Coelho, entrando pela rua Osório de Freitas (rua dos cabarés), seguiram reto até a Goldin Lins (rua da ponte), seguindo para a Av. Perimetral trafegando em direção a Rodoviária, entrando na rua Agrário Cavalcante (rua do lado dos colégios Ester F. Ferraz e Metodista), seguindo até a rua Otávio dos Santos, entrando a esquerda pela rua 10 de Novembro até a rua Lins Né, onde completaram uma espécie de quadrado e neste dando várias voltas (no mínimo 4), e apenas uma vez cortando caminho pela rua Acesso 7, mantendo o mesmo quadrado. Durante este trajeto, escureceu então o dito percurso foi alterado, seguindo eles pela rua Lins Né até a Rodoviária, entrando a esquerda na rua Acesso 1, indo até o balão da Alacide Nunes, onde seguiram até o Posto Arco-íris entrando pela rua Salim Mauade (atrás do mercado), cruzando a Djalma Dutra, indo pela rua atrás do Restaurante Requite, dobrando a direita na Pedro Gomes indo até a Cel. José Porfírio, seguindo direto até a Rodovia Ernesto Acioli onde estacionaram o carro, aproximadamente uns 200 metros após a sede da AABB, passando poucos metros da entrada do bairro da Colina, em baixo de uma mangueira. Nesse momento, os dois homens que iam na frente, o motorista e o vestido de soldado saíram do carro e distanciaram-se, ficando fora do alcance visual, transcorrido algum tempo, ouviu-se alguém que chamou “**NEGÃO, VEM CÁ**”, e este, incontinentemente, saiu do veículo indo ao encontro de seus companheiros. Sandoval aproveitou este momento a sós, para experimentar a maçaneta da porta do lado oposto ao motorista, que, para seu espanto estava aberta e saiu do veículo. Já do lado de fora, avistou sua bicicleta encostada no carro⁸², pegou-as, e esta caiu, sendo arrastada um pouco, e quando montou-a para fugir, descendo a Rodovia Ernesto [TRECHO ILEGÍVEL DA CÓPIA] “O MENINO ESTÁ FUGINDO” e um tiro em sua direção. [TRECHO ILEGÍVEL DA CÓPIA], sem olhar para trás e nem parar em lugar algum, entrando pela Abel Figueiredo, dirigindo-se até a casa da atual companheira de seu pai, chamada MARINETE, que residia na Rua dos Seis Metros, onde chegou empurrando sua bicicleta, pois na fuga furou os pneus e amarrou as rodas. Como nesta época, à noite, tomava conta dos filhos da professora MADALENA, amiga da família, foi até lá, com Marinete, avisar sobre o ocorrido, e como lá se encontrava o PM LABRE, este prontificou-se a leva-lo a Delegacia enquanto Marinete ia

⁸² Como a bicicleta foi parar lá?

avisar sua mãe. Aldinéia, nos disse que foi avisada por volta das 21:30 horas, seguindo imediatamente para a Delegacia e lá chegando já encontrou Sandoval conversando com os policiais.

Nesta época estavam destacados pela Secretária de Segurança Pública para esta área os Delegados Brivaldo Soares e Orion Klautau e como já passava um pouco das 22:00 horas nenhum deles foi encontrado na delegacia, sendo então Aldinéia e Sandoval levados pôr policiais ao Hotel onde estavam hospedados e lá narraram os fatos, sendo no momento determinado uma equipe de três policiais para procederem as investigações. Desses policiais não se recorda o nome mas pode dizer que um deles foi morto no mercado, furado de faca, o outro era magro e tinha o cabelo cortado tipo “rabo de pato”, e o terceiro era preto, forte e portava uma corrente no pescoço assemelhada a utilizada pôr um de seus seqüestradores. No transcorrer de seu depoimento, os policiais o acusavam e pressionavam constantemente para que contasse a verdade e diziam também que ele estava querendo acusar um colega, pois o investigador escuro tinha o porte físico muito assemelhado ao bandido que usava a escopeta, só não podendo afirmar que era ele, pôr não ter visto seu rosto.

No prosseguimento das investigações, lembra-se de um dia ter ido até a delegacia para identificar o tal carro, lá chegando, deparou-se com uma fila de aproximadamente trinta carros, todos com as mesmas características, branco com o vidro escuro, mas, não reconheceu em nenhum o utilizado no seqüestro, vez que, o carro em que esteve tinha em seu painel, salvo qualquer engano, um adesivo retangular, com aproximadamente 20 cm de comprimento, na cor verde, escrito a palavra “BENETON”. Nesse dia, presenciou os policiais, no afã de tentar prender uma bicicleta assemelhada a sua (Monark adulto), no pára-choque traseiro de um dos carros, e até no interior, sendo frustradas todas as tentativas, pôr este motivo, teimavam em afirmar que sua história era mentirosa e que deveria modifica-la, como queriam desde o início⁸³.

Vale ressaltar, que esse interesse era todo por parte dos investigadores, e o que mais se empenhava nisso era o que utilizada o cabelo tipo “rabo de pato”, que ficava sempre na porta da delegacia atendendo as pessoas. Lembrou-se também, de que durante o período em que esteve dentro do carro, os homens pouco falavam e que em seu interior exalava um cheiro estranho, de um produto químico, o qual não sabe dizer o que é, mas pode dizer assemelhar-se ao de solvente de cola.

⁸³ Aparentemente, os policiais também desconfiaram dessa história por causa da bicicleta.

Durante nossa entrevista, que foi integralmente acompanhada pôr D. Aldinéia, esta se preocupou em frisar que desde a primeira vez em que foi a delegacia, os investigadores queriam que Sandoval fosse sozinho com eles para apontar os locais, porem Sandoval com muito medo pedia-lhe para acompanha-lo, motivo deste medo, residia na presença do policial escuro. Lembrou-se ainda, que no ano de 1994, apareceram em sua residência dois homens brancos, bem vestidos, que se disseram policiais federais e apresentaram-lhe um documento da “juíza”, que seria uma autorização para que o menino fosse com eles até Belém, a pretexto de identificar entre alguns presos um dos seus seqüestradores, achando ela essa estória estranha e não acreditando em tais homens, tratou de esconder o menino na colônia da professora Margarida, no JOÁ, e quando os elementos voltaram, informou-lhes que o menino estava em companhia do pai em outra localidade. Receando pela segurança de seu filho, a partir desse episódio, passou Sandoval a residir com seu pai, ressaltando que o veículo utilizado pôr tais homens era uma pampa grafite, bem escura, com vidros pretos. Ainda com relação a este episódio, a professora Madalena achou demasiadamente estranho quando policiais civis chegaram no Joá a procura de Sandoval, tendo em vista que somente a família do menino sabia onde e com quem ele estava.

Dia 23 do corrente, refizemos mais uma vez o percurso descrito pôr Sandoval, e no local da mangueira, um pouco mais abaixo, notamos a existência de duas casas, uma abandonada e na outra residindo a família de D. Senhorinha, cujo marido trabalha no Mercado Municipal. Sondando pela vizinhança, fomos informados de que um pouco abaixo da mangueira, talvez fora da vista da estrada, encoberta pelo mato, existia até pouco tempo atrás uma casa, e que esta foi dada a um peão, que levou dali, e que segundo os vizinhos o dito terreno pertence ou pertenceu ao **Sr. AVERALDO PEREIRA LIMA**, ex-prefeito de Souzel. Tentando esclarecer alguns pontos obscuros, voltamos a conversar com Sandoval e desta vez perguntamos se tinha visto alguma casa próximo ao local, este respondeu que não se recorda de ter visto nenhuma casa, mas que, quando ouviu o grito, olhou para a estradinha existente ali perto e disse que só haviam casas lá em baixo. Nesta oportunidade, D. Aldinéia relatou que os “federais” que a procuraram deixaram um papel marcando dia e hora para se apresentar na Delegacia e que por várias vezes foi até lá e como tais pessoas nunca estavam, os policiais daqui marcavam para outro dia, disse-nos ela que perdeu três dias de trabalho tentando falar com os tais “federais”.

Outrossim, cabe ressaltar que no tocante a este episódio, foi levantado pela equipe que os terrenos que circundavam grande parte da área, pertenciam ao Sr. Amadeu Gomes, pai de Amailton, existindo ainda hoje um campo de futebol para servir a comunidade do Bairro da Colina, construído com total aval do mesmo, sendo que este, encontra-se situado em frente ao sítio da família.

F - CASO RENATO FARIAS DA SILVA⁸⁴

Renato é outro menor que conseguiu escapar do seu seqüestrador. É irmão de Rosinaldo Farias, o Baixinho, cujo desaparecimento deu-se em setembro de 1993, cujas suspeitas recaem sobre o casal Vera/Vantuil. Voltemos ao caso. Levado numa Toyota branca, para as cercanias do aeroporto de Altamira, conseguiu safar-se quando o seu seqüestrador parou o veículo defronte a uma porteira. Na tentativa de obtermos mais dados sobre o

⁸⁴ No relatório do Comitê em Defesa da Vida das Crianças Altamirenses de 6 de Outubro de 1996, a história de Renato é narrada assim:

12. RFS - RAPAZ, VOCÊ ARRISCOU MUITO!

RFS nasceu em 28 de setembro de 1977 em Porto de Moz (PA). Em meados do ano de 1992 (a data certa ele não lembra), pelas 20:30 horas, estava engraxando na calçada da Avenida Tancredo Neves, próximo à esquina com a Pedro Gomes. Perto dele parou um carro, tipo Toyota, branco; na carroceria tinha uma corda e um "carote" de óleo. Na porteira havia um símbolo verde e amarelo, provavelmente de alguma firma. Dentro do carro estava um homem, alto, forte, branco; vestia calça jeans azul, tênis.

O homem perguntou a RFS quanto era o preço da engraxada. "Mil cruzeiros!", respondeu RFS. Aí o homem disse que tinha três pares de sapatos e pagaria "dez contos" se RFS fosse com ele para engraxá-los. "Onde é?", perguntou o garoto. O homem disse que seria perto da fábrica do Guaraná Xingu (na estrada do aeroporto).

RFS aceitou. Pegou sua caixa de engraxate e a colocou na carroceria. Ele também queria ir na carroceria do Toyota, mas o homem insistiu que fosse com ele na boleia. RFS entrou no carro e foram embora. Chegando nas proximidades da fábrica do Guaraná Xingu, o motorista continuou em frente. Preocupado, RFS perguntou: – "Mas não era aqui que ia engraxar os sapatos?"

O homem, sem diminuir a marcha do carro, começou a enrolar. Passou pela ponte sobre o igarapé, a caminho do aeroporto, e foi parar na porteira de uma fazenda, bem na frente de uma serraria que tem aí. O homem prometeu a RFS que iria dar a ele "muito dinheiro", mas não disse, nem RFS entendeu a troca de quê o homem daria o dinheiro.

A esta altura, RFS estava preocupadíssimo e só queria se ver livre daquela situação. O homem comentou para si mesmo que "aqui não vai dar" e fez marcha a ré para voltar na estrada. RFS aproveitou o momento, abriu a porteira e pulou do carro. O homem o segurou pelo colarinho da blusa, mas o garoto, com agilidade, bateu a porteira, impesando o braço do homem, forçando-o a soltar a presa. Com a camisa rasgada, RFS saiu correndo rumo à serraria, que àquelas horas estava deserta. Escondeu-se atrás de uma porta. O homem desceu do carro e foi atrás dele, que fugiu para dentro da mata.

Vendo-se ludibriado, o homem voltou para o carro, colocou a engraxadeira do rapaz na beira da estrada e foi embora no carro.

RFS esperou um tempo e depois saiu do esconderijo, apanhou sua caixinha de engraxate e voltou correndo para a cidade. Numa serraria que há no caminho, falou para o vigia, contando o seu caso. O vigia levou RFS até o quartel da Polícia Militar, ali próximo.

RFS foi trazido à cidade na Kombi da Polícia Militar, que, em lugar de levá-lo em casa, o deixou no cruzamento entre a rua Pedro Gomes e a Djalma Dutra. Na viagem, os policiais militares perguntaram sobre o acontecido, mas não mostraram maior interesse para o caso.

RFS pegou os irmãos que estavam engraxando e foi para casa. Passando pela Pedro Gomes, à altura do Instituto Getúlio Vargas, num bar chamado Tropical (agora já fechou), viu o homem que o tinha "sequestrado", bebendo com dois amigos.

Três dias depois do acontecido, 3 (três) policiais militares encontraram RFS no "pátio do Góes" e lhe pediram para levá-los até sua casa, pois queriam falar com os pais. Na casa estava só a mãe, que informou os policiais que seu marido estava trabalhando. Perguntada sobre o que tinha acontecido ao filho, disse não saber de nada. RFS não tinha contado nada em casa. Acompanhados pelos policiais, foram na Delegacia para registrar queixa.

O pai de RFS foi no CIRETRAN para ver se conseguiriam identificar o carro e partir do número da placa (atualmente nem RFS, nem os pais lembram o número da placa do Toyota, mas na ocasião do registro da queixa, o número da placa foi comunicado à polícia). O funcionário do CIRETRAN procurou, mas chegou à conclusão que devia tratar-se de um carro de fora, pois a placa não correspondia a nenhum carro do município. Foi sugerida a hipótese de carro de alguma mineradora, que comumente tem seus veículos registrados fora do município. O delegado (Sr. Tavico) não deu importância ao fato, embora houvesse naquela circunstância indícios de que o carro era de Medicilândia e pertencia justamente a uma mineradora e se soubesse que o homem tinha se hospedado no Hotel Globo.

referido elemento, entrevistamos **AGENILDA SANTOS⁸⁵**, que teria saído com o seqüestrador na noite do fato, sendo que a mesma como adiante se verá não nos revelou nada em especial referente ao caso Renato, mas, confirmou dados que já tínhamos e que nos levam a conhecer todos os membros da quadrilha. Abaixo o relato da entrevista.

Na data de 11.10.95, estive no Conselho Tutelar conversando com **AGENILDA JOSÉ DOS SANTOS**, filha de Agenor José dos Santos e Eulénice Moreira Soares, natural de Ivaté/PR, nascida aos 07.07.62, residente na Tr. Acesso II, nº 1558, a respeito dos fatos ocorridos em meado do ano de 1992, quando **a mesma se encontrava no Bar Tropical⁸⁶**, hoje Bar o Jacinto, localizado na Tr. Pedro Gomes, na altura do Instituto Getúlio Vargas, sendo que a mesma informou o seguinte: QUE, revendeu seu lote no Arroz Cru e atualmente está residindo em outro lote situado a aproximadamente 8 Km da Fazenda São Paulo, esta situada a 62 Km na Estrada da Serrinha; QUE, a referida fazenda foi comprada pelo Sr. Agenor para seu irmão AGENISON JOSÉ DOS SANTOS, sendo este amigado com GISELE ANTONIA OLIVEIRA a 12 anos; QUE, Agenilson é madeireiro e possui um caminhão azul e um trator de esteira. Possui também uma outra máquina trabalhando em Anapú; QUE, o caminhão comprado por Agenilson pertencia ao Sr. José Biancarti, sendo que este, comprou sua Toyota Bege, placas DA-7658 a aproximadamente quatro meses; QUE, Agenor comprou também, mais de cem hectares de terras do Sr. Janduir Ferreira, residente na Brasília, bem como outras do Sr. Ananias, proprietário de um açougue na Rua Joaquim Avelino, depois do açougue Jarbas Passarinho; QUE, são irmãos de Agenilda, além de Agenilson, ADENILSON JOSÉ DOS SANTOS, residente em Barueri, Jardim Silveira/SP; MARIA JOSÉ DOS SANTOS, residente em Metalândia/PR, próximo a Foz do Iguaçu; PULCINA JOSÉ DOS SANTOS residente em Umuarama/PR e TEREZA JOSÉ DOS SANTOS, residente no Acre; QUE, foi casada até 1992 com Jerônimo Vítor de Lima e após a separação, teve mais três companheiros: Sebastião Aparecido Pereira Magalhães, Manoel Vieira da Silva e por último, Juliano Drosdoski, irmão de um funcionário do Banco do Brasil em Altamira; QUE, a fazenda de seu irmão tinha apenas um empregado de nome Francisco, de aproximadamente 22 anos, só que este, atualmente está residindo com a nominada em seu lote.

⁸⁵ Quem é essa mulher? Não me recordo dela ser citada nos autos.

⁸⁶ Bar onde o seqüestrador de Renato estaria após ter tentado levar o garoto.

Quanto a empregados da Fazenda São Paulo, recorda-se de “CHICO”, conhecido como “Jabuti”, que teria trabalhado com a família por cerca de 12 anos e atualmente vizinho da fazenda, trabalhando nas terras do Sr. Dito Carvalho; QUE, DIDI trabalha com Agenilson aproximadamente três anos e reside numa rua perpendicular a Av. Perimetral, quarta ou quinta rua a direita, depois da escola municipal, próximo ao Posto Serra Dourada, em um barraco isolado. Sua esposa se chama TELMA e tem cinco filhas; QUE, o tratorista de Agenilson é conhecido como RIBAMAR, proprietário de um bar no mercado municipal, próximo ao banheiro.

Perguntado a Agenilda como ela classificava socialmente sua família, a mesma respondeu que eles viviam numa situação boa, mas a partir de certa época, começaram a ter problemas com empregados vindo a vender gados e desfazer-se de bens, ficando apenas com as terras; QUE, atualmente, a única fonte de rendas da família se restringe ao ganho com o caminhão, com o trator de esteira e com a carregadeira do Anapú; QUE, em certo momento da entrevista quando perguntado **sobre o problema das emasculações de crianças, a mesma nada respondeu**, todavia, no transcurso da mesma, Agenilda disse que “PINTINHO”, da oficina do “Velho Chico”, ao lado da casa de Silvia, a aproximadamente 04 meses, quando este passava em frente a sua residência, teria com ela comentado que **Silvia⁸⁷** tinha ido embora, pois comentara em seu bar, na presença de algumas pessoas, sobre a morte de uma das crianças, razão pela qual, a mesma teria sido ameaçada de morte; QUE, a mesma conhece Silvia a mais de quatro anos, desde que ela tinha uma mercearia no local onde esta posteriormente viria implantar o seu bar; QUE, a aproximadamente seis meses soube do sumiço de Silvia por intermédio de PINTINHO; QUE, em outra oportunidade, **JOSÉ CARLOS BERGAMIM⁸⁸**, quando esta atendia em seu Bar, próximo a Mercearia SUDAM II, teria também contado sobre o sumiço de Silvia, com os mesmos termos usados por Pintinho; QUE, com relação ao ocorrido em meados de 1992, quando a mesma se encontrava no bar Tropical, a mesma disse que se encontrava por volta das 07:30 horas, como ela disse, *curtindo uma dor de cotovelo*, pois estava se separando de Juliano Drosdoski e ouvia músicas de Roberto Carlos, e, nessa *fossa*, ingeriu muitas cervejas, as vezes sozinha, ora com ANSELMO, companheiro de D. EXPEDITA, dona do comércio, ora com a filha do CHICO LEITEIRO,

⁸⁷ Valdete, de novo. Fica cada vez mais evidente que ela era mais importante do que aparentava, ao menos para a Polícia Federal.

⁸⁸ Nessa versão da PF, seria o dono da Pampa que teria sido vista na ocasião do assassinato de Judirley (conferir a seção “**D - INVESTIGAÇÃO JUDIRLEY CUNHA CHIPAIA - crime ocorrido em 01.01.1992**”. Curioso, pois essa é uma versão totalmente diferente do que existe nos autos.

que tomara conta da cantina do então SEMEC, à época; QUE, por volta das 21:30 horas, manifestou a vontade de comer carne de sol com mandioca na Cantina Bahia, nessa época localizada no pátio do Armazém Góes; QUE, ela se dirigiu até o balcão, e, teria comentado esse seu desejo, momento em que se encontrava bebendo no balcão, não sabendo se foi ela quem pediu para que o mesmo a levasse, ou se ele quem ofereceu, todavia, recorda-se que D. Expedita teria dito que ela poderia ir com o homem, “POIS ELE ERA BOA GENTE”; QUE, ao embarcar na Toyota branca empoeirada⁸⁹, o mesmo tomou a direção o sinal da Pedro Gomes com a Av. Djalma Dutra, entretanto, bem próximo ao sinal, o elemento tentou lhe agarrar, mas quando o carro parou no sinal, ela abriu a porta do veículo e conseguiu fugir; QUE, ainda encontrou com um amigo da família, na época candidato a vereador, onde tomou algumas cervejas. Logo em seguida, embarcou em um táxi, pois a mesma se encontrava completamente embriagada, e foi para sua residência; QUE, transcorridos aproximadamente oito dias, quando passava pelo Km 90, notou o mesmo veículo com a inscrição na porta “MINEIRAÇÃO”, parado em frente a um restaurante, com vários homens almoçando⁹⁰; QUE, no outro dia subsequente ao fato, foi procurada por uma mulher em um Fiat, acompanhada de dois outros homens, para quem a mesma informou sobre o caso, vindo esta posteriormente saber se tratar de policiais civis.

⁸⁹ Toyota era o carro do sequestrador de Renato. Aparentemente, ela não sabe dizer quem ele era.

⁹⁰ Se foi de fato o mesmo homem que atacou ela e Renato, isso já mostra que ele não seria parte de algum grupo de emasculadores. Por que ele atacaria uma mulher? Poderia ser um agressor sexual?

G – CASO ROSA COELHO SOUZA – assassinada em 07.10.1992.

OS TEXTOS ABAIXO TRANSCRITOS SÃO CÓPIA FIEL DE FAX RECEBIDOS PELA IRMÃ GLÓRIA E REMETIDO PELA **IRMÃ VANILDA⁹¹ QUE ATUALMENTE RESIDE EM ROMA.**

A título de esclarecimento as Freiras pertencem das Adoradoras do Sangue de Cristo, ligadas a Prelazia do Xingu, e, mantenedoras do Instituto Maria de Matias. As palavras grafadas em Negrito não constam dos documentos originais, mas foram grifadas para ressaltar nomes ou acontecimentos.

24 OTT. '95 22:48 ASC DIR.GEN.ROMA 06/77208884

Roma, 24.10.95⁹²

Ir. Gloria,

Jaciara⁹³ me falou várias coisas, porém, vou tentar colocar uma delas que penso que poderá ajudar.

⁹¹ Do APÊNDICE: "**5.1 - IRMÃ VANILDA - A. S. C.**, congregação de freiras responsável pela manutenção do Instituto Maria de Mathias, ligada a Prelazia do Xingu, encontra-se atualmente em Roma."

⁹² Coincidência ou não, é o mesmo período (ou pelo menos muito próximo) em que a PF está em Altamira averiguando o caso de Valdete. Os primeiros depoimentos do inquérito de Rosa Coelho ocorrem a partir do dia 20 de Novembro de 1995, e a primeira peça do inquérito é de 16 de Novembro de 1995 – no caso, é uma portaria do Dr. Brivaldo Pinto Soares Filho, na época Delegado Geral, autorizando o deslocamento de uma equipe da Polícia Civil para Altamira, para continuar a investigação do caso dos meninos emasculados. Esse "novo" inquérito seria sobre o suposto assassinato de Rosa Coelho, e teve início no dia 20/11/95.

⁹³ Testemunha de acusação do inquérito de investigação da morte de Rosa Souza Coelho. Prestou dois depoimentos: o primeiro no dia 20 de Novembro de 1995, e o segundo no dia 21 de Novembro de 1995. No primeiro, fala sobre o dia que Rosa desapareceu e o dia seguinte, quando foi encontrada morta. Afirmava que Rosa nunca havia lhe dito nada sobre as emasculações. No segundo depoimento, fala sobre a ida de Amadeu Gomes à sua casa no dia do velório de Rosa, e que teria conversado com ele sobre o laudo do legista. De acordo com Jacira, Amadeu teria falado para ela não duvidar da conclusão do legista (morte por afogamento). Ela também afirmava que Amadeu nunca havia frequentado sua casa, que a casa em que João Matogrosso ("chefe" de Rosa) morava seria de Amadeu, e que Rosa nunca trabalhou para Amadeu.

Rosa, antes do dia em que foi assassinada disse à **Jaciara** que estava muito preocupada, pois numa daquelas noites viu o filho do Sr. Amadeu chegando em casa com a camisa toda ensangüentada⁹⁴, e pelo que percebeu, ele não imaginava de encontrá-la naquele momento. Não me recordo se foi um ou mais dias antes do qual **Rosa** foi encontrada morta no Igarapé⁹⁵. Só sei que naqueles dias havia desaparecido outra criança, isso me recordo bem porque os alunos inclusive tinham colocado uma faixa na frente do Colégio como sinal de luto e toda a comunidade estava com muito medo.

Creio que tu lembras que fui ao **Hospital São Rafael** e o médico legista na época não queria que eu entrasse para ver o cadáver, ainda falou ironizando: “Não sei que gosto tem ver um morto”, mas resolveu abrir o necrotério e entramos juntos e lá estava **Rosa** com um **olho furado, um buraco na cabeça** e ainda sangrando. E o que me deixou com muitas interrogações, foi saber que foi dado como causa morte ---> “**afogamento**”.

Em síntese, uma das coisas foi isto. Agora fico muito preocupada de citar o nome da **Jaciara**, sabendo como está a situação, ela pode correr risco também e ter o mesmo fim como o de **Rosa**. Não sei se a mesma ainda está em Altamira.

Penso que seja melhor colocar o meu nome, já que estou relatando o fato. Estou um pouco longe daí, mas em que eu puder ajudar, estou pronta, porque sei o quanto este povo pobre sofre e todos aqueles que buscam a justiça do Reino de Deus.

Fraternalmente,

Vanilda, ASC

CARTA FAX Nº 02

Roma, 07.11.95

Ir. Glória,

⁹⁴ Em nenhum dos dois depoimentos de Jaciara, feitos cerca de um mês depois deste fax, ela cita isso. Rever nota de rodapé anterior.

⁹⁵ No primeiro depoimento, Jaciara afirmava ter visto Rosa pela última vez no dia 7 de Outubro de 92. Ela foi informada por João Matogrosso que Rosa foi encontrada morta no dia seguinte, 8 de Outubro, e foi enterrada no dia 9.

A única morte ocorrida próximo a esse período foi a do garoto Jaenes da Silva Pessoa, no dia 1 de Outubro (encontrado no dia 3). Amailton havia viajado no dia 2 de Outubro para fora de Altamira.

Em resposta ao que me foi pedido, aqui tento relatar mais uma informação. O que relato agora, aconteceu muito antes da prisão dos que estão soltos hoje.

Uma pessoa que trabalhava na residência do chamado **Dr. Anísio** (conta) contou para algumas pessoas que existia **um quarto** na residência desse médico que o **tempo todo era fechado**⁹⁶, e num determinado dia essa pessoa encontrou esse quarto aberto e entrou, segundo ela, para fazer a limpeza. Nesse quarto **havia geladeira**, não me recordo agora se **com um ou mais isopor**. **Que dentro ela viu uma coisa estranha semelhante a órgão de criança**, só que nesta hora o dito médico chega e muito nervoso, pede que ela se retire dali e ainda perguntou o que ela fazia ali.

Poucos dias depois essa pessoa saiu de Altamira e não se sabia se foi uma iniciativa própria ou se foi a mando desse médico, única coisa que se sabia é que ela tinha viajado. Esta informação me foi dada depois de uma reunião que fizemos com os pais e em outra pauta estava a questão do medo em que os pais se encontravam. **Uma outra senhora nesse mesmo dia me falava da ligação desse médico com um outro que já trabalhou em Altamira e que agora vive nos Estados Unidos (não me recordo o nome, mas é Taqueti, Cateti, por aí assim**⁹⁷. A mesma dizia que o **Dr. Anísio mandava os órgãos das crianças** para esse médico nos Estados Unidos. O maior problema é que essas pessoas tinham medo de citar nomes, quando se pedia uma melhor classificação das coisas. Ela ainda falava que em Altamira não era só o **Dr. Anísio**, existia mais **um outro médico envolvido**, juntamente com outras pessoas, inclusive até um **policia**l. Isso me chamou atenção quando soube da prisão do diretor da Fund. SESP naquela época. Me parecia que tinha fundamento o que essa senhora havia me falado.

Glória paro por aqui, até porque o frio é de mais, mata o cristão que está acostumado com um calor que muitas vezes vai até os 40 graus.

Que o Sangue de Cristo continue sendo a força todos que lutam pela **VIDA**.

Abraços, **Vanilda, ASC.**

⁹⁶ Quem seria essa pessoa? O relato se assemelha em partes ao da adolescente Loidenne, que deu apenas um depoimento, na fase de inquérito, datado de 28 de Julho de 1993. Na época dos júris, a imprensa afirmava que ela teria morrido, mas não diz da onde tirou essa informação.

⁹⁷ De acordo com esse próprio relatório, há um relato parecido que vem de **“3.1 - PATRÍCIA FERREIRA DE LIMA - Rua Manoel Umbuzeiro s/n, numa vila que fica defronte ao nº 1770, criada numa creche que o Anísio tinha em Altamira, conhece estórias do Anísio – identificada no relatório pelas iniciais P.F.L.”**

O Médico legista, Francisco Aragão, o mesmo que disse que Rotílio morreu de Cirrose Hepática, atestou que Rosa morreu afogada. O testemunho acima, de uma pessoa instruída, o coloca em dúvida no que é corroborado pelos depoimentos abaixo.

“M.⁹⁸ disse que Rosa morava com Jaciara, cuja irmã SARA⁹⁹, ainda trabalha na Rádio RURAL¹⁰⁰ e ela afirma que Rosa não morreu por afogamento conforme atesta o Laudo Pericial, pois quando o seu corpo estava na pedra para ser autopsiada no Hospital do SESP, ela pode examiná-lo¹⁰¹ e atestar que o mesmo apresentava vários hematomas nos braços, uma queimadura escura no lado direito da boca, possivelmente por pólvora e, um furo na nuca de aproximadamente dois dedos de diâmetro, local por onde M. pode ver o Médico legista enfiar a mão quando examinava o cadáver, através de um balancim entreaberto.” **OBS: O Legista afirma que este buraco encontrado na cabeça de Rosa, foi feito por um pedaço de madeira da ponte quando esta caiu no Igarapé da Três Pontes. Uma acha, ou um espeto de madeira, seja lá o que supostamente tenha produzido tal buraco no crânio, provavelmente teria retido o corpo, ou na pior das hipóteses deixaria vestígios dentro do mesmo ao se partir. Nada sobre isto é citado no laudo necroscópico de Rosa.**

⁹⁸ De acordo com o APÊNDICE: “5.2 - M. = MARILDA NAZARÉ ARCANJO - Rodovia Ernesto Acioli, 1436 - presenciou o Dr. Aragão, legista, colocando os dedos dentro do crânio de Rosa. Pensa que ela foi assassinada.”

Não prestou depoimento no inquérito.

⁹⁹ De acordo com o APÊNDICE: “5.4 - SARA = SEBASTIANA SARA DA SILVA, Rua José de Alencar, 2122.”

Não prestou depoimento no inquérito.

¹⁰⁰ Rosa morava com Jaciara -> Jaciara tem uma irmã chamada Sara -> Sara trabalha na Rádio Rural.

No início deste relatório, na seção “1-D - OPERAÇÃO MONSTRO DE ALTAMIRA III (1995)”, há um trecho que diz “Investigáramos a morte de uma funcionária de uma emissora de rádio de Altamira”. Será que Rosa Coelho trabalhava na rádio rural também, assim como Sara, irmã de Jaciara, com quem Rosa morava junto?

Outro detalhe talvez relevante é que Luiz Kapiche Neto era radialista, e ele chegou a ser um suspeito do caso. No inquérito de Rosa, há o depoimento de Raimunda Coelho Adriano, de 20 de Novembro de 1995. Segundo ela, antes de morrer, Rosa fez vários comentários sobre os desaparecimentos das crianças em Altamira. Ela se dizia bastante revoltada com a situação e afirmava não estar convencida do envolvimento de Luiz Kapiche Neto nos crimes – o radialista e advogado que frequentemente resolvia problemas para a família Gomes.

Luiz Kapiche Neto trabalhava na Rádio Rural? Seria ele colega de Sara (irmã de Jaciara) e de Rosa?

¹⁰¹ Sara (Sebastiana Sara da Silva) não prestou depoimento no inquérito de Rosa.

“Após nos identificarmos, deixamos que a Sra. Nz¹⁰². Narrasse espontaneamente tudo o que sabia sobre a morte de Rosa, assim como as mortes e emasculação das crianças. Nz. disse que no dia da morte de Rosa, esta, por volta das 18:30 a 19:00 hs aproximadamente, desceu pela terceira vez, num intervalo de tempo de mais ou menos uma hora para as Três Pontes, como se quisesse encontrar, ou procurasse por alguém. Logo após, passou a D-20 azul e branco da Polícia Civil com vários policiais e em seguida ouviu vários tiros, quando, instantes depois, viu a viatura policial retornar, trazendo inúmeros garotos que estavam, segundo os policiais, próximo a uma área onde eles tinham dado alguns tiros em bandidos¹⁰³.” Aqui a Civil está com a Militar. **Continuemos.**

“Sara¹⁰⁴ disse que Rosa e Jaciara viviam juntas há mais de seis anos, sendo que Rosa era separada do marido, mesmo não sendo casados legalmente, mas que com este, tinha um filho que elas criavam.”

“Quanto aos fatos que antecederam a morte de Rosa, a entrevistada narrou o seguinte: QUE, no dia da carreata, Rosa estava no Chevette de Cr. S¹⁰⁵... acompanhada de VOVÓ

¹⁰² De acordo com o APÊNDICE deste relatório: “**5.3 - Nz = NAZARÉ - mãe de santo no Mutirão** -, sua casa está situada na rua que leva para as três pontes. É a casa da esquina.”

No inquérito de Rosa, há o depoimento de uma “Maria de Nazaré Costa Lopes”, e o teor é bastante parecido. Provavelmente é ela.

¹⁰³ Esse relato assemelha-se aos depoimentos de Margarida Bezerra de Oliveira e de Ubelina Bezerra de Oliveira, que afirmavam terem conversado com um homem (que elas não sabiam quem era) no dia que Rosa foi encontrada morta, no Igarapé em que foi encontrada, e que este homem teria lhes dito sobre um grupo de policiais, tiros etc.

No relatório final do inquérito, o delegado responsável comentava isso da seguinte forma:

“A suposição de que ROSA foi assassinada não pode ser abandonada, mas ainda não podemos fazer essa afirmação. Para que isso ocorra, devemos encontrar o cidadão que alega ter presenciado policiais atirando no Igarapé Ambé, local onde ROSA foi encontrada morta. Caso se consiga localizá-lo, deve-se ouvir o seu depoimento e proceder o reconhecimento dos policiais envolvidos. Localizar o cidadão em questão somente será possível com a colaboração da população.”

Em outras palavras, o relatório conclui que não há indícios suficientes para se afirmar que Rosa foi assassinada.

¹⁰⁴ Novamente, de acordo com o APÊNDICE: “**5.4 - SARA = SEBASTIANA SARA DA SILVA, Rua José de Alencar, 2122.**”. Irmã de Jaciara. Não prestou depoimento no inquérito.

¹⁰⁵ De acordo com o APÊNDICE: “**5.8 - Cr... S... = MARIA CRISTINA BORGES SOARES, Travessa Cel. Gaio, 95.**”

Prestou depoimento no inquérito de Rosa.

N.¹⁰⁶ e D. Lt¹⁰⁷., sendo que Vovó N. pode ser encontrada no ramal dos Traíras, Sítio Liberdade e Lt. na barraca de comida em frente ao Banco do Brasil; QUE, a carreata passava a residência de D. Mz¹⁰⁸., no bairro do Mutirão, quando Cr. S.. parou o veículo para entregar algumas camisetas a citada senhora, momento em que também pediu para que Rosa utilizasse seu banheiro; QUE, logo após, a carreata prosseguiu em sua trajetória, porém quando a mesma já tinha se afastado do local, Rosa saiu da residência perguntando para onde tinha ido a carreata; QUE, Mz. notou que Rosa **estava bastante embriagada**¹⁰⁹, tentando ainda fazer com que a mesma permanecesse ali, recebendo como resposta de Rosa que ela se encontra bem e que iria procurar pelo pessoal, sendo essa a última vez em que Mz. viu Rosa com vida; QUE, transcorrido aproximadamente vinte minutos da saída de Rosa, Cr. teria retornado a residência a procura de Rosa, sendo informada por Mz. que ela já tinha dali saído.”

No sábado dia 09.10.92, **Jaciara disse que esteve no bairro do Mutirão onde falou com uma senhora, posteriormente conhecida como Nz.**¹¹⁰, sendo que esta lhe disse que havia visto a referida pessoa passando por três vezes em direção à ponte, foi quando Jaciara lhe perguntou *“por que vocês não impediram que ELA fosse para lá, pois ELA não fazia mal a ninguém”*.

¹⁰⁶ De acordo com o APÊNDICE: **“5.5 - VÓVÓ N. = VÓVÓ NITA, ramal dos Traíras.”**

No inquérito não há nenhuma “Nita” que presta depoimento. Contudo, Maria Cristina Borges Soares cita a presença de uma “Vovó Lica”. Também não parece ter prestado depoimento.

¹⁰⁷ De acordo com o APÊNDICE: **“5.6 - Lt = LENITA, barraca de comida em frente ao Banco do Brasil.”**

No inquérito, há o depoimento de uma “Elenita Dias de Almeida”.

¹⁰⁸ De acordo com o APÊNDICE: **“5.7 - MZ = MARIZA BARROS DE SOUZA, Travessa “2”, 1.886, Bairro do Mutirão.”**

Prestou depoimento no inquérito de Rosa.

¹⁰⁹ Mariza não dá depoimento no inquérito. Contudo, há o relato de Zuilda Mendes Vieira, de 20 de Novembro de 1995, no qual ela afirma que, na noite que desapareceu, Rosa teria ido à sua casa para alertar as crianças de terem cuidado, e que ela estava embriagada. Ela morava próximo do Igarapé onde Rosa foi encontrada morta. Zuilda cita também que viu uma viatura policial indo naquela direção, e que chegou a ouvir tiros pouco depois. Ela também cita que, no dia seguinte, falou com um homem que teria visto policiais atirando em direção ao igarapé. Foi neste dia que o corpo de Rosa foi encontrado.

¹¹⁰ Em seu depoimento no inquérito de Rosa, Maria de Nazaré Costa Lopes conta uma história similar, mas não cita ter conversado com Jaciara. Em seus depoimentos, Jaciara também não menciona isso.

“Na data de 02.10.95 novamente estivemos na residência de D. Nz. com o objetivo de dirimir dúvidas a respeito de informações por ela prestadas em 21.09.95¹¹¹, sobre as quais teria sido a irmã de Jaciara, de nome Sara, a pessoa que comentou sobre conhecer a lavadeira que trabalhava na residência de Amailton, na data de 01.10.92, quando o mesmo lá chegou proferindo a seguinte frase: **“QUE EU DEIXEI MEU PRIMINHO ASSIM, ASSIM...!”**¹¹²”, sendo a irmã a que ela se referia era D. SANTA¹¹³, irmã de Rosa e não SARA, irmã de Jaciara.”

O excerto abaixo é muito importante porque revela mais do que nunca que Rosa temia pela sua vida.

¹¹¹ Logo, a PF estava em Altamira em Setembro de 1995. Isso é informação nova. De acordo com o processo, só sabemos da PF em Altamira no ano de 1995 por conta da passagem sobre Valdete, que ocorreu na segunda metade de Outubro daquele ano. Logo, quando o caso Valdete ocorre, a PF já estava em Altamira há um bom tempo. **Por que foram para lá? Quem os autorizou dessa vez?**

¹¹² De acordo com o segundo depoimento de Jaciara, Sara teria uma lavadeira chamada Madalena. Essa Madalena também lavava roupas para a família Gomes. Ainda de acordo com Jaciara, certa vez sua irmã Sara teria dito que Madalena teria lhe contado de uma vez que Amailton chegou em casa com a camisa suja de sangue. Madalena prestou depoimento no inquérito de Rosa e negou essa história.

Em seus depoimentos, nem Jaciara e nem Madalena citam nada sobre Amailton ter falado algo do tipo “*que eu deixei meu priminho assim, assim*”. Sara nunca prestou depoimento.

Essa história da camisa suja de sangue então tem, no mínimo, quatro versões. Em ordem cronológica:

- I. No inquérito de Jaenes, a menção à empregada “Fátima”, nunca localizada. Esse episódio teria ocorrido no assassinato de Judirley;
- II. Na terceira fase da Operação Monstro de Altamira da PF, conforme a seção A deste relatório, cita que Fátima poderia ter sido morta, mas que a própria PF nunca conseguiu confirmar sua existência;
- III. A PF afirmava ter localizado uma empregada que teria visto uma camisa suja de sangue no quarto de Amailton após a morte de Jaenes (seção A deste relatório e item 1.4 do Apêndice). O nome dela seria Olinda, que nunca foi ouvida no processo todo;
- IV. No inquérito de Rosa, Madalena seria a lavadeira que teria visto essa camisa. Em depoimento, ela negou.

De novo, tudo indica que é um boato sem fundamento.

Agora, uma dúvida surge: nos depoimentos de Maria de Nazaré Costa Lopes e de Jaciara, não fica claro que elas têm qualquer relação de amizade. Talvez Sara fosse o elo entre elas? Isso é curioso (e gera dúvida) porque o relato de Nazaré aqui dá a entender que ela sabia de coisas que Sara teria lhe contado sobre Amailton.

Suposição:

SARA -> tinha a mesma lavadeira da família Gomes, que se chamava -> MADALENA

JACIARA -> irmã de -> SARA -> contou sobre Amailton para (a amiga? Conhecida?) -> NAZARÉ

¹¹³ Afinal, quem é a irmã que diz conhecer a lavadeira que trabalhava na residência de Amailton? O parágrafo é contraditório. De acordo com o inquérito, seria Sara, a irmã de Jaciara.

De acordo com o APÊNDICE, “Santa” seria Raimunda Coelho Adriano, que prestou depoimento no inquérito. Ela disse que Rosa fazia comentários sobre os emasculados, mas que nunca chegou a comentar quem seria o responsável. Apenas estava revoltada e duvidava que o responsável seria Luiz Kapiche Neto.

“No dia 02.10.95, estivemos conversando com a Sra. **ZUILDA MENDES VIEIRA**¹¹⁴, a respeito dos fatos ocorridos em 07.10.1992, data da morte de ROSA COELHO SOUZA, sendo que a mesma respondeu: QUE neste dia, pôr volta das 18:00 hs, estava em sua casa em companhia de um filho pequeno (à época morava na Transamazônica, próximo as TRÊS PONTES), quando uma mulher trajando bermuda jeans, camiseta candidato de partido político e uma jaqueta preta jogada nas costas, entrou na sua residência totalmente apavorada e aparentando estar “bebida”, sem contudo estar embriagada, dizendo a seguinte frase: **“A POLÍCIA ESTÁ ATRÁS DE MIM”, “A POLÍCIA ESTÁ ATRÁS DE MIM”...!** enquanto se dirigia a seu filho dizendo: **“NÃO SAIA MENINO, NÃO SAIA...!”**; QUE se dirigiu a Zuilda dizendo para que ela A deixasse permanecer na casa, sentando-se na ponte usada para se chegar até o quintal; QUE, ela residia na última casa da rua, já no início da parte alagada e, mesmo estando bastante assustada perguntou para a mulher quem era ela e quem estava atrás dela, sendo que a mesma lhe respondeu que era secretária do João Matogrosso, voltando a repetir que era a Polícia, **implorando que a mesma deixasse ela ficar ali**¹¹⁵; QUE, nesta época, toda a população estava assustada com as emasculações das crianças e temendo que algo voltasse a ocorrer com mais um de seus filhos, Dona Zuilda pediu que a mesma dali se retirasse, momento em que passava pelo local um conhecido de nome **MESSIAS, e um pescador**¹¹⁶; QUE, Zuilda disse que Messias naquele dia, com o pescador, deixaram a mulher na esquina da Rodovia Transamazônica com a entrada do Mutirão, mais precisamente no bar da esquina da residência de **D.**¹¹⁷, mas segundo estes, a mulher novamente retornou em direção das Três Pontes.”

¹¹⁴ Zuilda é mãe de Tito Mendes Vieira, garoto desaparecido em Janeiro de 1991. Ela presta depoimento no inquérito de Rosa, no dia 20 de Novembro de 1995, ou seja, cerca de um mês e meio após essa conversa com a PF. O teor de seu depoimento é bem similar ao que o agente José Carlos reporta aqui.

¹¹⁵ Em seu depoimento no inquérito, Zuilda não cita que Rosa teria feito esse pedido.

¹¹⁶ Em depoimento, Zuilda citava que passou “um homem cujo nome não se recorda”. Não seriam dois homens, tampouco algum cujo nome ela recordava. Nenhum “Messias” presta depoimento no inquérito.

¹¹⁷ Esses pontos estão no relatório original. **O que seria?**

Na data de 12.10.95¹¹⁸, estivemos conversando com SANTA¹¹⁹, a respeito de sua irmã Rosa Coelho Souza, bem como dos fatos ocorridos na data de 07.10.92, data de sua morte, onde Santa nos relatou que Rosa era muito chegada a ela e lhe confienciava muitas coisas;”

“Quando inquirida sobre os motivos que levaram ao assassinato de Rosa respondeu, que sua irmã a partir das eleições e antes do resultado do pleito que culminou com a vitória de seu candidato, ficou prestando serviço como mensageira de João Mato Grosso, dando expediente no escritório da Rádio Rural, onde sempre era vista, e que segundo comentários da população¹²⁰, Rosa foi mandada levar uma encomenda na Clínica do Dr. Anísio e lá viu alguma coisa ligada as emasculações, inclusive comentando com uma enfermeira da própria clínica¹²¹; QUE, com respeito as suas suspeitas disse: **“QUE DEUS ME PERDOE, MAS A CRISTINA SOARES E O SR. JOÃO MATO GROSSO ESTÃO PÔR TRÁS DA MORTE DE ROSA...¹²²”**. Como comentário é oportuno inserir aqui que Amadeu, em depoimento verbal declarou para nós que seria Luís Kapiche o autor da morte de Rosa¹²³. Nesta época, Kapiche trabalhava com Rosa na Rádio Rural de propriedade de João Matogrosso¹²⁴, vereador e atual Presidente da Câmara Municipal de Altamira.

¹¹⁸ Poucos dias antes da operação envolvendo Valdete (se inicia em 18/10/95).

¹¹⁹ De acordo com o APÊNDICE: “**5.13 - RAIMUNDA COELHO ADRIANA - SANTA** - irmã de Rosa, Travessa Anchieta, ao lado do nº 1900.”

Prestou depoimento no inquérito de Rosa. Já citei ela aqui nos meus comentários, mas repetindo: Segundo ela, antes de morrer, Rosa fez vários comentários sobre os desaparecimentos das crianças em Altamira. Ela se dizia bastante revoltada com a situação e afirmava não estar convencida do envolvimento de Luiz Kapiche Neto nos crimes – o radialista e advogado que frequentemente resolvia problemas para a família Gomes

¹²⁰ Ou seja, ela não ouviu isso diretamente de sua irmã, apesar de ela lhe “confidenciar muitas coisas”.

¹²¹ Raimunda não fala nada disso em seu depoimento. Tampouco há outras testemunhas afirmando isso.

¹²² Em seu depoimento, Raimunda não cita essa suspeita. Contudo, afirma que Cristina Soares e João Matogrosso não foram ao velório de Rosa. Pode ser um indício de que ela realmente tinha essa suspeita. João Matogrosso não presta depoimento no inquérito, mas Maria Cristina Borges Soares presta.

¹²³ **IMPORTANTE.** O agente José Carlos está afirmando aqui que conversaram com José Amadeu Gomes, e que ele próprio teria dito que seria Luiz Kapiche quem teria matado Rosa. **Difícil de acreditar.**

¹²⁴ Respondendo minha dúvida anterior: José Carlos afirma aqui que Rosa trabalhava com Luiz Kapiche. Isso talvez explique o motivo da sua irmã Raimunda dizer que Rosa não acreditava que Luiz Kapiche seria o responsável pelas mortes e emasculações.

“QUE, dias após a morte de Rosa¹²⁵, estava no final de tarde, em frente a sua casa, conversando com algumas amigas sobre os acontecimentos da Cidade, inclusive sobre um menino, seu vizinho, que achou um braço de mulher, com unhas pintadas¹²⁶, próximo ao Aeroporto velho, quando uma menina de nome S...¹²⁷, filha de Sr, companheira de P. C.¹²⁸, este, filho de proeminente chefe político, comentou o seguinte: estão dizendo que quem matou Rosa, foi o filho de Amadeu¹²⁹”, perguntando pôr D. Maria¹³⁰ o por que, S. respondeu *“que Rosa lavava roupa para ele¹³¹ e que por duas vezes Rosa achou roupa suja de sangue e na segunda vez que encontrou, Rosa perguntou para Amailton se ele tinha ido capar gado outra vez, esse muito nervoso respondeu que estava capando gado e que ela não tinha nada que se importar, pois senão ela ia ficar com a boca cheia de formigas. Rosa perguntou quando viu as roupas sujas pela segunda vez, pelo motivo de achar que o sangue encontrado não era de animal¹³²”*; QUE, perguntou a menina onde ela tinha ouvido aquelas coisas, tendo a mesma respondido que Rosa teria contado para uma amiga e esta teria lhe falado; QUE, não sabe informar se esta amiga também era empregada na casa de **Amailton**; QUE, S... ainda comentou que ele estava todo arranhado nos braços. QUE, ela após os comentários de S..., chamou-lhe atenção, em tom de brincadeira, para que ela não falasse mais aquelas coisas, pois quem poderia ficar com a boca cheia de formigas seria ela.”

¹²⁵ Só pra não se perder, aqui José Carlos está continuando o relato de Raimunda, irmã de Rosa.

¹²⁶ História do braço decepado novamente. No processo, esse relato é mencionado apenas nos depoimentos de Orlandina (já citados anteriormente aqui nos meus comentários). É a primeira vez que ouço que um menino também teria visto esse braço.

¹²⁷ De acordo com o APÊNDICE: **“5.15 - S... = SUZI - Avenida das Turquesas nº 09 - B - Pitanga/AM.”**

Não presta depoimento no inquérito. Não sei quem é.

¹²⁸ APÊNDICE não explica quem seriam.

¹²⁹ Lembrando: quando Rosa morreu, Amailton nem estava na cidade.

¹³⁰ De acordo com o APÊNDICE: **“5.14 - MARIA CARDOSO, Rua A, nº 756 - Premem.”**

Não presta depoimento no inquérito. Não sei quem seria.

¹³¹ Isso era um boato que corria na cidade, mas Rosa não lavava roupas para a família Gomes. Pelo menos ninguém confirma essa história.

¹³² Pra gente não se perder: aqui, Raimunda (irmã de Rosa) está contando uma história que ouviu essa história de Suzi, que teria ouvido de uma amiga, que teria ouvido de Rosa. Complicado.

Jaciara atualmente desmente a conversa abaixo¹³³, mas quando funcionária do Maria de Matias¹³⁴, e o assassinato de Rosa havia recentemente acontecido, disse:

“No dia 26.10.95, às 19:00 horas, estive conversando com a Sra. E¹³⁵, a qual informou que trabalhou como servente no Instituto Maria de Mathias no mesmo período em que Jaciara trabalhou, e que as duas eram amigas, isto é, dentro do horário de serviço, que quando Rosa morreu, Jaciara, após ter retornado da dispensa de 2 ou 3 dias, confidenciou-lhe que Rosa trabalhava lavando e passando roupas na casa de Amailton e que certo dia Amailton chegou em casa com a roupa suja de sangue, Rosa perguntou-lhe o que estava fazendo, obtendo como resposta que estava capando boi, tendo Rosa também visto Amailton chegar uma segunda vez com roupa suja de sangue, fez-lhe a mesma pergunta, este respondeu-lhe que era para ela calar a boca, porque ele furava seus olhos, cortava sua língua, arrancava sua orelha e era melhor ela ficar com a boca cheia de formiga. Tendo Jaciara comentado várias vezes isso com D. E., sendo que a informante também a ouviu dizer para um grupo de outras serventes do mesmo colégio, que Rosa tinha batido com a língua nos dentes, pois, bebia muito e talvez tivesse dito aquilo para alguém na hora que estava bebendo.

Perguntado a informante se ela tinha visto Rosa trabalhando na casa de Amailton, a mesma informou que não, sabendo apenas o que Jaciara havia lhe falado, e que Rosa trabalhava em dias alternados¹³⁶. Foi perguntado também, se Jaciara fazia o mesmo serviço na casa de Amailton nas horas de folga, a mesma informou que não sabia, pois Jaciara havia lhe falado somente sobre Rosa.”

¹³³ História de que Rosa trabalhava lavando roupas para Amailton, que viu duas vezes com roupa suja de sangue e que Amailton teria ameaçado Rosa de morte. Mesma história de Suzi, inclusive com os mesmos termos (“boca cheia de formiga”). Jaciara nunca falou nada parecido nos depoimentos que prestou, e ninguém confirma que Rosa tenha trabalhado para os Gomes.

¹³⁴ Instituto Maria de Mathias.

¹³⁵ De acordo com o APÊNDICE: “**5.16 - E. C. S. = ELZENIRA CASTRO DE SOUZA - Rua Acesso 03, nº 759 - Jardim Independente í.**”

Não presta depoimento no inquérito.

¹³⁶ Nem mesmo a informante Elzenira sabia dizer se Rosa trabalhava para Amailton. Disse que só ouviu essa história de Jacira, e Jacira nega.

Vale ressaltar, que a informante é a viúva de **PEDRÃO**, que era bate-pau, e trabalhou nas duas campanhas de João Mato Grosso¹³⁷.

“No dia 31.10.95, conversando novamente com a informante, a mesma acrescentou que Jaciara havia falado sobre a ameaça de Amailton a Rosa, antes do falecimento de Rosa.”

Para nós a prova cabal de que Rosa foi assassinada viria com o depoimento abaixo.

“No dia 07.11.95¹³⁸, dirigimo-nos a localidade de SOUZEL, município de Senador José Porfírio, onde localizamos e conversamos com o jovem conhecido por “A.....”, cujo nome é **JO**¹³⁹..... que perguntado sobre os fatos acontecidos na noite em que Rosa Coelho Souza faleceu relatou; QUE, nesta época trabalhava na Feira Agropecuária de Altamira; QUE, morava no bairro da Brasília e seu caminho de ida e volta do trabalho era pela Rodovia Transamazônica; QUE, certa noite, quando voltava do trabalho por seu caminho habitual, por volta das 20:30 horas, próximo ao bairro da Colina, foi abordado por uma equipe de policiais civis e militares que lhe perguntaram o que estava fazendo ali, de onde vinha e etc.; QUE, após tal abordagem, os policiais, que utilizavam uma D-20 branca, tomaram o rumo da colina; QUE, continuou seu caminho e quando estava próximo as três pontes, cruzou com um homem correndo pela estrada; QUE, após atravessar as pontes e ter caminhado uns 100 metros aproximadamente, cruzou com uma mulher morena, baixa e que cambaleava como bêbada, mais a frente encontrou uma turba de pessoas que procuravam o homem visto por ele anteriormente; QUE, imediatamente a D-20 da polícia chegou e os policiais lhe perguntaram se tinha visto alguém na estrada, tendo lhes respondido que cruzou com um homem correndo antes das pontes; QUE, todos os presentes acompanharam a equipe da polícia até a ponte, quando alguém disse “tem alguém na água, deve ser a mulher bêbada”, apontando para um corpo boiando de bruço”; QUE, a pessoa que estava na água ainda batia os braços, bem devagar, sendo levada pela fraca correnteza, tendo o corpo parado a uns 10 metros, no outro lado do

¹³⁷ O velho problema de bate-paus em Altamira: pessoas que trabalhavam como informantes para a Polícia Civil, sem qualquer formação ou treinamento. O agente José Carlos cita o fato de Elzenira ser viúva de Pedrão, um falecido bate-pau, como um argumento de credibilidade.

¹³⁸ Ou seja, a PF estava em Altamira desde Setembro de 95. Na segunda metade de Outubro 1995, ocorre toda a operação envolvendo Valdete. No início de Novembro, eles ainda estão em Altamira. No dia 16 de Novembro, ou seja, nove dias depois dessa diligência citada aqui, o delegado geral Brivaldo desloca uma equipe da Polícia Civil de Belém para ir a Altamira investigar o caso de Rosa Coelho.

¹³⁹ De acordo com o APÊNDICE: “5.17 - A. - **JO.. = ARITANA, TANA OU JAPONESINHO - JOSEMIR JORGE TEIXEIRA, Rua 13 de maio, 503 - Senador José Porfírio.**”

Não presta depoimento no inquérito. Não sei quem é.

igarapé, preso pela galhada; QUE, os policiais não tentaram em momento nenhum socorrer tal pessoa e em lugar disso, empunharam suas armas e todos atiraram em direção ao corpo. Mais tarde alegaram que estavam testando as novas armas recebidas. Ato seguinte, adentraram no carro e ofereceram carona aos que ali estavam, tendo a maior parte das pessoas descido na subida para as casas populares e ele seguiu até próximo a praça da Brasília; QUE, no dia seguinte, quando voltava do trabalho, soube que encontraram uma mulher morta nas três pontes, deduzindo ter sido a mulher que viu cambaleando na noite passada. **QUE, sobre os policiais civis, lembra-se que um deles era o proprietário de um carro que puseram fogo no Bairro do Mutirão, o outro era um que usava brinco e tinha cabelo “arrepiaquinho”, o terceiro, lembra-se de tê-lo visto algumas vezes pela cidade**^{140,141}

¹⁴⁰ Poderia esse ser a testemunha-chave que o delegado afirma no relatório final que seria fundamental para solucionar o caso? Por que ele nunca foi ouvido? A PF claramente direcionou todos os trabalhos da Polícia Civil e tinha até o nome e endereço do cara.

¹⁴¹ O APÊNDICE tem alguns nomes que não são diretamente citados nessa seção, mas que por algum motivo estão lá. Provavelmente a PF quis apontar que seria importante ouvir essas pessoas sobre o caso de Rosa. São elas:

5.10 - MARILÚ - Rua Arariunas, 1070, ao lado do Mercadinho Toscano. (Não prestou depoimento)

5.11 - ANTONIO BRITO - Rua Itaituba, 126 – Jardim Independente í. (Prestou depoimento)

E deixa também no APÊNDICE uma anotação sobre José Amadeu Gomes, com um comentário já citado por mim anteriormente:

5.18 - JOSÉ AMADEU GOMES - declarou que Luís Kapiche Neto poderia ser o assassino de Rosa. (Não prestou depoimento)

H – ÍNDIO¹⁴² – SUSPEITO

As 06:30 horas do dia 16.09.95 estivemos com o Sr. Juarez (pai de Jaenes) na Rodovia Transamazônica, na altura da madeireira Gigante, com o objetivo de tentar localizar o barraco do dito índio, descrito pela menina SAMARA¹⁴³. Após percorrer parte da área e indagar junto a moradores, não foi possível identificar nenhum lugar dentro da mata que haja ou que pudesse ter havido, anteriormente, uma cabana ou barraco.

Às 08:00 horas, integrou-se ao grupo o APF José Carlos, fornecendo dados mais concretos, razão pela qual, optamos diligenciar na área da mata localizada atrás da residência de Raimundo Farias¹⁴⁴, pois segundo Samara, o índio sempre saía na Av. Perimetral, nas imediações do campinho da Sulanorte.

Após procurarmos por cerca de uma hora, encontramos um local onde há indícios de ter existido uma cabana ou barraco, pois achamos uma armação, situada na parte de baixo das terras do ZEZÃO (Fazenda do Milito), numa elevação próxima a um igarapé, com as características bem assemelhadas aquelas descritas por Samara, inclusive o difícil acesso efetuado por igapós e pinguelas e quase sempre dentro da água.

Para se chegar ao local, utiliza-se a rua ao lado da garagem da transbrasileira até o seu final, onde começa a mata e os carros devem ser deixados.

Descendo a pé, pegar a primeira trilha à esquerda até a cerca limite da fazenda. Após ultrapassar a mesma, atravessar o pasto sempre em linha reta até encontrar as pinguelas feitas em tronco de açaí, transpondo-as até chegar ao igarapé principal.

Reconhece-se este igarapé pela sua largura, corrente e um tronco relativamente grosso e curvo que está atravessado sobre o mesmo, sendo difícil de se equilibrar já que não se dispõe de nenhum apoio nas laterais. A outra ponta deste tronco está assentada sobre a raiz de uma árvore. Ali, entra-se na água, pela direita da árvore e segue-se por uma estiva de troncos de açaí que estão submersos aproximadamente por uns 80 (oitenta) metros.

¹⁴² Em seu depoimento, a garota Eudilene citava um homem que era descrito por ela como “índio”.

¹⁴³ Eudilene.

¹⁴⁴ Provavelmente o pai de Rosinaldo Farias, o garoto que desapareceu em Setembro de 1993.

Findado este tijuco, à esquerda surgirá uma trilha que conduz a uma rampa suave aonde estão os escombros da residência (cabana ou barraco).

Percorrendo as imediações dos esteios da antiga cabana, encontramos lima camisa preta, bastante surrada, pendurada numa árvore e no chão um par de sandálias havaianas na cor amarela.

H. 1

No dia 16.09.95, quando diligenciávamos para localizar o barraco do índio, ouvimos a seguinte estória narrada pelo Sr. Juarez:

QUE, após a emasculação e assassinato de seu filho, no transcorrer de 93 ou 94, como forma de lhe ajudar na ordenha das vacas, trouxe de Belém um menino aparentado da família, sendo que este, em certa ocasião quando se fazia acompanhar por outro residente em Altamira (Juarez sabe onde fica a residência), e, juntos tangiam o gado próximo à Transamazônica, se assustaram com **um homem alto, moreno, forte, parecendo um índio, com os cabelos na altura dos ombros, que estava agachado atrás de um arbusto, em atitude suspeita**, pois segundo os meninos, o homem tinha um **capuz preto na cabeça e portava uma arma tipo punhal**, com a atitude de que estivesse esperando por eles, ou outra pessoa.

H - 2

QUE, na Transamazônica, não muito distante de sua casa, reside um homem moreno escuro, forte, por volta dos quarenta anos, com os cabelos compridos, batendo a altura do pescoço, conhecido como *ÍNDIO*; QUE, Índio é funcionário da prefeitura de Altamira e segundo o que lhe confidenciara sua esposa, o mesmo é primo legítimo de ROSA COELHO SOUZA.

H - 3

Na manhã do dia 07.10.95, estivemos novamente conversando com Sr. Tito¹⁴⁵, e este nos disse que seu filho era afilhado de um senhor conhecido pôr “JÓ”, residente atualmente em Vila Nova, na estrada para Vitória, e que JÓ tinha um sobrinho conhecido como ÍNDIO, maconheiro e desocupado que vivia naquela área, cujo pai reside em Vitória; QUE, após o sumiço do garoto, o Sr. Tito andou perguntando aos amigos de Índio pelo seu paradeiro, obtendo como resposta que o mesmo teria sido visto, dois meses após o sumiço do menino, trabalhando em um barco de pesca na área de Altamira, mas que depois sumira; QUE, os conhecidos de Índio, também lhe confidenciaram que no dia do sumiço de Tito, Índio teria falado que ***já tinha feito uma porção de coisas ruins nessa vida, mas que naquele dia, iria fazer uma que jamais tinha feito, razão pela qual Sr. Tito começou a desconfiar de que teria sido esse tal elemento o que pegara seu filho.***

¹⁴⁵ Marido de Zilda, pai de Tito – garoto desaparecido em Janeiro de 1991.

I - JOSÉ AMADEU GOMES - Pai de Amailton

Na data de 12.09.1995, estivemos conversando com a Sra. L¹⁴⁶, residente na Rua Of., Brasília, a qual nos repassou os seguintes fatos: QUE, na rua da residência de Helenilda, primeira casa da esquina, lado esquerdo, após a PADARIA ROCHA reside um menino que teve uma ARMA colocada em sua cara pelo Sr. Amadeu Gomes¹⁴⁷, fato ocorrido este ano no CONJUNTO IRVALÂNDIA (casas populares), quando dito elemento se fazia acompanhar de LUÍS KAPICHE, e, de um outro barbudo, branco, forte, que se encontrava sentado no banco de trás do veículo Gol vermelho pertencente a Amadeu, sendo tal fato levado ao conhecimento da Promotoria Pública pelo irmão da vítima que é da Polícia Militar.

Tal fato foi presenciado pela Sra. E¹⁴⁸, e que atualmente trabalha na Fazenda de um político.

Segundo E., que mantivemos contato no dia 17.09.1995, às 22:00 hs., na residência de D.¹⁴⁹, comadre de L., AMADEU e KAPICHE foram vistos várias vezes se dirigirem no Gol vermelho à residência de um elemento conhecido por CEARÁ¹⁵⁰, ali ingerindo bebidas alcoólicas levadas em isopor. Tais fatos são narrados com riquezas de detalhes por E., em decorrência deles sempre utilizarem como via de acesso a rua onde reside, para chegar até a casa de Ceará, situada na última rua do Conjunto.

Conforme os fatos, o menino se encontrava próximo a cerca divisória da Fazenda, quando o carro parou próximo a ele, e, Amadeu ter lhe perguntado: “ - o que você acha

¹⁴⁶ Não consta decodificação no APÊNDICE. Quem poderia ser?

¹⁴⁷ Caso Marcos, de Dezembro de 1994? Se for, o próprio garoto (Marcos) nunca falou nada de arma. Foi uma confusão envolvendo gados e o garoto fazendo comentários sobre Amailton, sem ele saber que era Amadeu que estava conversando com ele – e que foi ríspido ao mandar soltar o gado que havia prendido. Esse caso foi esclarecido já em Janeiro de 1995, mas pelo jeito cresceu nos boatos da cidade.

Para fins de registro, há 3 depoimentos sobre isso anexado no processo: Marcos, José Alves Duarte (testemunha) e José Amadeu Gomes.

¹⁴⁸ Talvez seja a que está citada no APÊNDICE como "5.16 - E. C. S. = ELZENIRA CASTRO DE SOUZA - Rua Acesso 03, nº 759 - Jardim Independente í."

¹⁴⁹ Não consta decodificação no APÊNDICE. Quem poderia ser?

¹⁵⁰ Quem poderia ser?

sobre as pessoas que estão presas¹⁵¹”, referindo-se aos acusados de serem os emasculadores, tendo o menino Ihe respondido: “ - que por ele, os mesmos deveriam morrer na prisão”, foi quando Amadeu tomado de raiva incontrolável, saiu do carro, apontou-lhe a ARMA¹⁵², ocasião em que o menino correu, sendo perseguido por Amadeu.

Conta ainda E., que Amadeu posteriormente alegou estar indo constantemente ao local verificar as reses colocadas em sua terra, entretanto, afirma a mesma, que o gado a que se refere Amadeu, só foi colocado em suas terras, quinze (15) dias após o fato¹⁵³, bem como, as várias idas dos mesmos ao local, se restringem apenas à residência do CEARÁ.

Outro fato importante, é o do Ceará que trabalhava fazendo “bico”, ter abandonado a residência, com todos os pertences, logo após o corrido.

Amadeu tem fama em Altamira de chefiar uma família altamente truculenta, acostumada a praticar inúmeros desmandos, e permanecer na impunidade. Tal fama remonta ao início da colonização da Transamazônica, época em que chegou a Altamira. Segundo as pessoas Amadeu e família (irmãos) **teriam** praticado desde grilagem de terras a assassinatos, passando pelo roubo de gado, veículos, cargas, e praticado contrabando, antes de tornarem-se prósperos comerciante ou fazendeiros.

Como antecedentes concretos podemos afirmar que Amadeu esteve preso em Belém, por volta de 1985/86, acusado juntamente com Luís Capiche de tentar matar a Juíza Marta Inês¹⁵⁴. Só por isto dá para se ver do que é capaz.

Quanto às emasculações em si, Amadeu é apontado pelo réu A. Santos¹⁵⁵, no depoimento que fez perante uma Conselheira do Conselho Tutelar do Amapá, como o chefe das emasculações, porém, seu envolvimento nos Autos da Ação Penal 045/92, que

¹⁵¹ Condiz com o relato do garoto Marcos. Definitivamente estão falando sobre este caso.

¹⁵² Novamente: nem mesmo o garoto fala isso.

¹⁵³ Não há nenhuma menção a nenhum “Ceará” nos depoimentos do inquirido sobre Marcos. Fato é que o garoto mesmo afirma que estava mexendo com o gado de lá (ou seja, tinha gado). Em seu depoimento, Amadeu afirmava que não era seu. Não entendi o que querem dizer com essa passagem toda aqui.

¹⁵⁴ Luiz Kapiche cita esse episódio num depoimento que prestou em 08 de Janeiro de 1992, quando era suspeito no assassinato do garoto indígena Judirley da Cunha Chipaia. A versão dele é um pouco diferente.

¹⁵⁵ Vale lembrar que esse apontamento feito pelo ex-PM Carlos Alberto dos Santos Lima (“A. Santos”) vem do relato da conselheira tutelar de Oliveira Matos sobre a conversa que teve com ele no Amapá em 2 de Junho de 1993. Mesmo no relato dela, que é peça fundamental da acusação inicial contra Amadeu, há uma conotação muito mais de boato do que de algo que A. Santos teria testemunhado. A impressão é que ele está reproduzindo um boato para contar vantagem em cima de Sueli.

tramita em Altamira é praticamente nulo, sabendo-se entretanto, que o mesmo em companhia do Dr. Hercílio, andou visitando e ameaçando testemunhas¹⁵⁶, nas vésperas de deporem em juízo contra seu filho Amailton Madeira Gomes.

Em entrevista gravada em Maio/93¹⁵⁷, Amadeu declarou para nós que a atitudes que tomou foram a do pai que defende o filho para livrá-lo de um mal maior, entretanto, sugere ele na entrevista ter oferecido “presentes” ao Delegado de Polícia Civil Brivaldo e Flexa, na tentativa de abrandar a posição de Amailton no inquérito policial que era presidido pelo Delegado Brivaldo¹⁵⁸.

Outro fato bastante marcante e que nos ajuda a definir a ousadia de Amadeu, foi narrado por “H¹⁵⁹”, colaborador da área, e atualmente residindo em companhia de sua mãe no Maranhão, o qual cita o elemento FRANCISCO LOPES, bandido atuante na cidade, que a mando de Amadeu Gomes ateou fogo no Hospital São José, de propriedade dos médicos Taqueti e Ribamar¹⁶⁰, cujos escombros estão situados na Rua Acesso 04, próximo ao Mercado Municipal. Amadeu, todavia, tentou remunerar o trabalho de Chico Lopes com aparelho de ar condicionado e televisor roubados pelo incendiário antes de tocar fogo no prédio, que, entretanto, não aceitou o negócio.

Sentindo-se pressionado por Lopes que o cobrava incessantemente e temendo que o mesmo viesse a delatá-lo sobre a autoria do sinistro, Amadeu juntamente com seu irmão, Arnaldo - que é advogado -, em uma D-20, preta, de propriedade do segundo, perseguiu Chico Lopes na estrada de Vitória e contra o mesmo desferiu vários disparos de armas de fogo¹⁶¹.

¹⁵⁶ Provavelmente refere-se aqui aos depoimentos contraditórios que a testemunha Edmilson da Silva Frazão fez ao MP: num primeiro depoimento ao MP em 24 de Março de 1995, falou que tudo o que havia dito anteriormente no processo era mentira, forçada pela Polícia Federal; no segundo depoimento, de 28 de Março de 1995 (quatro dias depois) disse que na verdade era tudo verdade, e que advogados de defesa dos acusado teriam ameaçado ele a mudar o depoimento.

¹⁵⁷ Ou seja, a PF gravou conversas com Amadeu. Anexado aos autos, há apenas gravações feitas com Césio. **Quem mais será que gravaram? E onde foram parar essas fitas?**

¹⁵⁸ De acordo com a PF, visando proteger seu filho, Amadeu teria tentado subornar os delegados Brivaldo e Flexa.

¹⁵⁹ Não consta a decodificação no APÊNDICE. Quem seria?

¹⁶⁰ Nada disso jamais apareceu nos autos. Fora isso, esse Taqueti não é aquele médico amigo de Anísio que a PF dá a entender aqui que faria parte da seita, e que seria um esquema internacional? Por que Amadeu faria algo contra ele? Qual a lógica? Seria algo combinado para aplicar um golpe de seguro?

¹⁶¹ Novamente: nada disso nunca apareceu nos autos.

Imaginando tê-lo acertado, Amadeu e o irmão se retiraram do local, enquanto que Chico, após sofrer algumas escoriações pelo corpo e ter quebrado uma perna ao se atirar numa ribanceira para fugir aos tiros, pediu ajuda a “H”, tendo este lhe conseguido dinheiro para fugir de Altamira, indo para a localidade de Placas, distante 240 kms. de Altamira, na direção de Itaituba.

As nossas diligências na localidade de Placas redundaram infrutíferas, pois Francisco Lopes, que residia em um travessão, cujo lote foi localizado, matou uma pessoa e, segundo os informes, teria se evadido para a região de Santarém¹⁶².

Quanto às razões que teriam levado Amadeu Gomes a contratar Francisco Lopes para atear fogo no Hospital São José, H. não soube nos explicar, e ficarão desconhecidas até o momento em possamos colocar frente a frente todos os protagonistas, ou seja, Amadeu, Chico Lopes e o próprio Dr. Taqueti.

¹⁶² Ou seja, tentaram localizar o tal Chico Lopes, mas não conseguiram.

J – AMEAÇAS SOFRIDAS POR TESTEMUNHAS

AUTOR: MAURÍCIO RIBEIRO DO NASCIMENTO¹⁶³

A partir do final do ano de 1994¹⁶⁴, chegou ao conhecimento desta Equipe investigante, de que duas das testemunhas consideradas como peças chaves¹⁶⁵, na elucidação dos crimes de emasculação envolvendo os meninos de Altamira, estariam sofrendo ameaças por parte de um elemento conhecido apenas por MAURÍCIO¹⁶⁶, sendo que o conhecimento que a equipe tem da área, nos levou a supor se tratar de um assaltante e homicida bastante conhecido no meio policial local. Todavia, esta idéia foi totalmente desfeita, a partir do contato feito com estas testemunhas, do conhecimento real dos fatos e do assassinato deste dito assaltante logo em seguida¹⁶⁷.

¹⁶³ O suposto pistoleiro que teria ameaçado Valdete (chamada aqui de “Silvia”), conforme consta no processo original dos meninos emasculados de Altamira. Naqueles autos há alguns relatórios da PF e depoimentos (de Valdete e Maurício), assim como o mandado de prisão temporária dele. A parte de Valdete se encerra no processo com uma decisão de 31 de Outubro de 1995 do juiz prorrogando a prisão de Maurício por mais 10 dias, de forma que a Polícia pudesse avançar nas investigações contra ele (a parte inteira de Valdete pode ser lida [aqui](#)). Valdete não tem qualquer desdobramento relevante para o processo, pelo menos na superfície.

De acordo com este relatório aqui (Operação Monstro de Altamira III), sabemos que a PF ficou em Altamira até 10 de Novembro de 1995 – ou seja, durante todo o período da extensão da prisão temporária de temporária. Talvez aqui tenhamos alguma resposta do que houve após a prisão de Maurício.

¹⁶⁴ Pelo menos de acordo com os autos, a primeira vez que a figura de Valdete aparece é em uma carta escrita por Rosa Pessoa, datada de 16 de Fevereiro de 1995 (págs. 13 e 14 do PDF contendo [toda a parte do caso Valdete nos autos](#)). Lá, dona Rosa cita que Valdete a procurou no início de Fevereiro, falando que estava sendo ameaçada por um homem (Rosa não cita, mas mais tarde descobrimos ser Maurício). De acordo com dona Rosa, ele exigia que ela retirasse tudo o que teria falado para a Polícia Federal. Valdete saiu da cidade antes do prazo que o homem lhe deu e Rosa não a localizou mais.

Nesta mesma carta, dona Rosa cita que, naquele mês de Fevereiro de 1995, entrou em contato com os agentes da Polícia Federal “que estiveram aqui [em Altamira], à frente das investigações do caso dos meninos emasculados, para recebermos orientação e conselhos”.

Em depoimento que prestou à PF em 18/10/95, Valdete afirmava que conheceu Maurício em 28/01/95, e que em Fevereiro passou a ser ameaçada. Maurício lhe dizia para retirar os depoimentos que havia feito à PF, mas ela dizia que tinha na verdade falado com o conselho tutelar. É provável que Valdete tenha realmente falado com a PF, e isso deve ter ocorrido no final de 1994, enquanto a PF estava em Altamira durante as investigações do caso Eudilene, que está registrada nos autos em Novembro e Dezembro de 1994. Isso teria que ter sido durante a Fase 2 da Operação Monstro de Altamira.

¹⁶⁵ Seriam Eudilene e Valdete?

¹⁶⁶ Até onde sabemos, Maurício ameaça Valdete, mas o relatório cita duas testemunhas sendo ameaçadas. Pelo contexto, é de se acreditar que seria Eudilene. Se ela foi ameaçada por Maurício também, é novidade. **Seria outra testemunha sendo ameaçada? Quem seria?**

¹⁶⁷ Achavam que era outra pessoa que estava ameaçando testemunhas, e não Maurício. O assaltante foi morto, então concluíram que não era ele.

Tal conhecimento nos direcionou então a localização e qualificação do verdadeiro Maurício, já que, segundo testemunhas, o mesmo não era visto mais pela cidade, bem como das gravíssimas ameaças a ele imputadas.

Durante aproximadamente **vinte dias**¹⁶⁸, conseguimos reunir dados suficientes, para com exatidão afirmar que o mesmo estava residindo na cidade de Santarém, e trabalhando numa ilha em um plantio de cebola.

Com a exatidão das informações e com o total apoio da Delegacia de Polícia Federal em Santarém, localizamos Maurício trabalhando numa roça de cebola, no local denominado “PISCA”, distante cerca de duas horas daquela cidade, morando em um barraco na ilha Piracuera de Cima, na junção dos rios Amazonas e Tapajós, com a mulher e o filho Maurílio. Ao lhe narrar os fatos a respeito das acusações, este veio a negá-las, todavia, toda a estória contada pelas **testemunhas**¹⁶⁹ que são de nosso conhecimento, **foram confirmadas na íntegra**¹⁷⁰.

Não havendo dúvidas quanto a veracidade das estórias, da participação direta de Maurício nessas ameaças, bem como da necessidade de se saber a mando de quem elas foram feitas, é que se levou os fatos a Promotoria Pública que representou pela Prisão Temporária do mesmo, com o objetivo de elucidar esses e outros acontecimentos ligados ao caso, sendo a **Prisão Temporária decretada pela Justiça de Altamira**¹⁷¹.

¹⁶⁸ De acordo os autos, Maurício foi preso e interrogado no dia 18 de Outubro de 1995. Por este relatório aqui, sabemos que a PF conversou com Valdete já em 15 de Setembro de 1995. Logo, foi mais de 20 dias, provavelmente sendo um pouco mais de um mês.

¹⁶⁹ Quais testemunhas? De acordo com os autos, além de Maurício e da carta da dona Rosa, a única pessoa que presta depoimento é a própria Valdete. Eles foram atrás do namorado dela da época, o tal Isaías?

¹⁷⁰ É de esperar que a pessoa que está acusando (Valdete) afirme que é tudo real. Se foram ouvidas outras testemunhas, elas não estão nos autos.

¹⁷¹ O mais curioso é que esse relatório é datado de Abril de 1996. Maurício foi preso em 18 de Outubro de 1995. Sabemos que em 31 de Outubro o juiz prorrogou sua prisão temporária por mais 10 dias – ou seja, até 10 de Novembro, com o intuito de que os investigadores levantassem mais coisas contra ele que justificassem uma prisão preventiva. De acordo com este relatório, sabemos que a PF saiu de Altamira neste dia, 10 de Novembro.

Ou seja, enquanto este relatório está sendo escrito, em Abril de 1996, teoricamente, o agente José Carlos já saberia se conseguiram mais coisas contra Maurício, e se ele foi para prisão preventiva. Só que o caso Valdete e Maurício é praticamente nulo no processo, não tem consequência alguma no andamento do processo. Serviu mais quase como “lenda” na construção da convicção de culpa dos acusados, mas efetivamente não tem nenhuma grande revelação que estabeleça vínculos criminosos. Sabe Deus o que aconteceu nos bastidores disso tudo aqui.

Dados qualificativos de MAURÍCIO: MAURÍCIO RIBEIRO DO NASCIMENTO, natural de Chorrochô/BA, filho de Jonas do Nascimento e Brasilina Maria do Nascimento, C.I. nº 110294/SSP/PE, CPF 076 659 624 - 91, sendo que o mesmo residiu até o ano de 1993 em Petrolina/PE, no Conj. COHAB IV, Quadra 03, nº 75 e até o ano de 1992 trabalhou na BAEMA, Fazenda Tanquinho, km 03, Lençóis/BA, sempre na área rural.

Em 1993, transferiu-se com a família para a cidade de Santarém, indo residir primeiramente no km 06 do Rodovia Transamazônica, posteriormente foi morar no km 08 da mesma Rodovia, e, por fim, já em 1994, até fevereiro de 1995, numa residência localizada próximo ao campinho da Sulanorte, na Av. Perimetral em Altamira, antes de se transferir novamente com a família para Santarém, aonde foi encontrado. Vale ressaltar que Maurício no período em que residiu em Altamira¹⁷² trabalhou sem vínculo empregatício para alguns comerciantes, em cobrança de dívidas atrasadas e era freqüente o mesmo faze-las portanto arma de fogo, isso como forma de pressionar e intimidar as pessoas que cobrava¹⁷³.

Todo o processo investigatório que culminou com a localização do elemento e da confirmação das ameaças, encontram-se em documento próprio, produto das investigações em andamento cuja divulgação em seu inteiro teor, viria a prejudicar as diretrizes dos trabalhos ora em desenvolvimento.

Maurício possivelmente é ou foi assecla de **Vantuil**¹⁷⁴ - veja os tópicos sobre **Vantuil e Silvia**.

Não se pode deixar de registrar que a advogada contratada para defender Maurício, quando da sua Prisão Temporária, tenha sido a Defensora Pública de Senador José Porfírio, Dra. Cássia, ligada, coincidentemente, ao ex-prefeito Averaldo¹⁷⁵.

¹⁷² Ou seja, entre 1994 e fevereiro de 1995.

¹⁷³ De fato, de acordo com os autos, ele foi encontrado com uma arma de fogo e notas promissórias de comerciantes. Um deles era Araquém Gomes, irmão de José Amadeu Gomes e tio de Amailton Madeira Gomes.

¹⁷⁴ Isso é totalmente novo e surpreendente. Nos autos, a impressão que se passa é que Maurício teria relações com a família Gomes, dada a nota promissória de Araquém (apesar que isso nunca é dito explicitamente, é uma interpretação). Mas aqui, temos finalmente alguém envolvendo com a investigação diretamente falando a sua interpretação: que o vínculo criminoso de Maurício seria com Vantuil – que nunca foi acusado de nada, apesar de ser um suspeito pelo caso Rosinaldo, que desapareceu em Setembro de 1993, quando todos já estavam presos.

¹⁷⁵ Maurício não tinha condições de contatar um advogado, natural que tivesse uma defensora pública. Ainda assim, o agente José Carlos aqui parece sugerir que o ex-prefeito Averaldo teria alguma relação a essa rede criminoso. A velha narrativa de “poderosos estão envolvidos”. **Quem seria essa Dra Cássia?**

K - VANTUIL ESTEVÃO DE SOUZA¹⁷⁶

Radicado há muitos anos em Altamira, **é casado com a juíza Vera Araújo de Souza**, que esteve a frente do Fórum de Altamira por aproximadamente 10 anos. Segundo os informes colhidos na região, **Vantuil teria integrado quadrilha de ladrões de carro interestadual, além de ser especializada em desmanche de veículos¹⁷⁷**. Outra faceta revelada pelos informes é de que o mesmo agenciaria a venda de sentenças a serem prolatadas pela juíza Vera Araújo. **Seu nome já esteve envolvido em pelo menos um homicídio¹⁷⁸**, tendo sido cogitado por muito tempo como principal suspeito do mesmo, sendo que ao término do IPL neste só figurou a arma utilizada pela homicida que era de sua propriedade, não entrando Vantuil como mandante. Por fim é apontado como o principal suspeito do desaparecimento de Rosinaldo Farias, o Baixinho, **além de ser apontado por Sílvia como freqüentador assíduo da casa de Amailton¹⁷⁹** no tempo em que o grupo ali fazia reuniões¹⁸⁰, e que a mesma viu um menino sair amarrado, morto, na

¹⁷⁶ Nos autos, existem documentos e matérias de imprensa que demonstram a desconfiança da população acerca de Vantuil e Vera nos crimes contra as crianças. Essas desconfianças surgiram após o desaparecimento de Rosinaldo, em Setembro de 1993, que sumiu após ter passado alguns dias trabalhando na fazenda de Vantuil. Esse caso foi contado no episódio 13 da temporada “Altamira”, do podcast Projeto Humanos.

Essa desconfiança contra o casal foi registrada pela CPI do Congresso que investigava casos de violência e abuso contra crianças. Em novembro de 1993, uma equipe da Comissão viajou até Altamira para conversar com os familiares das vítimas. Neste encontro, eles contaram as tragédias pelas quais passaram e denunciaram o abandono das autoridades.

No relatório da CPI, há um trecho sobre o desaparecimento de Rosinaldo, que cita as suspeitas sobre o fazendeiro e a juíza:

A população crê em envolvimento ou conivência da polícia local e acusa uma juíza, Dra. Vera, e seu marido, o Sr. Vantuil, como os verdadeiros responsáveis, como se expõe a seguir. Também se crê na participação de um médico.

Em setembro do corrente, houve o desaparecimento do menino Rosinaldo, de 10 anos. O jovem desapareceu após ter passado 8 dias na fazenda da Dra. Vera e do Sr. Vantuil. Foi por este levado para casa e desapareceu no dia seguinte, 9 de setembro, quando tinha ido fazer serviço de engraxate no supermercado Alvorada. A mãe do menino suspeita do Sr. Vantuil que, segundo testemunha, após o desaparecimento, estava muito descontrolado e chorava quando foi visitar a família. Não há ainda notícias do menino.

¹⁷⁷ A PF chegou a verificar se esses boatos tinham algum fundamento?

¹⁷⁸ Que caso foi esse? A PF chegou a olhar o inquérito? Ou se baseou no que o povo falava? Porque se foi só na base dos boatos que circulavam, há muita coisa bastante imprecisa.

¹⁷⁹ Então, de acordo a PF, Valdete afirmava que Vantuil frequentava a casa de Amailton. Isso é novidade.

¹⁸⁰ Que “grupo”? A “seita”?

traseira de um automóvel dirigido por Amailton¹⁸¹, que se fazia acompanhar pelo seu namorado de nome Isaias. Há boatos também que dentro de sua fazenda, aonde **empregava inúmeros menores, um deles teria sido assassinado e enterrado por Jackson, seu ex-gerente, nos fundos da fazenda. São boatos...** Enfim transcrevemos abaixo alguns dados relativos ao mesmo, ei-los:

Segundo uma colaboradora da cidade, no ano de 1990, PERNAMBUCO, conhecido pistoleiro da região, convidou LUIZÃO (assassinado em 09.01.92), para matar um boi na fazenda Maria Bonita, pertencente a Vantuil, sendo que para o deslocamento, utilizaram uma pampa cinza metálica pertencente a Pernambuco, tendo os acompanhado na ocasião, um outro rapaz desconhecido de Luizão.

Na fazenda, bebiam e comiam, sendo que sempre Luizão perguntava quando é que matariam o dito boi, sendo respondido por Pernambuco, para que tivesse calma, pois quando chegasse a hora ele avisaria. Transcorrido certa parte da noite, Pernambuco levantou-se e disse: **“Chegou a hora de matar o boi”**, sacou da arma desferindo três tiros no rapaz, diante do olhar estupefato de Luizão e mais dois funcionários da fazenda, tendo este, inclusive ameaçado Luizão, obrigando-o a ajudá-lo no transporte do corpo. Pernambuco atualmente reside em Capanema/PA com sua companheira de nome Maria das Dores, proprietária de uma fazenda naquela região. **Consta ainda que o Delegado Torres de Capanema é genro de Maria das Dores**¹⁸².

Sobre Rosinaldo Farias da Silva, filho de Raimundo Moreira da Silva e de Angelita Pinheiro de Farias, residente na Rua Acesso 8, nº 1696, Sudam II, em Altamira, menor desaparecido no dia 09 de setembro de 1993, tem como fato mais marcante que o menor na data de 08 agosto de 1993, após passar oito dias na Fazenda de Vantuil Estevão de Souza, ter se evadido da mesma, bem como, no dia 09 de setembro, as 17:30 hs. aproximadamente, **ter sido visto colocando uma caixa de mercadorias no Fusca branco de Vantuil, na porta do supermercado Alvorada, sendo esta a última vez em que se soube notícias do seu paradeiro**¹⁸³.

¹⁸¹ Valdete conta essa história no seu depoimento que está nos autos, datado de 18 de Outubro de 1995. Isso teria ocorrido em 1988, e quem dirigia o carro seria um ex-namorado seu, chamado Isaias – que, pelo menos de acordo com os autos, nunca procuraram para ouvi-lo.

¹⁸² Alguma coisa dessa história foi verificada pelos PFs? Qualquer coisa?

¹⁸³ Tem alguma testemunha no inquérito de Rosinaldo que afirma isso? Conferir.

A corroborar as suspeitas sobre o casal Vera/Vantuil temos que quando o Sr. Raimundo, acompanhado do Padre Sávio, esteve no gabinete da juíza Vera, a mesma emocionadíssima afirmou a ambos que Rosinaldo estava em Itaituba aos cuidados do Juiz daquela Comarca¹⁸⁴. Fato este, totalmente desmentido pelo juiz de Itaituba e confirmado pelo Pai do menor quando em diligências chegou àquela cidade, de que Rosinaldo nunca estivera aos encargos daquele juizado, muito menos o Juiz informou a Dra. Vera Araújo de que Rosinaldo estaria sob sua tutela. Esta notícia foi passada pelo Sr. Raimundo M. Silva e pelo Padre Sávio Corinaldesi ao Juiz José Orlando de Paula Arrifano, quando este os ouviu em Sindicância instaurada pelo TJE para apurar a conduta da juíza Vera Araújo de Souza no período em que a mesma esteve à frente da Comarca de Altamira. Estas oitivas ocorreram em Altamira no mês de Outubro de 1995¹⁸⁵.

A indagação feita pela juíza Vera à mãe de Rosinaldo, quando esta esteve em sua residência a procura de seu filho, sobre o que tinha acontecido com Rosinaldo, pois o mesmo tinha uma cicatriz na bolsa escrotal (saco)¹⁸⁶, fato este só de conhecimento da família. Teria sofrido Rosinaldo algum tipo de assédio sexual por parte de alguém da fazenda no período em que lá esteve, razão pela qual o mesmo manifestara a vontade de ali não permanecer mais, contrariando inclusive o seu desejo inicial que era de ficar na Fazenda Maria Bonita? E quanto ao seu sumiço? Teria sido para que o mesmo não viesse a relatar fatos que teve conhecimento, ou se foi ele, mais um dos meninos escolhido pelo grupo de emasculadores?

Outro fato chegado ao conhecimento da Equipe, como informe, diz respeito a uma cozinheira do Prefeito Maurício, que em certa ocasião, em um jantar na casa do Prefeito, tendo ainda a presença do Vice-Prefeito Wanderlan Cruz e de Vantuil E. de Souza, ouviu Maurício comentar, se dirigindo a Vantuil, para que parasse de fazer aquilo, pois, acabaria sendo preso, isto tendo como cardápio as emasculações das crianças. **Este informe não foi checado.**

Na data de 07.09.1995, mantivemos contato com Raimundo Farias da Silva, pai de Rosinaldo Farias da Silva, sendo que este nos disse que logo quando nos retirarmos de

¹⁸⁴ Salvo engano, isso é dito no inquérito de Rosinaldo por algum de seus pais. Conferir.

¹⁸⁵ Por que o Ministério Público não incluiu essas sindicâncias no processo?

¹⁸⁶ Os pais de Rosinaldo nunca afirmaram isso em depoimentos. Conferir.

Altamira (nov. de 94¹⁸⁷), implantou uma banca de venda de verduras próxima ao INCRA e, posteriormente uma banca de venda de Caldo de Cana e Pastel próximo ao Banco do Brasil, na Rua Pedro Gomes, local onde se encontra atualmente; QUE, há dois meses passados esteve em sua banca o Sr. P. F. S¹⁸⁸, amigo e antigo vizinho, narrando o seguinte fato QUE, quando trabalhava como empreiteiro na fazenda do Dr. LUÍS, médico do Hospital Santo Agostinho, entre os seus trabalhadores havia um homem que conhecia apenas por “NEGÃO”, elemento negro, aproximadamente 1,80 m, magro e portador de hanseníase¹⁸⁹; QUE, em certa ocasião conversando com o mesmo a respeito de quais as fazendas em que o mesmo havia trabalhado, referida pessoa disse ter trabalhado na fazenda de PIRILO e VANTUIL; QUE, como conhecia bem a história do sumiço de Rosinaldo, começou a instigá-lo sobre o que acontecia na fazenda e sobre o sumiço e emasculações das crianças em Altamira; QUE, NEGÃO disse que quando lá trabalhava conheceu uma senhora que também trabalhava na fazenda, sendo que essa lhe narrou que Vantuil tinha um empregado *negro, alto, que usava chapéu e que teria matado uma criança e enterrado na fazenda*; QUE, após o fato, Vantuil custeou a sua ida para Goiânia¹⁹⁰.

Indagado ao Sr. PEDRO qual o atual paradeiro de NEGÃO, este veio a informar que o mesmo possivelmente estaria hospitalizado, contudo, o Sr. A. M. L¹⁹¹ poderia dar melhores informações sobre o paradeiro do mesmo.

¹⁸⁷ Estranho. Na parte de Eudilene, que consta nos autos, os agentes da PF estão em Altamira ao lado dela, durante o seu depoimento, e ele ocorre no dia 7 de Dezembro de 1994.

Porém, na capa da parte de Eudilene há uma data curiosa: “Pedido de Busca e Apreensão - 9 de Novembro de 1994”. Ou seja, pode ser que os agentes foram embora em Novembro (eles estavam lá desde Agosto, conforme consta na seção “1-C – OPERAÇÃO MONSTRO DE ALTAMIRA II (1994)”), e voltaram em Dezembro. Ou pode ter ocorrido alguma confusão de datas aqui – neste relatório ou nos autos sobre Eudilene.

¹⁸⁸ De acordo com o APÊNDICE: “**6.1 - P.F.S = PEDRO FERNANDES DE SOUZA - Rua Manoel Umbuzeiro, 1283.**”

¹⁸⁹ De acordo com Ilana Casoy, Chagas sofria de hanseníase. Será que ele trabalhou na fazenda do Vantuil? Seria ele esse “Negão”? RESPOSTA: provavelmente é outra pessoa mesmo, pelos dados que estão aqui adiante.

¹⁹⁰ Só pra não se perder: essa história sendo contada à PF pelo Raimundo (pai de Rosinaldo). Raimundo está contando a história que ouviu de Pedro Fernandes de Souza, que por sua vez ouviu desse tal de “Negão” (que tinha lepra), que chegou a trabalhar na fazenda de Vantuil. “Negão”, por sua vez, ouviu de uma senhora que trabalhava na fazenda de Vantuil a história desse empregado “*negro, alto, que usava chapéu e teria matado uma criança e enterrado na fazenda*”.

¹⁹¹ De acordo com o APÊNDICE: “**6.2 - A. M. L. - ANTONIO MOURA LEITE, Estrada a Serrinha, km 17**”.

Na data de 10.09.1995 (domingo)¹⁹², conversamos com o Sr. A. M. L., que nos informou que realmente NEGÃO tinha sido seu empregado e atendia pelo nome de A.¹⁹³ e que era amasiado com E.¹⁹⁴, morando em um barraco na rua da “mãezinha¹⁹⁵”; QUE, tem um parente conhecido por Z.¹⁹⁶ onde em conversa com o referido senhor, o mesmo informou que NEGÃO está separado de E. há aproximadamente 08 (oito) meses e essa se encontra residindo atualmente no Bairro Liberdade.

De posse destas informações, na data de 14.09.1995 conseguimos localizar E. A. S. onde em entrevista, a mesma narrou que esteve amasiada com A. P. C., verdadeiro nome de NEGÃO, sendo que viveram juntos por aproximadamente dois anos e três meses, vindo a se separarem em fevereiro de 1995, quando Negão começou a apresentar sintomas de hanseníase¹⁹⁷; QUE, A. se encontra internado.

Em data de 14.09.1995, por volta das 15:30hs estivemos conversando com o mesmo, no hospital que estava internado, vítima que é da “hanseníase”; QUE, indagando a referida pessoa a respeito do fato por ele narrado ao Sr. P. e que chegou ao conhecimento deste investigador através do Sr. Raimundo Farias da Silva, pai de Rosinaldo Farias da Silva, o mesmo respondeu que: trabalhou na Fazenda Maria Bonita, pertencente a Vantuil Estevão de Souza entre os anos de 1988 a 1990, sempre como Operador de Motosserra, ressaltando porém, que três foram as vezes em que lá trabalhou; QUE, recorda que na Fazenda haviam outros trabalhadores, JOSUEL, BEZERRA, SANTINHO, OCIVALDO e VALDEMIR¹⁹⁸; QUE, tinha também três mulheres trabalhando, a F.¹⁹⁹, DIVINA e C.²⁰⁰, sendo que ele se recorda que a Divina reside nas casas populares, quinta rua, indo por

¹⁹² Provável data próxima à chegada da PF em Altamira nessa terceira fase da Operação Monstro de Altamira.

¹⁹³ De acordo com o APÊNDICE: “6.4 - A. P. C. - ADAILTON PINTO DA CUNHA - contatar Elza para saber aonde ele está.” Esse seria o “Negão”.

¹⁹⁴ De acordo com o APÊNDICE: “6.3 - E. A. S. - ELZA APARECIDA DA SILVA, Rua W5, nº 496 - Liberdade.”

¹⁹⁵ Será a mesma “mãezinha” mãe-de-santo que tem foto com Anísio?

¹⁹⁶ Não consta no APÊNDICE.

¹⁹⁷ Há algumas coisas curiosas aqui referentes a Chagas. Ele era conhecido por “Neguinho” em Altamira. Em 1994, Chagas teve hanseníase, mas pode ser que tenha contraído já morando em São Luís, no Maranhão. Em outros depoimentos que conta sobre sua vida, Chagas cita que trabalhou em garimpo com um homem chamado Adailton. Talvez tenha alguma relação? Provavelmente não, mas chama a atenção.

¹⁹⁸ Não constam no APÊNDICE.

¹⁹⁹ De acordo com o APÊNDICE: “6,5 - F - FRANCINETE - Rua Lúcia Gitiana, - casa dos Padres.”

²⁰⁰ Não constam no APÊNDICE.

baixo (textuais) conta 5 ruas, sobe a esquerda, a residência fica situada na quarta ou quinta casa do lado direito. Segundo A., DIVINA lhe contou que o gerente da fazenda de nome JACKSON²⁰¹ em certa ocasião espancou um menino até a morte, vindo depois a enterrá-lo nos fundos da fazenda, embaixo de uns pés de mangas; QUE, F. pode ser encontrada na Brasília; QUE, era corriqueiro Jackson espancar os trabalhadores com umbigo de boi, mas sempre na ausência de Vantuil; QUE, antes da chegada de Jackson, era ele o responsável pela fazenda, mas que naquele período, não trabalhavam crianças na fazenda, entretanto, quando novamente retornou à mesma, já com Jackson como Gerente, era muito freqüente a presença de meninos ali trabalhando, período em que possivelmente ocorreu tal fato²⁰². Ainda segundo Adailton, Divina trabalhava na fazenda em prendas domésticas; QUE, finalizando, disse que Jackson era goiano e saiu da fazenda no ano passado, fugindo da mesma quando roubou algumas vacas de Vantuil e tentou vender para alguns açougues da cidade, porém, não conseguindo o seu intento, fugiu.

Diligenciando nos Conjuntos Residenciais de Casas Populares do Mutirão e Iervalândia, com o objetivo de localizar a residência da mulher conhecida por “DIVINA”, descrita por A. como sendo a pessoa que teria visto um empregado de VANTUIL, possivelmente o gerente JAKSON surrar um menino até a morte, e, depois enterra-lo sob umas mangueiras. Fomos encontrar a sogra da mesma residindo no Conjunto Iervalândia, Quadra “S”, casa 478, indo pela parte de baixo do conjunto, subir a direita na terceira rua, sexta casa a direita.

Indagando a mesma a respeito do paradeiro de DIVINA MARIA PEIXOTO, seu nome completo, ela respondeu que Divina residiu com seu marido de nome FRANCISCO até o mês de abril do corrente ano, quando foi residir e trabalhar em Belém para a Dra. VERA ARAÚJO DE SOUZA²⁰³ na Tr. Enéas Pinheiro, número 2660, fone 226.6571, CEP: 66.087-430, entre 1º de Dezembro e Av. Perimetral.

Para não despertar suspeitas quanto a nossa estada na residência, não foi perguntado a referida senhora, se Divina sempre trabalhou com a Dra. VERA ou se a mesma passou a trabalhar a partir do mês de abril, todavia, o vínculo descrito por Adailton foi confirmado.

²⁰¹ Não consta no APÊNDICE.

²⁰² Ou seja, Vantuil teria começado a usar crianças para trabalhar na fazenda após a chegada desse Jackson.

²⁰³ Ou seja: a juíza Vera pelo jeito saiu de Altamira e convidou sua funcionária Divina para ir com ela para a capital.

Outra passagem que para nós indica o envolvimento de Vantuil com tais mortes e emasculações, foram trazidas pela testemunha **Silvia²⁰⁴** quando relatou o relacionamento deste com Maurício, **autor da ameaça sofrida por ela e mais uma testemunha²⁰⁵** ao dizer que **anteriormente a ameaça, VANTUIL ESTEVÃO DE SOUZA esteve no restaurante de sua irmã LUZIA acompanhado de Maurício onde fez a seguinte citação: - VOCÊ ESTÁ VENDENDO ESTA AQUI, É A LÚCIA; VOCÊ ESTÁ VENDENDO AQUELA ALI, É A MARIA.** Vantuil com estas palavras pretendia que Maurício ficasse conhecendo a família, dando a entender ter anteriormente mencionado (ou contratado) Maurício para algum tipo de serviço contra a sua pessoa²⁰⁶;

Uns dois dias depois do acima narrado, Vantuil passou em frente ao seu bar em uma D-20, acompanhado de Maurício, apontado para seu estabelecimento comercial; **possivelmente neste mesmo dia parou também em frente ao local onde RAIMUNDO MOREIRA DA SILVA²⁰⁷**, pai do menino desaparecido Rosinaldo, **(vida Pasta 39²⁰⁸)**, tem uma barraca de venda de pastel e caldo de cana, na Trav. Pedro Gomes, próximo ao Banco do Brasil, mostrando Raimundo para seu acompanhante.

²⁰⁴ Valdete.

²⁰⁵ De novo, Valdete e mais uma testemunha. Quem seria essa segunda testemunha que é relacionada com Valdete?

²⁰⁶ IMPORTANTE: é aqui que Valdete (“Silvia”) estabelece o vínculo entre Maurício e Vantuil. Ela teria visto os dois juntos um dia no restaurante de sua irmã.

De acordo com o APÊNDICE: “**6.6 - SILVIA - VALDETE RODRIGUES BARROSO - Relaciona Maurício com Vantuil, que seriam os autores da ameaça que ela sofreu.**”

²⁰⁷ Da onde tiraram que isso teria ocorrido? Qual a fonte?

²⁰⁸ Que pastas são essas? O que há nas outras 38? Onde elas estão?

L - FRANCISCO ARMANDO ALVINO ARAGÃO - MÉDICO LEGISTA.

Médico laureado pela UFFA, fez residência no Rio de Janeiro, optando pela clínica médica de ginecologia e obstetrícia. Veio do Rio de Janeiro para trabalhar em Altamira, convidado pela Dra. **Liliane Tabosa Arraes²⁰⁹**, médica da FSESP, com emprego certo no SESP e na Clínica São Vicente. Segundo Liliane, Aragão fez curso de perito na Academia de Polícia Civil em Belém, seria perito concursado pelo IML/PA e foi Legista credenciado pelo IML de Santarém/PA. Amigo pessoal de Liliane e Wanderley Arraes, hoje reside em Brasil Novo, sendo sócio do próprio Wanderley e do Dr. Rene, em um hospital construído com recursos próprios, segundo Liliane.

Começou a atuar nos casos dos meninos emasculados, segundo consta, a partir da exumação de Judirley Chipaia, tendo procedido ao exame necroscópico junto com o Dr. Henrique de Almeida Jares, médico do Exército. Na exumação do cadáver de Judirley começam as controvérsias, ao afirmar, que **o menino não recebeu quatro tiros como afirmou a Dra. Liliane ao fazer o exame cadavérico²¹⁰**, mas sim, que tais perfurações teriam sido feitas no cadáver com algo assemelhado a uma ponta de guarda-chuva. Será...?

Na morte de Mário Cardoso de Lima, vigia da PMA, ocorrida na cisterna do Estádio Municipal, cujo acesso ao seu interior é uma pequena tampa, que na ocasião em que o corpo do vigia foi encontrado lá dentro estava parcialmente cerrada, a causa mortis foi Afogamento, tendo a Polícia concluído, salvo engano, que o mesmo suicidou-se. **Vale lembrar que o vigia era o companheiro de farras de Rosa Coelho de Souza²¹¹.**

A própria morte de Rosa, talvez venha a ser a perícia mais controvertida, em razão das inúmeras testemunhas que a consideram assassinada. O buraco na sua nuca, ao se ver o local aonde o corpo foi encontrado e considerando-se o volume de águas que havia no Igarapé das Três Pontes, nunca teria sido produzido por um pedaço de madeira

²⁰⁹ Em entrevista que me concedeu, a Dra Liliane afirmava ter conversado com José Carlos, pouco antes da prisão de Césio, mas nunca suspeitou que estavam investigavam Césio.

²¹⁰ Liliane nunca afirmou isso. Em entrevista para mim, ela esclareceu que, por não ser legista, ela não tinha certeza sobre a natureza de algumas lesões, e por isso recomendou que o cadáver passasse por um exame mais minucioso pelo Dr. Aragão.

²¹¹ Aparentemente, José Carlos está jogando suspeitas na morte desse PM. Algo na linha de: “por ser amigo de Rosa Coelho, ele pode ter sido morto e o Dr. Aragão pode ter mentido no laudo”.

pontiagudo fincado no igarapé, como Aragão nos quer fazer crer. Rosa por tudo o que foi coletado foi assassinada, disto não temos dúvidas. Releia as considerações elencados no item referente a mesma²¹².

Laudo da morte de Rotílio então é considerado por nós como hilário²¹³, já que o legista além de não possuir instrumental adequado para realizar uma autópsia²¹⁴, também não contava com o serviço de auxiliares especializados, então, como afirmar que Rotílio morreu de cirrose hepática sem autopsia-lo, já que pelas fotografias do “de cujus” percebe-se hematomas espalhados pelo corpo, como afirmam testemunhas, e que o mesmo tinha o dedão do pé direito quebrado²¹⁵.

Finalmente, chega-se ao Laudo Cadavérico de Klebson Ferreira Caldas. Este, encontrado morto após três dias, tinha a cabeça totalmente descarnada, sem cabelos nem couro cabeludo, estando presa ao tronco por algumas cartilagens do pescoço. Sem alongar em demasia, esclareça-se que o laudo médico não dedica uma linha sequer a este quadro,

²¹² Tudo isso é baseado em relatos. No inquérito de Rosa, não há nada que indique com toda a certeza que ela foi assassinada. Se joga essa desconfiança em cima do Dr. Aragão aqui para fundamentar parte dessa suspeita, já que seu laudo afirma que ela morreu por afogamento.

²¹³ O Dr. Aragão assina o laudo de Necropsia de Rotílio. Contudo, diferente do que a maioria acredita, a conclusão dele não é que “morreu de cirrose”, e sim “os elementos que conseguimos coligir durante o exame foram insuficientes para esclarecer a causa da morte”.

A questão da cirrose nunca é citada nesse termo (“cirrose”), mas é registrado que ele teria anormalidades em alguns órgãos – entre eles, o fígado. Isso aparece um pouco melhor na parte de “discussão”, que é anterior à “conclusão”. Apesar do termo em si nunca aparecer no laudo, é possível que “cirrose” fosse uma possível explicação para a descrição a seguir:

*“O exame externo não ofereceu nenhum subsídio para o esclarecimento da causa mortis. O exame interno das cavidades torácica e abdominal e seus respectivos órgãos **mostram alterações macroscópicas no coração, pulmões e fígado que podem ter gerado um mecanismo de morte, porém não se pode afirmar tal fato. Não foi possível examinar o interior da cavidade craniana e o encéfalo, daí porque também não se pode afastar que a causa da morte tenha se originado seja por mecanismo natural, seja por violência.** O exame toxicológico revelou-se NEGATIVO, o que por si afasta a causa mortis por intoxicação exógena”*

A impressão que eu tenho é que “deram a causa da morte como cirrose” virou mais um boato que circulava no povo do que algo que está documentado. Independente da minha impressão pessoal, fica bem claro que o agente José Carlos escreve essas palavras sem ter lido o laudo de necropsia.

²¹⁴ Com base em que ele afirma isso? Era só abrir o corpo e ver os órgãos. O exame era feito no hospital, então ele tinha acesso a instrumentos cortantes.

²¹⁵ Tudo isso está registrado no laudo.

bem como, também não cita que na caveira da cabeça faltava o maxilar superior²¹⁶. Ora, estas faltas são inadmissíveis num laudo cadavérico produzido por um legista.

Assim temos que Aragão procedeu exame cadavérico na maioria das vítimas de emasculação e seus laudos periciais são **demasiadamente simplórios e superficiais**²¹⁷, tendo em vista a complexidade dos crimes, e mesmo lido por um leigo em medicina legal, nota-se claramente, senão propositadamente, a omissão de dados importantes que auxiliaram sobremaneira nas investigações. Por isso pergunta-se:

- São propositais tais omissões?
- A quem serviria a ocultação da verdade?
- Estaria Aragão tirando vantagem nisso, ou agia assim por amizade ou corporativismo?
- Estaria ele diretamente ligado aos crimes, integrando o grupo emasculador e homicida?

Precisamos investigar mais este médico²¹⁸.

²¹⁶ De fato, o laudo necroscópico de Klebson não é tão detalhado assim, e certamente faltam dados que são visíveis a olho nu (há fotos do corpo nos autos). Contudo, duas coisas são importantes de serem ditas: primeiro, o laudo tem o título de “laudo necroscópico provisório”. Em outras palavras, supõe-se que deveria haver um novo laudo a ser feito após esse, um definitivo. Mas isso não aconteceu. Por quê? O motivo provavelmente tem a ver com o meu segundo comentário: nunca foi aberto um inquérito sobre Klebson, o que significa que ninguém cobrou o legista pelo laudo final. Na época, quem estava em Altamira investigando o caso dos emasculados era o delegado Brivaldo, que acreditava que o culpado pelas mortes e emasculações na cidade seria Amailton, mesmo ele não estando na cidade na época. Essa é uma reclamação grande (e com razão) da família de Klebson: o garoto foi ignorado pelas autoridades. Há inclusive aquela passagem contada pela sua irmã, Maria Esther, de que Brivaldo e outros policiais chegaram a duvidar que Klebson existisse, pouco depois dele desaparecer e antes do seu corpo aparecer, já que o garoto não tinha certidão de nascimento.

Em seu relatório final, referente ao inquérito de Jaenes, Brivaldo recomendava que fossem abertos inquéritos para outras crianças, Klebson sendo uma delas. Mas tal recomendação nunca foi seguida. Crianças continuaram morrendo e nenhum delegado que assumiu pedia pelo laudo definitivo. A própria PF, quando foi a Altamira em Abril de 93, poderia ter cobrado o laudo ao Dr. Aragão. Por que não fizeram isso? Pelo jeito, preferiram acreditar que havia um grande complô.

²¹⁷ De fato, podiam ser menores. Mas temos que nos lembrar do contexto da região: ele era praticamente o único legista da região, e a qualidade dos laudos necroscópicos não era das melhores mesmo. O laudo do garoto Flávio é um dos mais completos, e provavelmente só é assim porque foi feito por um legista de Belém.

²¹⁸ Apesar da constante reclamação de familiares de que os laudos das vítimas não eram bem feitos, não há nada nos autos que indique que o Dr. Aragão foi investigado. Nem mesmo na imprensa da época encontramos declarações contundentes nesse sentido. E faria sentido que investigassem ele, pois não apenas ele era médico, como também depois tornou-se político, o que o tornava uma figura que se encaixava bem na hipótese de “seita formada por poderosos locais”.

M - KLEBSON FERREIRA CALDAS - HOMICÍDIO E EMASCULAÇÃO -

A estória da morte de Klebson é no mínimo intrigante.

Inicia-se no transcurso do processo de apuração do envolvimento de Amailton Madeira Gomes quando o Delegado Brivaldo estava em Altamira fazendo o IPL que culminaria além do seu indiciamento, na decretação da sua Prisão Preventiva. Não que Amailton fosse santo ou inocente, longe disto, mas, o grupo responsável por esses homicídios e emasculações precisava demonstrar de forma inequívoca que Amailton era inocente, daí ter perpetrado a morte de mais um menino, tendo a falta de sorte recaído sobre Klebson Ferreira Caldas. Procuravam aqueles demonstrar que as mortes e emasculações das crianças ocorriam mesmo na ausência de Amailton²¹⁹.

A morte de mais um menino chegou a ser prevista pelo DPC Brivaldo em entrevista gravada para a Tv ALTAMIRA - CANAL 06, emissora pertencente à Prefeitura Municipal de Altamira. Na entrevista, Brivaldo afirma saber que mais uma criança morreria para provar a inocência de Amailton²²⁰. De onde provinha esta certeza de Brivaldo? O que ele sabia ou sabe que lhe levou a fazer previsão tão correta²²¹?

Assim, a morte de Klébson reveste-se das características de uma barbárie pela forma como foi executada. Enquanto que nos crimes anteriores o extirpamento dos órgãos genitais sempre foram feitos com invejável precisão²²², no presente caso foram praticados de forma grosseira, demonstrando a selvageria e imperícia com que foram executados.

Como agravante há a total falta dos cabelos; do couro cabeludo (restos do seu couro cabeludo e fiapos do seu cabelo que a ele permaneceram agarrados, bem como o maxilar superior, foram encontrados no local, dois dias, depois da remoção do cadáver por

²¹⁹ Aqui está bem explícita a crença das autoridades da época. Para eles, era mais fácil Amailton fazer parte de uma organização criminosa que emasculava crianças do que eles terem prendido a pessoa errada.

²²⁰ Desconheço essa entrevista. Se de fato existe, seria curiosa de vê-la. Brivaldo investigava o caso Jaenes, morto em 01/10/92. Amailton saiu de Altamira no dia 02/10/92, e foi preso em MS no dia 24/11/92. Quando foi feita essa entrevista de Brivaldo? Foi antes da morte de Klebson (13/11/92)? Ou antes da morte de Flávio (27/03/93)? Ou antes dos desaparecimentos de Maurício (27/12/92) e Rosinaldo (09/09/93)?

²²¹ O agente José Carlos poderia ter conversado com Brivaldo sobre isso, não? Por que não o fez?

²²² Está falando isso com base em rumores e boatos. Não há nada que comprove que os cortes eram precisos assim. Mas essa é a base da crença que lança desconfianças sobre ter sido outra pessoa que matou Klebson, e também da desconfiança sobre o Dr. Aragão.

militares do Exército e remetidos ao DPC Brivaldo); dos olhos; da epiderme da cabeça; dos seus próprios tecidos, enfim, encontrou-se uma cabeça totalmente desfigurada, representada por uma caveira completamente limpa, descarnada, sem o maxilar superior, o que dá a ideia de que seus algozes desejavam que não fosse identificado²²³.

A impressão generalizada daqueles que viram os restos mortais de Klébson é de que jogaram algum ácido potente sobre seu rosto e cabeça, desfigurando-os completamente²²⁴. O ilustre Médico legista, Aragão, alega em entrevista que urubus e formigas teriam feito aquela devastação toda, porém, da maneira como o corpo de Klébson foi escondido às proximidades do Parque de Exposição de Altamira, **debaixo de uma moita de espinhos e ainda coberto com cipó²²⁵**, é impossível que urubus e as formigas tivessem causado aquele estrago, porque se tivessem que devorar alguma parte do corpo, seguramente o fariam pelas partes pélvicas ou anais que estavam totalmente abertas. Não o fizeram. Repetindo, o Laudo cadavérico não dedica nem uma linha sequer a essas anomalias.

Na emasculação de Klébson **surge claramente a participação de Policiais Militares e bates-pau da Polícia Civil como executante dos crimes²²⁶**, aí é que se encaixa com perfeição o depoimento dado por **A. Santos** a Conselheira Sueli do Conselho Tutelar do Amapá, oportunidade em que lhe contou como eram executados os crimes.

Na madrugada seguinte ao dia da morte de Klébson **um bate-pau que havia chegado em casa com a camisa suja de sangue, sumiu de Altamira para nunca mais voltar. Dias depois, outro ex bate-pau, ligado a família do Amadeu, seguiria o mesmo caminho. A**

²²³ Apesar de não constar no laudo, o Dr. Aragão afirmava em entrevistas que isso teria ocorrido pela ação da decomposição e ação de animais. Conversando com outros peritos, foi confirmado que essa seria uma hipótese bastante plausível naquela região (por conta do calor e humidade, a decomposição se acelera, e as partes moles – como os olhos – são as primeiras a serem atacadas por animais necrófagos).

²²⁴ Importante aqui a palavra que ele usa: “impressão”. De leigos.

²²⁵ Modus operandi do Chagas.

²²⁶ Como é que ele concluiu isso? Não ficou claro. Foi só o fato de ele acreditar que não foi o Amailton?
RESPOSTA: aparentemente, ele comenta isso em seguida.

estória do primeiro bate-pau tomamos conhecimento através de sua avó, pessoa hoje já falecida, mas que revelou os fatos para vizinhos²²⁷.

²²⁷ No APÊNDICE, há uma marcação curiosa. Não fica claro se ela tem a ver com esse trecho, mas é bem possível que sim. É o seguinte:

“7.1 - ADJAEI DA SILVA FEITOSA - segundo os informes participou da morte de Klébson, junto com ÉDER GOMES COELHO. Ambos são ex bate-pau e desapareceram da cidade após o homicídio, seguido de emasculação de Klébson.”

Não se explica aqui como exatamente que José Carlos chegou nesses nomes e a essas conclusões. Contudo, esses nomes são conhecidos nos autos do processo.

Adjael (ou Adijael) prestou um depoimento em 13 de Novembro de 1992. Este depoimento foi realizado pelo delegado Brivaldo, na época da investigação de Jaenes, e foi uma das bases para se montar a suspeita em cima de Amailton.

Na ocasião, ele contou que servia no 51º Batalhão de Infantaria da Selva, o 51 BIS, quando deu carona para um rapaz que dizia se chamar “Marcos”. Logo no início da viagem, esse indivíduo teria deitado no colo de Adijael e começado a praticar sexo oral nele. Em seguida, “Marcos” falou para Adijael não comentar nada com ninguém, caso contrário, o mataria. De acordo com a testemunha, outros soldados do quartel também relatavam terem passado pelo mesmo tipo de abuso e ameaça.

Após ter sido dispensado do Exército, Adijael passou a trabalhar como agente da Polícia Civil em Altamira. Certa vez, ele foi ao posto Gomes para abastecer um carro da delegacia. Lá, viu Marcos, mas não falou com ele. Ao perguntar para outras pessoas quem seria aquele homem, recebeu a resposta de que na verdade ele se chamava Amailton.

O que chama a atenção: como falei, esse depoimento é bastante incriminador contra Amailton. E ele foi feito no exato mesmo dia que Klebson foi assassinado. **Como então é possível que o agente José Carlos pudesse minimamente suspeitar que ele teria participado da morte de Klebson?** Isso não tem o menor sentido.

Eu sempre me perguntei o que teria acontecido com Adijael, e aqui é a primeira vez que fiquei sabendo que ele desapareceu de Altamira após a morte de Klebson – ou seja, também após ter prestado aquele depoimento contra Amailton. Não há como afirmar se esses fatos são relacionados.

Já sobre o outro bate-pau citado, Éder Gomes Coelho, o nome dele aparece brevemente em alguns depoimentos. O que mais me vem à memória é num depoimento prestado por Luiz Kapiche Neto, em 30 de Novembro de 1993. Lembrando: Kapiche era próximo da família Gomes e, neste depoimento, ele afirma que havia um investigador de polícia chamado “Eder” que teria feito de tudo para tentar incriminá-lo no passado. Possivelmente seria esse Éder Gomes Coelho. E, se for, difícil acreditar que ele seria aliado de Amailton.

N - ENVOLVIMENTO MILITARES EXÉRCITO E P.M. -

O envolvimento policial militar e o militar propriamente dito começou a caracterizar-se para nós a partir do relato efetuado pela **Conselheira Sueli do Conselho Tutelar do Amapá²²⁸** quando ouviu o desabafo emitido pelo ex soldado PM, A. Santos, que dela desejava saber a maneira de recuperar o filho que ficara nas mãos da mãe em Altamira. Inconformado com o fato de perder o filho, e, ao mesmo tempo desejando contar vantagem para a Conselheira e mostrar o quanto era importante no contexto do crime em Altamira, relatou de forma sucinta, mas esclarecedora, o iter criminosos dos crimes de emasculação seguidos de morte praticados contra os meninos de Altamira. Nesta ocasião, A. Santos, mostrou a Cons. Sueli fotos, infelizmente até o momento não recuperadas, de meninos presos em local com grades, que até o momento ainda não conseguimos localizar, não sabendo afirmar se o mesmo já foi ou não descaracterizado.

Desta mesma época é a revelação feita pelo **Sgto SÉRGIO, do EB, que serviu no 51º BIS, na 2a. Seção, até Junho/93²²⁹**, quando nos relatou que no dia em que correu em Altamira a notícia da prisão de Amailton Madeira Gomes, o **Major JACOB²³⁰**, à época Subcomandante do 51º BIS, disse ao Sgto. Sérgio que **faltava prender mais quatro elementos que estavam envolvidos com os crimes e que com a prisão de Amailton, possivelmente, os mesmos seriam logo presos²³¹**. Quando nos contou, pedi ao Sargento que indagasse ao Major JACOB como ele havia tomado conhecimento do fato e se ele saberia informar quem eram os outros envolvidos. Como resposta, Sérgio, após falar com o Major, **informou que o Oficial respondera nunca ter conversado tal assunto com ele, encerrando a questão²³²**. Sérgio, entretanto, nos jurou de pés juntos que tal conversa ocorreu, citando ainda o testemunho de **um outro Sargento²³³**, seu colega no mister da 2a. Seção do 51º BIS, sediado em Altamira.

²²⁸ Apenas lembrando: essa é a principal testemunha contra Carlos Alberto dos Santos Lima, e que fundamenta boa parte da suspeita da existência de uma seita/grupo que matava crianças em Altamira, comandada por José Amadeu Gomes.

²²⁹ Não consta no APÊNDICE.

²³⁰ Não consta no APÊNDICE.

²³¹ Se essa história for verdadeira, fica a pergunta: quem seriam os quatro que o Major JACOB tinha em mente ao falar disso?

²³² É claro que não lembra.

²³³ Quem seria? Confirmaram essa história?

Em 1995, a nossa mais importante testemunha²³⁴ nos revelaria que reunia-se em seu bar, na realidade uma pequena taberna, o grupo que praticamente executava a tarefa de seqüestrar, vigiar e até matar os meninos, do qual faziam parte diversos ex militares do 51º BIS e do 16º BPM. Retiramos do seu tópico o trecho abaixo: “QUE quando residia na Avenida ..., não sabendo precisar datas, recebeu por várias vezes a visita de MIGUEL²³⁵, fazendeiro de cacau do km. 46, travessão 16, que junto com o ex-Prefeito de Souzel AVERALDO²³⁶ e um motorista da Prefeitura de nome RIBEIRINHO²³⁷, realizaram várias reuniões entre si madrugada a dentro; QUE, em algumas dessas reuniões, estiveram também presentes JOSÉ CARLOS e MARQUINHO BERGAMIN²³⁸, além dos Sargentos MÁRIO e CARLOS do 51º BIS²³⁹ (sendo este ultimo pai do filho de sua irmã J.²⁴⁰), do Sargento PM PETRONIO, do Soldado PM LABRE e dos outros que não se recorda o nome, bem como dos bate-pau da polícia civil NEGRÃO, TETÉU, JOSIVALDO²⁴¹, (pai de

²³⁴ Quem seria essa testemunha? Nos autos, há duas testemunhas que são consideradas muito importantes: o velho Agostinho e Edmilson Frazão. Pelos relatórios da PF, conhecemos ainda Valdete e a garota Eudilene. Pode ser qualquer uma dessas pessoas, ou ainda uma quinta que não é nomeada.

Talvez uma dessas cinco seja a outra testemunha que dizia estar sendo ameaçada por Maurício, junto com Valdete.

Aparentemente, essa testemunha “mais importante” tinha um bar. Quem desses tinha um bar?

POSSÍVEL RESPOSTA: É Valdete.

²³⁵ Não consta no APÊNDICE.

²³⁶ Não consta no APÊNDICE.

²³⁷ Não consta no APÊNDICE

²³⁸ José Carlos Bergamin seria o dono da picape que teria sido vista no dia e local que Judirley foi assassinado, de acordo com esse levantamento da PF. Marquinho, ao que tudo indica (pelo mesmo sobrenome) seria um parente.

De acordo este mesmo relatório, especificamente o ponto 4.1 do apêndice, a testemunha que cita José Carlos Bergamin seria Valdete, chamada aqui de “Silvia”.

"4.1 - VALDETE RODRIGUES BARROSO - SILVIA - Cita que J. C. Bergamin possuía uma pampa naquela cor que faria parte do grupo de emasculadores."

De acordo com um informe feito pelo agente Xangô na operação de Maurício/Valdete, acerca de informações que obteve do suposto pistoleiro Maurício, que consta nos autos, Maurício afirmava que:

“conheceu Valdete a pouco tempo, quando ele morava na residência em frente ao bar da referida pessoa”.

²³⁹ Não consta no APÊNDICE.

²⁴⁰ Não consta no APÊNDICE.

²⁴¹ Nenhum desses constam no APÊNDICE. Mas chama a atenção o nome desse “Josivaldo”. Aparentemente, Valdete tinha um filho com ele. Quem seria?

um dos seus filhos), além de outros dois policiais civis remanejados para Belém. QUE, o seu bar e a clientela tinham pertencido a **AGENILDA JOSÉ DOS SANTOS**²⁴²; QUE, o **Sargento PETRONIO**²⁴³ e outros policiais militares e civis sempre iam com carne e cerveja para o seu bar, após realizarem “serviços logrados de êxito” como forma de comemorar, sendo que várias foram as vezes em que tais comemorações ocorreram e que a carne consumida sempre era ofertada por José Carlos Bergamin que possui um açougue.”

Josivaldo Aranha²⁴⁴, filho de criação de uma família que possui um pequeno sítio às proximidades do Cupiúba, dias após a morte de Judirley Chipaia, em janeiro/92, declarou ao **DPC Bertolino**²⁴⁵ que fora abordado, ainda dentro do mato, numa estradinha interna que liga o sítio a estrada da Serrinha, **por três homens que estavam numa Pick-up Willys**²⁴⁶, carroceria de madeira, de cor clara, estacionada a menos de 100 mts. da porteira de sua mãe adotiva. A descrição fornecida por Aranha, desses homens, **aproxima-os de militares em operação de busca de informações**²⁴⁷. Na ocasião, Josivaldo foi por um deles ameaçado de morte, se contasse para a Polícia algo sobre eles, suas descrições ou aparência, ou que ali estiveram fazendo perguntas sobre Judirley.

²⁴² Citada na seção “**F - CASO RENATO FARIAS DA SILVA**”. Ela tinha um bar na época da morte de Judirley. Pelo jeito sua clientela foi para o bar de Valdete em seguida.

²⁴³ Não consta no APÊNDICE.

²⁴⁴ Testemunha extremamente importante no caso Judirley. No processo inteiro, prestou um único depoimento, no dia 15 de Outubro de 1992, ao delegado Brivaldo, que na época investigava o caso Jaenes. Falava sobre um homem loiro acompanhado de outros homens na época e local em que Judirley foi assassinado. É uma testemunha tão importante que chama a atenção nunca mais ter prestado nenhum depoimento.

²⁴⁵ Quem tomou o depoimento de Josivaldo Aranha foi o delegado Brivaldo. Se ele conversou com o delegado Bertolino Neto, que investigou o caso Judirley em Janeiro de 1992, isso não consta nos autos.

²⁴⁶ O relato de Josivaldo que consta nos autos não é tão detalhado assim.

²⁴⁷ Josivaldo cita em seu depoimento que foi abordado por esses homens no dia 2 de Janeiro de 92, o dia seguinte ao desaparecimento de Judirley. É sabido que militares fizeram buscas do garoto após ele ter desaparecido (o pai, indígena, teve apoio e assistência da FUNAI para essa mobilização), Mas no relato de Josivaldo não há nada que indique que os homens seriam militares. **Se fossem, poderiam ser oficiais empenhados nas buscas pelo garoto? Como o agente José Carlos chegou à conclusão de as descrições deles condizem com as de militares?**

O - TESTEMUNHA SILVIA

Antes de narrarmos os fatos e os dados revelados por esta testemunha, impõe-se que façamos uma digressão sobre a maneira de como a conhecemos.

Em setembro de 1994²⁴⁸, quando diligenciávamos em torno do desaparecimento do menor Rosinaldo, contatamos com diversas pessoas a fim de que pudessem-nos ajudar na localização dos amigos do menor acima mencionado. Foi então que surgiu SILVIA que muito nos auxiliou na localização de um garoto, de apelido “BICUDO²⁴⁹”, que teria residido em uma vila de quartos, cujo proprietário era o Pai de Silvia. Após este contato inicial ficou relacionamento amigável com a mesma, chegando até a nos relatar que foi estuprada pelo Dr. ANÍSIO quando tinha 14 anos de idade²⁵⁰.

Certa ocasião dois integrantes da Equipe encontraram-se com Silvia que estava acompanhada de seu companheiro A. M. A.²⁵¹, sendo por ela feitas as apresentações e, depois de um certo bate-papo, as despedidas. No dia seguinte a este episódio recebemos a mensagem de que Silvia precisava falar com a Equipe, e que, para sua segurança, iria estar em local e horário determinados por ela. Foi com grande surpresa que a encontramos muito nervosa, chorando e pedindo a nossa proteção, porém, não citava qual seria o motivo para tanto nervosismo, nem o por que da segurança. Passados alguns momentos, Silvia narrou que seu companheiro, após o encontro com os dois colegas no dia anterior havia lhe perguntado quem eram aquelas pessoas, sendo-lhe respondido por ela que eram amigos da Polícia Federal, ficando A. furioso e proferindo as seguintes palavras: - “Deixe de andar com esse pessoal, você ainda é muito moça para morrer²⁵²”.

²⁴⁸ Certamente, resultado direto das reuniões feitas em Altamira em Junho de 1994, nas quais a população pedia pelo retorno da Polícia Federal. Nas matérias da época, é mencionada desconfiança que tinham em torno de Vantuil e da juíza Vera.

²⁴⁹ Então Valdete conheceu o agente José Carlos por conta desse esforço em localizar esse garoto de apelido Bicudo. Qual teria sido o motivo de tentarem falar com ele?

²⁵⁰ Isso não consta nos autos. Nem coisa minimamente parecida.

Apenas para verificação de datas: no depoimento que prestou nos autos, em Outubro de 1995, sabemos que Valdete tinha 29 anos. Logo, quando ela tinha 14 anos, deveria ser por volta de 1980. No primeiro interrogatório que Anísio respondeu, em Julho de 1993, ele cita que chegou em Altamira por volta de 1979. Logo, se isso aconteceu, teria que ter ocorrido no início da sua chegada na cidade.

²⁵¹ Não consta no APÊNDICE. Qual seria o seu nome?

²⁵² Então, se bem entendi, o companheiro de Silvia a ameaçou porque ela falou com agentes da Polícia Federal.

Silvia ficou intrigada com aquelas palavras e passou a observar melhor o companheiro que teve o seu comportamento totalmente alterado nas horas seguintes, inclusive, durante a madrugada tentou esganá-la. Tentamos acalmá-la procurando entender o comportamento de A., pedindo que retornasse a sua residência e procurasse nos manter informados dos acontecimentos seguintes. Três dias depois desta conversa, Silvia informou-nos que A. teria sumido e que provavelmente rumado para a localidade de Bom Jardim, aonde teria negócios, ficando a Equipe curiosa com toda a situação²⁵³.

Terminada a Missão Altamira em outubro 94²⁵⁴ e com o retorno da Equipe à Sede, não mais tivemos contato com Silvia. Em dezembro 94 parte da Equipe retornou a Altamira em cumprimento de outra Missão²⁵⁵, contatamos novamente com a mesma que solicitou um encontro reservado, oportunidade que pretendia narrar fatos de seu conhecimento, entretanto não o fez, mostrando-se dissimulada, vaga, imprecisa apesar do esforço da Equipe policial, não falando coisa com coisa, dando a impressão de estar propositadamente tentando nos passar uma falsa imagem sobre sua pessoa²⁵⁶. O importante é que o CIMI, local aonde foi realizada esta reunião, Silvia nada nos revelou, vindo a nos revelar fatos sucintos numa segunda reunião, cujo local foi a estrada que vai para a localidade denominada Cama de Vara. Por ser um local aberto, Silvia não foi incisiva nos fatos revelados o que nos deixou temerosos quanto a veracidade dos fatos descritos.

Quanto aos fatos por ela narrados, consta o de que seu companheiro A. teria sido empregado de VANTUIL ESTEVÃO DE SOUZA²⁵⁷, por um período de aproximadamente

²⁵³ Nada disso aparece no depoimento de Valdete que consta nos autos.

²⁵⁴ Então aqui a PF está afirmando que a segunda fase da Operação Monstro de Altamira se encerrou em Outubro de 1994.

²⁵⁵ O depoimento de Eudilene foi registrado no dia 7 de Dezembro de 1994. Seria essa a missão que foram designados para lá nessa época? Ou outras coisas além de Eudilene? Seriam relacionadas aos casos dos emasculados?

²⁵⁶ Confirma nossa suspeita de que Valdete conversou com a PF em Dezembro de 94, mesma época que a PF estava em Altamira tomando o depoimento da garota Eudilene. Tínhamos essa suspeita porque ela afirmava em depoimento que Maurício a ameaçava, pedindo que ela retirasse tudo o que havia dito para a PF. No depoimento, ela afirmava que tinha apenas falado com o Conselho Tutelar, mas a gente suspeitava que ela também deveria ter falado com a PF. O que não sabíamos é que ela havia falado com a PF várias vezes, tanto em Dezembro de 94 (único registro que até então tínhamos da ida da PF naquele ano) quanto nos meses de Agosto/Setembro/Outubro de 94 (que descobrimos através deste relatório do agente José Carlos).

Agora, o que chama a atenção aqui é que os próprios agentes da PF consideravam que Valdete não fazia sentido nas coisas que falava, pelo menos nessa ocasião.

²⁵⁷ Companheiro de Valdete seria, de acordo com ela, empregado de Vantuil.

04 anos, e que teria conhecimento de vários atos praticados pelo patrão, citando dentre outras falcatruas, o seguinte: - “Que na fazenda da Estrada da Serrinha, funcionava um desmanche de carros roubados e que também havia um barracão onde eram alojados menores por ele levados para trabalhar, e que seu capataz, distribuía alguns víveres com o intuito de atrair esses menores.

Devido ao fato de estarmos incumbidos na realização de outra missão em localidade próxima a região de Altamira, pedimos que Silvia não comentasse aqueles fatos com outras pessoas, e caso a mesma necessitasse de entrar em contato conosco, que assim o fizesse através do Conselho Tutelar, ou da Prelazia do Xingu.

No início do mês de fevereiro de 95, recebemos notícias de que Silvia tinha procurado o Conselho Tutelar como nos a orientamos, informando que estava sendo ameaçada por um homem conhecido por MAURÍCIO²⁵⁸, o qual relacionamos anteriormente, e que referida pessoa teria dado um prazo de 15 dias para que a mesma contasse tudo o que havia dito para o pessoal da Polícia Federal, sendo que esta teria notado que o dito elemento se encontra armado, tendo ela indicado o dia 15.02.95 como prazo final, isso, como forma de ganhar tempo e nos informar do acontecido. Transcorridos aproximadamente sete dias da data do acordo celebrado por eles, Maurício retornou à residência de Silvia, para lembrá-la do compromisso assumido.

A falta de recursos imediatos e demora para deslocamento da Equipe a citada região, e a constante visita de Maurício a Silvia alertando-a da proximidade do prazo final estipulado por ela, fez com que a mesma totalmente apavorada, um dia antes de expirar o prazo, reunisse toda a família e se evadisse para local ignorado²⁵⁹, deixando para trás seus pertences e suas propriedades.

Com o retorno da Equipe a Altamira em Agosto 95, levantando o paradeiro de Silvia, foi deslocada uma equipe para o Estado de São Paulo, local aonde a mesma estava residindo. Fruto deste trabalho é o relato abaixo:

²⁵⁸ Carta de Rosa Pessoa sobre Valdete, ao juiz José de Paula Orlando Arrifano, datada de 16 de Fevereiro de 1995. Cronologicamente, é a primeira peça que a menciona nos autos.

²⁵⁹ De acordo com o próprio depoimento de Valdete: “com este acontecimento, a declarante tratou de sair imediatamente de Altamira, sendo perseguida em todo o trajeto até a cidade de Santarém e posteriormente, no trajeto Santarém/Belém, quando pegou o barco; QUE a declarante foi encontrada em São Paulo pela Polícia Federal, que a trouxe até a presença do Promotor”.

Localizamos a Sra. Silvia, que estava bastante nervosa e muito chateada com a equipe, tendo em vista não ter recebido apoio quando foi ameaçada de morte pôr um cidadão conhecido pôr Maurício e teve que apressadamente sair de Altamira, indo primeiramente se refugiar em Santarém/Pa, sendo neste local procurada por desconhecidos, motivo pelo qual mais uma vez fugiu, indo dessa vez para São Paulo/SP. Foi com muito custo que a equipe conseguiu restaurar a confiança anteriormente existente, e a partir daí, procedida a entrevista cujo manuscrito foi enviado a V. Sa. através de fax e o original anexo a este relato.

Relatou-nos **SILVIA** QUE, quanto tinha 13 anos começou a trabalhar na MAQUINORTE, com o Sr. JOAQUIM, fazendo café, limpeza da loja e espanando os motores expostos a venda, quando pôr várias vezes foi consultada pelo citado elemento, se gostaria de trabalhar como estagiária para um amigo em sua clínica, nessa mesma época, surge em cena a enfermeira CARLOTA²⁶⁰, que freqüentava a loja como cliente e sempre se mostrava como amiga de Silvia, também lhe oferecendo o emprego de estagiária na Clínica, dizendo que esta melhoraria muito de vida. Depois de convencida pôr JOAQUIM e CARLOTA, a mesma foi apresentada ao Dr. ANÍSIO, passando a trabalhar na Clínica da Rua 10 de Novembro²⁶¹, e desse período recorda-se de dois fatos e que hoje ela tem como estranhos:

1º - ANÍSIO deu sumiço em uma criança após o parto, sendo que Carlota ajudou Anísio na cirurgia, Silvia foi aplicar soro na paciente e perguntou pela criança a dita mulher, a mesma respondeu que não havia criança e sim um tumor²⁶².

²⁶⁰ Muito provavelmente refere-se a Carlota Martins Ribeiro, testemunha de defesa de Anísio. Prestou um depoimento a favor do médico no dia 26 de Setembro de 1995, e outro no júri de Anísio, no dia 03 de Setembro de 1995. Era uma enfermeira que trabalhou com Anísio por muitos anos, pelo menos desde 1986 até 1992. **Nunca perguntaram a ela nada referente a Valdete.**

²⁶¹ Valdete então afirma que foi estagiária de Anísio quando tinha por volta de 13 anos. Isso teria que ter sido por volta de 1979, 1980, quando Anísio era recém-chegado na cidade.

²⁶² Parece ser o caso de Alexandrina, que foi narrada no episódio 9 da temporada "Altamira", do podcast Projeto Humanos. De acordo com Alexandrina, ela estava grávida, teve dores do parto, foi à clínica de Anísio para o parto, foi anestesiada e, ao acordar, Anísio teria lhe dito que ela estava na verdade com um cisto. O laudo de perícia dos exames de Alexandrina afirmam que não há como se ter certeza de que ela estava realmente grávida. Anísio nega que sumiu com qualquer criança em sua clínica.

2º - Quando do nascimento de sua sobrinha ANDREA, filha de sua irmã LÚCIA, Dr. Anísio na hora do parto, propositalmente impedia a criança de nascer, em virtude desses fatos, a mãe de Silvia, invadiu a sala de parto e brigou com o citado médico²⁶³.

Silvia trabalhou com Anísio aproximadamente um ano, no decorrer desse tempo o trabalho dividiu-se no serviço na Clínica e posteriormente transferida para tirar plantões noturnos na Creche no bairro da Brasília, onde foi colocada exclusivamente para dormir, e durante um desses plantões aconteceu o estupro²⁶⁴, o qual veio acarretar na saída de Silvia do emprego.

Recorda-se que durante o período em que trabalhou com Anísio, conheceu ISAIAS, e, este freqüentava assiduamente a clínica e mantinha um relacionamento de patrão e empregado, alias, muito íntimos²⁶⁵.

ANA CRISTINA²⁶⁶, médica, freqüentava justamente com Silvia as reuniões espirituais de Anísio e trabalhava em uma Clínica na Rua 07 de Setembro, onde hoje funciona uma clínica de fisioterapia.

²⁶³ Essa história não tem cabimento. Mesmo que fosse verdade, qual seria a intenção dele em fazer isso? De qualquer forma, sabemos aqui agora que Valdete tem uma sobrinha chamada ANDREA, que é filha de LÚCIA (que já foi chamada aqui no relatório de LUZIA). Ela tinha um restaurante em Altamira.

²⁶⁴ Então Anísio tinha uma creche e, de acordo com Valdete, ela foi trabalhar lá. Foi lá que teria sido estuprada por Anísio.

Essa creche é mencionada aqui no relatório através de uma personagem que se encontra no APÊNDICE: **“3.1 - PATRÍCIA FERREIRA DE LIMA - Rua Manoel Umbuzeiro s/n, numa vila que fica defronte ao nº 1770, criada numa creche que o Anísio tinha em Altamira, conhece estórias do Anísio – identificada no relatório pelas iniciais P.F.L.”**

²⁶⁵ Então, só pra não perder o fio da meada: enquanto tinha por volta de 13 a 14 anos, ou seja, por volta de 1979 e 1980, Valdete trabalhou com Anísio. Nesse período, conheceu Isaías. Isaías, por sua vez, parecia ter um relacionamento de “patrão-empregado” com o Dr. Anísio.

De acordo com o depoimento que consta nos autos, Valdete afirmava que Isaías era o seu namorado em 1988, quando teria visto ele dirigindo um carro com Amailton, e que teria um garoto morto no bagageiro. Isaías nunca foi interrogado nos autos.

Ou seja, ela namorava Isaías 8 anos após tê-lo conhecido.

O que é sempre estranho daquele depoimento de Valdete é: o bagageiro do carro estava aberto para ela ver isso? Afinal, o carro estava em movimento. Ela abriu o porta-malas? Isso nunca fica claro.

²⁶⁶ Não consta no APÊNDICE.

ROBERTO²⁶⁷, médico, proprietário da clínica da 07 de Setembro, que freqüentava também as reuniões espirituais de Anísio, foi a pessoa que ajudou Silvia a tentar superar a crise após o estupro.

Dr. **FRANCISCO**²⁶⁸, também trabalhava na citada clínica e era a 2º pessoa de Anísio nas reuniões espirituais. Todos os funcionários de Anísio eram obrigados a participar das reuniões espirituais²⁶⁹ as quais eram realizadas em uma sala, próximo a creche na Brasília, onde Anísio e Francisco vestiam roupas cirúrgicas e em total escuridão realizavam operações espirituais.

Silvia também trabalhou na clínica do **Dr. DAVI**²⁷⁰, Policlínica Santa Lúcia, e não sentindo melhora alguma e sendo tomada de uma revolta incontrolada de ver sua vida destruída, saiu para trabalhar na Mineração Taboca, fora de Altamira, percorrendo vários empregos e tentando um casamento com **Francisco Ronaldo Alves Teixeira**, que teve o seu final após o nascimento de seu segundo filho em agosto de 1987²⁷¹, quando retornou a Altamira para residir com seus pais indo trabalhar como doméstica na casa da juíza **VERA**²⁷², e vindo aprofundar relacionamento com um antigo conhecido do tempo da clínica do Dr. Anísio, **ISAIAS**, com o qual manteve um namoro de aproximadamente seis meses²⁷³.

Durante o namoro, geralmente, os encontros eram marcados na esquina do Banco do Brasil, no horário entre dezessete e dezoito horas, em dias alternados. ISAIAS, que andava sempre arrumado, saía para lhe encontrar da residência de **AMAILTOM MADEIRA**

²⁶⁷ Não consta no APÊNDICE.

²⁶⁸ Não consta no APÊNDICE.

²⁶⁹ Mentira. Na melhor das hipóteses, Valdete está mentindo e a PF está querendo acreditar.

²⁷⁰ Não consta no APÊNDICE.

²⁷¹ Valdete foi casada com um homem chamado Francisco Ronaldo Alves Teixeira até 1987. Com ele, teve dois filhos. No seu depoimento nos autos, ela cita que em 1988, quando supostamente viu Amailton com Isaías e um garoto morto no bagageiro, "amamentava o seu último filho homem".

²⁷² Valdete afirma ter trabalhado para a juíza Vera, esposa de Vantuil. Isso é novidade. Aqui, fica evidente: Valdete seria o elo para incluir Vantuil no processo, além de outros pretensos suspeitos da PF.

Ela "amarra": **Amailton** (história do carro/Isaías) + **Anísio** (estupro/ex-namorado Isaías) + **Césio** (APÊNDICE: "2.4 - CASO DA MALETINHA - VALDETE RODRIGUES BARROSO - afirma que o médico que fazia parte das reuniões na casa de Amailtom, quando presenciou a saída do corpo do menino morto na parte de trás do Gol ou Escort era o Dr. Césio") + Morte de **Klebson** + Morte de **Judirley** + Desaparecimento de **Rosinaldo** etc. Esse relatório inteiro praticamente é uma ode às histórias de Valdete.

²⁷³ Valdete namorou Isaías por pouco tempo então.

GOMES, provavelmente, onde o mesmo trabalhava²⁷⁴. Enquanto aguardava o namorado, presenciou certa vez o **Dr. Anísio sair da casa de Amailton com vários sacos de sangue nos braços e colocar no banco traseiro de sua Brasília²⁷⁵**. Em mais de uma vez, não se recordando quantas vezes, **presenciou LUIZ CAPICHE NETO sair da casa de Amailton, com uma caixa de isopor**, igual a dos vendedores de picolés, não sabendo precisar o seu conteúdo, vindo a saber anos depois, através de seu companheiro de nome A., que **seriam órgãos genitais humanos²⁷⁶**. Frequentavam, também a casa de Amailton, nos mesmos dias e horários, que a mesma se encontrava a espera de seu namorado Isaías, **um médico que trabalhava no hospital São José, o qual tinha os cabelos grisalhos, não se recordando do nome do mesmo²⁷⁷**; viu também uma mulher magra, alta, caneluda, cabelos lisos curtos, cortados reto, morena escura, aparentando uns trinta anos, que não conhecia; GENILSON e esposa, ambos mexem com compra e venda de madeiras, e tem fazenda no Km180; **VANTUIL**, chegava sempre em uma pampinha vermelha acompanhado de um homem moreno forte, aparentando ser mais velho que Vantuil e que pela semelhança poderia ser seu irmão; **um médico moreno, 1.70 metros aproximadamente, compleição física média, cabelos lisos grosso, penteados para trás, de roupa branca e uma malinha quadrada preta²⁷⁸**(possivelmente teria sido o médico que atendeu sua filha Elaine, na Fundação SESP, a seis ou sete nos atrás, queixando-se de dores no peito); **GOIS**, chamado pôr ela de GOISZINHO, é da família Gois, e que a pouco tempo atrás mexia com material de construção, mais precisamente, com cimento, sua loja funcionava no complexo de Gois, é um homem baixo, moreno claro, calvo, alguns cabelos grisalhos, compleição média, usa botas de trabalho tipo “zebu”. Dentre todos os frequentadores, foram citados apenas os passíveis de identificação, sendo os outros totalmente desconhecidos.

²⁷⁴ Por que “provavelmente”? Não verificaram isso com ela? Foram atrás desse Isaías?

²⁷⁵ Relembrando o ponto 3.2 do APÊNDICE: “**3.2 - SILVIA = VALDETE RODRIGUES BARROSO**, viu Anísio saindo da casa de Amailton com saquinhos de sangue, na época em que viu Amailton retirando o menino morto dentro do carro.”

Como é que acreditaram nessa história?

²⁷⁶ Agora envolve Luiz Kapiche Neto, antigo suspeito. Metade de Altamira é parte da seita pelo jeito.

E lembrando: esse companheiro de nome “A.” seria aquele que teria ameaçado ela, tentado enforcá-la, e que teria trabalhado com Vantuil por 4 anos. Ao afirmar que ele sabia disso, também está relacionando ele ao grupo criminoso, pois o relaciona diretamente com Amailton, Vantuil e, de certa forma, com Anísio.

²⁷⁷ Eu já começo a duvidar se essas pessoas que estão sendo mencionadas sequer existem. Esse comentário serve para todas as pessoas citadas neste parágrafo.

²⁷⁸ Mais adiante nesta seção, José Carlos vai afirmar que esse médico, de acordo com Valdete, era Césio. Eu confesso que já esperava isso quando li esse trecho da primeira vez.

Certo dia, com encontro marcado como de costume, quando Silvia se aproximava do local, não podendo precisar de onde saiu um carro, por estar distraída, viu aproximar-se de si, uma parati ou um gol cinza claro, **dirigido por AMAILTON MADEIRA GOMES, ao seu lado ISAIAS, no banco de trás um homem desconhecido para ela, e na mala do carro, podia-se ver um garoto com os pés e as mãos amarrados para trás, trajando apenas short, com os olhos arregalados, a pele branca, sem sangue, provavelmente, morto**²⁷⁹. Na ocasião, a mesma assustou-se com a aparência da criança, momento em que Isaiás lhe disse para esperar, pois queria falar com ela, mas em decorrência do choque, Silvia dirigiu-se apressadamente para sua casa, tomando como caminho a rua do Fórum, e quando já dobrava a esquina, rumo da rodoviária, foi novamente abordada por Isaiás, no mesmo carro dirigido pôr Amailton, só não estava o homem do banco traseiro e o garoto. Neste momento, Isaiás desceu do carro e lhe convidou para ir para a pracinha na beira do cais, pois lá explicaria os fatos pôr ela presenciado. Ao chegar na pracinha, Isaiás começou a divagar sobre vários assuntos dizendo que “a vida era composta de coisas boas e ruins, e que tudo que se fizesse e sofresse deveria ser aceito com naturalidade, pois faziam parte das imposições da vida”, neste momento, Silvia insistiu na objetividade da expressão e ele sem nada dizer, a fez jurar que nunca contaria aquilo a ninguém sob pena de morte, foi quando Silvia pois fim ao seu namoro, sendo procurada poucas vezes depois por ISAIAS, para reatar o relacionamento; sem obter sucesso em suas investidas, nunca mais foi visto por ela²⁸⁰.

Descrição de ISAIAS: branco, bronzado, olhos claros, cabelos ondulados castanho-claro, andava vestido com camisa e jaqueta pôr cima, para esconder a arma que portava.

No início do ano de 1994, Silvia conheceu e amasiou-se com A. M. A.²⁸¹. Este relacionamento durou aproximadamente quatro meses, durante o qual A. contou para Silvia que trabalhava para Vantuil na revenda de carros usados, sendo que nesta, era o local onde era preparado os DUT'S dos carros roubados que eram levados para a fazenda da Serrinha, até que a nova documentação ficasse pronta e que quem sabia detalhes sobre o roubo de carros, e preparava essas documentações, era uma mulher

²⁷⁹ Este relato está quase idêntico no depoimento que ela prestou nos autos.

²⁸⁰ Então, de acordo com Valdete, esse caso todo é o que teria levado ao término do namoro com Isaiás.

²⁸¹ A vida dessa mulher é inacreditável. Tudo gira em torno da seita. Trabalhou com Anísio, trabalhou para a juíza Vera, namorou com Isaiás, frequentava a casa de Amailton (onde via o Anísio com saquinhos de sangue e o Kapiche levando pênis de crianças em isopor), juntou-se com um funcionário de Vantuil...

chamada **EUNICE**²⁸², que hoje é casada com um madeireiro; supomos ser esta, uma despachante. Narrou também, que o tio de A., conhecido como **TOINHO**²⁸³, trabalha como “GATO” na fazenda de Amadeu, a mais de doze anos. Sobre esta fazenda, que está localizada na estrada da Serrinha, disse que a mesma possuía um barracão onde alojava os trabalhadores e os menores que para ali eram levados para trabalhar, e que o capataz distribuía cestas básicas para atrair os meninos, vindo esse barracão a ser queimado.

Contou também à Silvia que os órgãos dos meninos emasculados eram enviados para outro lugar junto com embalagens de peixinhos ornamentais e, que Eunice sabia de tudo. Quem levava para embalar e tirar de Altamira eram LUIZ CAPICHE E A MULHER DE GENILSON, GISELE ANTONIA OLIVEIRA²⁸⁴.

Durante o tempo de convivência entre Silvia e A., estava em Altamira uma equipe da Polícia Federal, desenvolvendo a segunda fase da Operação Monstro de Altamira, e esta foi procurada para auxiliar na identificação de um menino, que foi seu vizinho, existindo a partir daí vários contatos com membros da equipe, e quando A. soube que as pessoas que procuravam Silvia eram Policiais Federais, passou a ficar bastante nervoso, brigar muito com a mesma, chegando a agredi-la fisicamente, culminando pôr ameaça-la de morte, usando as seguintes palavras: **“que ela era muito moça para morrer e que deixasse de andar com o pessoal da federal”**.

Após os contatos da equipe com Silvia, esta passou a despertar para as coisas que aconteciam ao seu redor e no desejo de auxiliar na elucidação do caso, passou a prestar atenção nas conversas dos fregueses do seu bar, quando ouviu a seguinte conversa entre **JOSÉ CARLOS BERGAMIM e um rapaz que o acompanhava, palavras textuais: “foi a mulher do GENILSON quem matou este último menino só para despistar as investigações**²⁸⁵”. Ambos estavam em uma pampa café com leite, em bom estado, de propriedade de Bergamim. Este senhor tem uma fazenda na região da Transamazônica, próximo ao Km4 e a uma serraria de nome COMACON ou COMAVEL.

²⁸² Não consta no APÊNDICE.

²⁸³ Não consta no APÊNDICE.

²⁸⁴ De novo: meia Altamira pelo jeito fazia parte da seita. Não é possível que a PF acreditasse nessas coisas. Não surpreende que o MP nunca quis colocar esse relatório nos autos. Alguns desses nomes aparecem neste relatório na seção “F - Caso Renato Farias da Silva”.

²⁸⁵ Lembrando novamente: Esse Bergamin seria o dono da picape que teria sido vista quando Judirley foi morto. No inquérito dele, dizia-se de uma pampa cor vinho. Nesse relatório, a PF fica falando de uma pampa café com leite. Nada aqui tá fazendo sentido. É muita vontade de acreditar em qualquer coisa.

Em outubro de 1994, foi procurada em seu Bar pôr **DIDI**²⁸⁶, o qual pediu que colocasse dois litros de vinho para gelar e que mais tarde mandaria buscar, sendo que a mesma esqueceu do pedido e quando DIDI retornou acompanhado de um outro homem que portava um punhal de dois cortes na cintura e de um menino aparentando uns dez anos, compridão, magro, cabelo curto e já embriagado, a quem os dois continuavam a dar bebida alcóolica (vinho quente, comprado de Silvia), saíram arrastando o menino em direção ao posto Serra Dourada.

Descrição de DIDI: alto, magro, cabelos castanhos, olhos castanho-escuro, andava de boné, geralmente com calça US TOP e blusão para fora da calça. Tem mulher e filhos, reside de aluguel em Altamira, trabalha a muitos anos com o Sr. Agenor e Genilson, e é quem dirige a Toyota branca deste. Último local que se sabe ter residido, é próximo ao posto Serra Dourada. Algum tempo o acompanhava um rapaz alto, louro, sardento, olhos claros com tatuagem no braço e no peito, uma águia. **E um outro acompanhante chamado de LUIZINHO, possuidor de uma pampa café com leite, velha, o qual comerciava em Altamira com gêneros alimentícios produzidos aqui mesmo como: cebola, tomate, etc... e vendia tais produtos em Macapá.**

Descrição do outro acompanhante de DIDI, que estava junto quando foram buscar o vinho encomendado: rapaz moreno, olhos pretos, forte, cabelos crespos com rabinho, possui uma cicatriz grande e escura no rosto.

OBS: No dia 15.09.95, quando repassávamos com Silvia a história narrada, esta revelou o nome do **médico** que visitava a residência de Amailton e portava uma **malinha preta, quadrada, era o Dr. Césio Brandão**²⁸⁷.

²⁸⁶ DIDI aparece neste relatório na seção "F - Caso Renato Farias da Silva".

²⁸⁷ Conforme adiantei em alguma nota anterior.

COMPLEMENTAÇÃO DAS INFORMAÇÕES PRESTADAS POR SILVIA em 10.11.1995.

Na data de 10.11.95²⁸⁸, no trajeto de retorno da Equipe a Belém/PA, uma das viaturas sofreu avarias próximo ao Município de Pacajás/PA, obrigando desta forma, que pedíssemos auxílio naquela cidade.

Para tal, solicitamos os préstimos do Delegado de Polícia Civil da área, conhecido como "TAVICO²⁸⁹" e sua equipe formada pelo seu filho TETÉU; NEGRÃO e a Escrivã ROSE, sendo que os três primeiros atuaram como policiais civis contratados pelo ex-Prefeito de Altamira ARMINDO DOCITEU DENARDIN²⁹⁰, nos anos em que ocorreram o maior número de emascações.

No dito deslocamento, vinha além da equipe de policiais federais, a testemunha acima mencionada e seus filhos menores²⁹¹, sendo que ao pararmos naquela localidade (Pacajás) para almoçar, assim como providenciar o transporte do veículo acidentado para a cidade de Tucuruí, recebemos o convite dos policiais para acompanhá-los no almoço, momento em que a testemunha ao vê-los, os reconheceu como sendo aqueles pertencentes ao grupo de pessoas, que além de freqüentarem também o seu estabelecimento comercial eram envolvidos em crimes na cidade²⁹², ficando assim totalmente nervosa e amedrontada, sendo reconhecida também por Negrão, que

²⁸⁸ Encerraram a terceira fase da Operação Monstro de Altamira em 10 de Novembro de 1995 então.

²⁸⁹ Otávio Torres Filho. Há ao menos duas passagens importantes dele nos autos:

- I) durante as investigações de Brivaldo no caso Jaenes, quando Klebson é assassinado, ele é o policial que informa Brivaldo que Amailton teria sido visto em municípios próximos a Altamira, o que supostamente derrubaria o álibi de que Amailton estava viajando para o sul do Brasil. Depois, as pessoas que supostamente deram essas declarações afirmaram que nunca prestaram tais depoimentos – ou seja, que eles foram forjados;
- II) Ele escreveu um boletim de ocorrência após Vandicley ter sido atacado e sobreviver. Seu boletim é um dos registros que confrontam a história de que o garoto teria sido atacado por mais de um homem. Lá, ele afirma que o garoto, ainda em choque, falava de ter sido atacado por apenas um homem, em Setembro de 1990.

²⁹⁰ Eu sinto que o José Carlos quer dizer que está todo mundo relacionado numa grande organização criminosa.

²⁹¹ Contexto: Maurício estava preso, mas podia já estar saindo da prisão temporária, pois o juiz pedia mais dados que justificassem ele ir para uma prisão preventiva. Acho difícil que tenham conseguido. Essa história toda do Vantuil parece uma grande furada. Mas a pergunta que eu faço é: por que a PF estava levando Valdete para Belém? Achavam que ela estava em risco com a eminente soltura de Maurício? O que aconteceu com essas pessoas?

²⁹² Quem poderia imaginar que o José Carlos ia escrever isso?

inclusive, nem mesmo sentou à mesa ou encarou-a. Quanto a Tetéu, este não demonstrou qualquer reação adversa, apenas disse que conhecia aquela pessoa de algum lugar e perguntou se ela estava conosco, sendo-lhe respondido que se tratava de uma cozinheira nossa. Nessa ocasião, Tetéu disse não a ter visto em nossa casa quando lá esteve, instante em que Negrão interveio na conversa dizendo ter visto somente a Cantora, referindo-se a Liliane Chipaia.

Quando Silvia ainda se encontrava no restaurante, pronunciou em tom baixo, as seguintes palavras percebidas por um policial federal: “AUTORES... AUTORES...”, levantando-se incontinentemente da mesa e afastando-se do local, sendo seguida pelo policial, a qual lhe perguntou o que estava acontecendo e o que significava tais palavras, sendo respondido por Silvia de forma evasiva, que se tratava de um filme, alegação esta que não foi aceita, insistindo o policial para que a mesma dissesse a verdade sobre todos os fatos que tinha conhecimento e que não havia ainda comentado com a equipe.

Nesse interim, TAVICO chamou o homem de bermuda cáqui que anteriormente jogava 21 (jogo de cartas) numa mesa ao lado, para com desculpas de mostrar uma moto apreendida por eles, fazer com que aquele homem reconhecesse Silvia, estando esta, em companhia de um componente da equipe sentadas na calçada do prédio do posto de gasolina, tendo o policial notado a intenção do aludido delegado, afastou-se juntamente com Silvia para continuar a conversa.

No “papo” então mantida entre ambos, esta narrou os seguintes fatos²⁹³: QUE quando residia na Avenida Perimetral, não sabendo precisar datas, recebeu por várias vezes a visita de **MIGUEL**, fazendeiro de cacau do km. 46, travessão 16, que junto com o **ex-Prefeito de Souzel AVERALDO** e um motorista da Prefeitura de nome **RIBEIRINHO**, realizaram várias reuniões entre si madrugada adentro; QUE, em algumas dessas reuniões estiveram também presentes **JOSÉ CARLOS e MARQUINHO BERGAMIN**, além dos **Sargentos MÁRIO e CARLOS** do 51º BIS, sendo este último pai do filho de sua irmã J., do Sargento PM **PETRONIO**, do Soldado PM **LABRE** e de outros que não se recorda o nome, bem como dos policiais civis **NEGRÃO, TETÉU, JOSIVALDO**, pai de um dos seus filhos, além de outros dois remanejados para Belém. QUE, seu bar e sua clientela tinham pertencido a **AGENILDA JOSÉ DOS SANTOS (vide o item F)**, e Silvia chorou muito quando da primeira vez em que lá estiveram Miguel, Averaldo e José Carlos

²⁹³ Parte deste trecho já foi contado em outra parte deste relatório. É incrível a quantidade de gente que ela está dizendo fazer parte desta organização criminosa. Não dá nem pra chamar de seita mais.

Bergamin fechando a porta do seu estabelecimento e colocando-a sentada em um banquinho do lado de fora até as três (03:00) horas da manhã, horário em que encerraram a reunião; QUE, as reuniões subsequentes tiveram sempre nas mesmas características da primeira, vindo esta a se acostumar com tais fatos, visto que eles nunca deixaram de pagar o consumo; QUE, em certa ocasião, foi sugerido pelo grupo que ela fechasse um compartimento ao lado, para que eles ficassem com local privê, aonde pudessem realizar essas reuniões, sem que tivessem de fechar o seu bar e ninguém a lhes perturbar; QUE, em outra ocasião, estava José Carlos Bergamin bebendo sozinho, quando **passou em sua D-20 LUÍS KAPICHE**, sendo este avistado por J.C. Bergamin o qual lhe acenou chamando para que o mesmo viesse sentar a sua mesa, ficando longo tempo conversando; QUE, Silvia não sabe precisar se tal encontro teria sido casual ou marcado, somente que, numa das vezes em que foi até a mesa para enxugá-la, teria ouvido **LUÍS KAPICHE falar sobre um cargueiro da TABA e uma citação sobre ÓRGÃOS PULSANDO**, não sabendo ao que se referia²⁹⁴; QUE, o Sargento PETRONIO e outros policiais militares e civis sempre iam com carne e cerveja para o seu bar, após realizarem “serviços logrados de êxito” como forma de comemorar, sendo que várias foram as vezes em que tais comemorações ocorreram e que a carne consumida sempre era ofertada por José Carlos Bergamin que possui um açougue; QUE, numa dessas reuniões ouviu também um caminhoneiro se referir a uma certa fazenda onde poderiam levar “ALGO”, pois a pessoa era de confiança e lá tinha muitas armas, não sabendo Silvia dizer o que se tratava, tampouco do local aonde a mesma se localizava; QUE, Silvia também cita sobre uma pessoa de nome **VILMA** que teria estado em seu bar com Bergamin ouvindo do mesmo que aquela mulher estaria viajando, mas que sempre era citada nas reuniões subsequentes.

Silvia também mencionou a participação do motorista de um caminhão amarelo, que faz a linha Altamira/Itaituba, sendo que este seria a pessoa que levava (ou que leva) de Altamira os meninos que eram enviados para o Exterior, inclusive em certa oportunidade, este motorista, teria convidado sua irmã **V.**²⁹⁵, para também PEGAR CRIANÇAS; QUE, Silvia achava que esses casos tinham como meta as cidades de Altamira, Itaituba (local onde o motorista possivelmente reside), Santarém e Manaus, sendo esta última a possível base para aonde eram levadas as crianças, sem contudo tecer maiores comentários sobre o caso.

²⁹⁴ Isso é um relatório da Polícia Federal. Inacreditável.

²⁹⁵ Não consta no APÊNDICE.

Vale a pena ressaltar, que os fatos ora narrados, só se tornaram possíveis, primeiro, a partir da acidental mas providencial quebra do veículo, bem como, pelo medo da testemunha e a percepção dos acontecimentos notados pela equipe de policiais federais quando do encontro no Município de Pacajás com policiais civis, fatos estes, fundamentais para que a testemunha viesse a narrar esses e outros episódios até então omitidos por ela.

Esses e outros fatos narrados por Silvia, se ditos anteriormente, por certo, teriam dado outra dinâmica e direcionamento às investigações, pois a equipe permaneceu na cidade de Altamira por quase três meses.

QUE, com relação a ameaça sofrida pela mesma, feita por MAURÍCIO RIBEIRO DO NASCIMENTO, a mesma narrou que anteriormente a ameaça, VANTUIL ESTEVÃO DE SOUZA esteve no restaurante de sua irmã LUZIA acompanhado de Maurício onde fez a seguinte citação: - VOCÊ ESTÁ VENDENDO ESTA AQUI, É A LÚCIA; VOCÊ ESTÁ VENDENDO ESSA ALI, É A MARIA. Vantuil com estas palavras pretendia que Maurício ficasse conhecendo a família, dando a entender ter anteriormente mencionado (contratado) Maurício para algum tipo de serviço contrata a sua pessoa; QUE, posteriormente Vantuil teria passado em frente ao seu bar em uma D-20, acompanhado de Maurício, apontando para seu estabelecimento comercial, possivelmente no mesmo dia em que também parou em frente ao local onde RAIMUNDO MOREIRA DA SILVA, pai do menino desaparecido Rosinaldo, (vide Pasta 39), tem uma barraca de venda de pastel e caldo de cana, localizada na Trav. Pedro Gomes, próximo ao Banco do Brasil, mostrando para seu acompanhante.

Quando da prisão de Maurício mostramos a Raimundo uma foto do mesmo, não sendo por este reconhecido²⁹⁶, sendo que o mesmo disse que naquela oportunidade, só teria visualizado a pessoa de Vantuil dirigindo o veículo, mas que percebeu ao lado dele um acompanhante, sem, contudo, lhe ver o rosto.

Retornando a narrativa de Silvia, ela cita que nas imediações de seu bar, Rua ..., reside uma pessoa conhecida pela alcunha de R. R²⁹⁷, que teria um filho que havia trabalhado nas imediações do Hotel PAI e FILHO na rua Pedro Gomes, na embalagem de peixinhos ornamentais para a exportação, e que este ganhava muito dinheiro à época, mas que de

²⁹⁶ E se tivesse reconhecido também, o que que isso significaria?

²⁹⁷ Não consta no APÊNDICE.

uma hora para outra teria visto algo bem mais diferente do que a simples remessa de peixes, e resolvido se afastar do serviço, razão pela qual nunca mais foi visto na cidade de Altamira, sendo que seu pai, sequer menciona o fato, tampouco o paradeiro do filho.

Perguntado a Silvia sobre a AGENILDA, e se esta teria sido ENFERMEIRA do ANÍSIO, a mesma informou não saber nada a respeito deste fato, mas que, ela era metida a enfermeira, fato este que tem conhecimento, de que quando ela morava no km 90 - Medicilândia - e 180 - Uruará, atendia como tal.

QUE, como final de narrativa, Silvia cita a queima de uma TOYOTA em plena cidade, no terreno baldio ao lado do Edifício THEODOR e GLÁUCIA, como forma de eliminar provas possivelmente, afetas ao caso RENATO.

DECLARAÇÕES INFORMAIS DE SILVIA

Durante o período em que Silvia esteve conosco, mantivemos várias conversas sobre os mais variados assuntos, e nestas a mesma citou diversos acontecimentos da sua vida particular, os quais reputamos serem de grande valia para a nossa investigação. Ei-los:

I - Silvia tem uma filha de seis anos (completados em outubro/95), cujo Pai foi um bate-pau que atendia pelo nome de **Josivaldo Santos da Silva²⁹⁸**, mais um dos policiais que trabalhou no período das emasculações e faleceu em circunstâncias estranhas, após tentar apartar uma suposta briga, na saída de uma festa, no final de Julho/93, um ano e um mês aproximadamente depois de ter deixado a função “policia”.

Silvia contou que Josivaldo era um “carga torta”, isto se referindo a sua condição de viciado em drogas e matador, tudo isto acobertado pela função que exercia. Ela disse que no final de 89, mantivera uma única vez relações sexuais com Josivaldo, sendo que deste enlace nasceu a sua filha E., conhecida por Ratinha. Transcorrido mais de um ano do seu nascimento, encontrou Josivaldo na rua e lhe disse que em sua casa tinha uma menina com a fisionomia dele. Acompanhando Silvia até a sua residência, Josivaldo após despir a criança, constatou que a mesma tinha uma mancha na perna, idêntica a sua, dizendo naquela ocasião “que aquela menina era realmente sua filha”, passando desta forma a freqüentar assiduamente a casa de Silvia, propondo inclusive a possibilidade de se juntarem maritalmente, condição esta descartada totalmente por ela, em razão da mesma não nutrir amor por ele.

Conta ainda Silvia, que quando Josivaldo fazia algum trabalho escuso, tipo assassinato ou coisa que o valha, refugiava-se na fazenda do CACAU, posteriormente identificada como sendo de propriedade de MIGUEL, este também freqüentador de seu bar, nas reuniões com J. C. Bergamin, o ex-prefeito de Souzel, Averaldo e outros...

Durante estas conversas informais mantidas com Silvia, a mesma citou os serviços feitos por Josivaldo na fazenda da JOVILÂNDIA, com a participação de outros ex-bates-pau. Nesta ocasião quem era o gerente e advogado da fazenda Jovilândia era o atual Defensor Público e Vereador **ANTONIO BRITO**. Um adendo às citações de Silvia é necessário, pois a fazenda Jovilândia era um dos focos de utilização da mão de obra suja - pistoleiros -,

²⁹⁸ Aqui o tal do Josivaldo.

segundo as declarações de E., viúva de PEDRÃO, assassinado em 30.08.1994 por RONDINELI, sobrinho do traficante de drogas PAQUINHA, e que teria morto PEDRÃO a mando do próprio Paquinha. Segundo E., Pedrão teria trabalhado na Jovilândia, onde em certa ocasião, quando a mesma visitava pessoas amigas, foi taxada por um grupo de trabalhadores daquela fazenda, como sendo assassina, tendo ela retrucado que não tinha sido ela que matara os peões e sim, seu marido, Pedrão. Era freqüente Pedrão estar sempre acompanhado dos ex bates-pau LUISINHO e SANTANA.

Retornando às citações de Silvia, esta comentou que Josivaldo em certa ocasião disse não agüentar mais aquela vida, referindo-se aos trabalhos sujos realizados, propondo a Silvia, que fossem morar em outro lugar, segundo ele, única forma de se conseguir viver sem fazer mais **PARTE DO GRUPO**²⁹⁹, sendo esta a razão de boa parte dos seus companheiros já estarem mortos e outra residindo em local desconhecido dos demais. Passados mais ou menos quinze - 15 - dias desta manifestação de vontade, Josivaldo veio a falecer em circunstâncias tão estranhas como foram as mortes de Pedrão e do investigador de polícia civil LUCIVALDO, morto por um bêbado com um punhal, dentro de uma viatura da própria Polícia.

OBS: O Grupão eliminando os membros que desejavam desertar, mantinha assim os arquivos em dia. De toda sorte todos ou quase todos os policiais civis, bate-pau ou de carreira, assassinados ou não faziam parte do mesmo, eram arquivos vivos e tinham integrado (mormente os bate-pau) os quadros de pistoleiros da fazenda Jovilândia, que na ocasião, era capitaneada pelo atual vereador Antonio Brito.

II - Silvia em certa oportunidade recebeu a visita de um homem idoso, que lhe propôs utilizar o seu comércio como ponto de venda de drogas; tendo ela se negado, dizendo que sua família era da Igreja e que não iria fazer aquilo. Sem insistir, o dito homem pediu desculpas pela oferta e nunca mais a procurou. Segundo ainda Silvia, o homem disse chamar-se JOÃO FAIZ e quando esteve em sua residência, foi em um carro velho que ela não soube precisar a marca e o ano.

III - Um outro dado diz respeito ao filho do CHICO BORRACHEIRO, pessoa também ligada a prática criminosa, freqüentador de seu bar, que em certa oportunidade, bêbado,

²⁹⁹ Apesar de não estar explícito, José Carlos dá a entender aqui que esse seria o grupo por trás das emasculações e mortes de crianças também. E, de novo, é mais um caso que Valdete teve. **Todos os ex dela pelo jeito eram da seita.**

comentou que afogava crianças em um igarapé, não tendo esta demonstrado maiores curiosidades, tampouco saber o local do igarapé.

Os vários testemunhos de Silvia, cujo valor como prova pode parecer para alguns fracos quando em juízo, para a Equipe é de um valor incalculável, pois diante daquilo que se procura para alicerçar a tese da Culpabilidade dos Acusados, seus testemunhos não só vieram confirmar dados que já eram de nosso conhecimento, como também, trouxe à tona, outros dados cuja espontaneidade, em suas declarações, sem qualquer tipo de pressão, tanto física quanto psicológica nos serão de grande valia, pois, depois de totalmente confirmados, colocará não só esses acusados, mais também os outros, se Deus quiser, definitivamente atrás das grades³⁰⁰.

Sabemos das dificuldades com que nos depararemos com a retomada das investigações, já que na segunda fase, cujo objetivo tinha como um dos principais escopos, localizá-la em outros Estados da Federação e de refundir-lhe o ânimo para que confirmasse o que nos havia dito no mês de Dezembro/94 na sede do Conselho Tutelar de Altamira, o conseguimos, com a graça de Deus, angariando assim, novamente a sua confiança, tendo para isto, de lhe oferecer segurança física a si e aos seus, possibilitando que paulatinamente colhêssemos os dados ora citados.

Sendo Silvia uma pessoa totalmente insegura, o seu interlocutor tem de ser dotado de grande habilidade - tato -, pois ao menor sinal de dúvida, a mesma se fecha e começa a soltar evasivas, sendo essas as razões de que no princípio pensávamos ser ela uma doida ignorante, que falava alhos com bugalhos, não dizia coisa com coisa, mas que com o passar do tempo, começamos a compreender aquele tipo de evasiva, de alguém que deseja fazer-se de bobo e o consegue, iludindo aqueles que se consideram sabidos demais, nada lhes revelando, apesar de saber muito a respeito dos fatos que se está perquerindo³⁰¹.

Quando, através de um consenso da Equipe, aprendemos a lidar com a mesma, adotando medidas que começaram a lhe agradar, utilizando as mesmas palavras que ela, adotando o seu linguajar, descendo ao seu nível de expressões idiomáticas, contornamos o maior obstáculo que se depara na cidade de Altamira, que é justamente a omissão e o medo latente que a população tem dos poderosos, principalmente aqueles que viveram

³⁰⁰ Eles realmente queriam prender meia Altamira. Para eles, a “seita” era muito maior.

³⁰¹ Complicado.

ou sofreram em algum momento essas mortes, mormente porque não só nesses, mas em todos, está intrinsicamente arraigado que os criminosos permaneceram, permanecem ou permanecerão eternamente impunes, em razão da Justiça ser morosa, e as Polícias Civil e Militar serem susceptíveis a influência política, e, alguns dos seus elementos venais, haja vista a implicação direta desses policiais na prática destes crimes, quase sempre utilizados pelos poderosos para pegarem os meninos, mante-los em cativeiro, fazerem a segurança do local aonde os mesmos ficavam presos e eram sacrificados e por fim protege-los de forma a que não fossem incomodados nas investigações, incumbidos ainda de se elas ameaçassem se dirigir para eles, desvia-las, de modo que nunca fossem atingidos pela lei, quer em processos, quer na sua aplicação. Enfim, a impunidade total, consideram-se intocáveis.

P - DESCARACTERIZAÇÕES DE LOCAIS:

Não podemos deixar de abordar este aspecto dos fatos tendo em vista que sua amplitude fatalmente nos levaria a uma visão globalizada dos envolvidos, dentro de um contexto onde as ligações com outros segmentos, tanto da sociedade altamirense como do crime organizado ali instalado ficariam patentes.

A - SÍTIO DA ESTRADA PRINCESA DO XINGU.

É o relacionado a exuberante narrativa de uma menor, na época com aproximadamente 11 anos de idade³⁰², relatando as monstruosidades que sofreu e que viu alguns meninos sofrerem em seus últimos momentos. Segundo a narrativa, Samara não foi levada àquele local apenas uma vez, pois conhecia pormenorizadamente vários atalhos que la levavam e as peculiaridades dos caminhos, e que em sua pieguice infantil podia se abstrair num belo sítio, preparado há bastante tempo “pela idade e variedade das árvores frutíferas”, com um ótimo pomar onde buscava frutas. Disse-nos que era um lugar limpo, bonito e bem cuidado e que lá havia uma casinha com três - 03 - cômodos, coberta de telhas e com um alpendre cercado de madeira coberto com um grande plástico preto, aonde residia seu JOSÉ amásio de Socorro, mulher que lhe criava.

Após ouvirmos atentamente a narrativa de Samara, partimos para a materialização do que nos foi contado e neste afã chegamos ao tal sítio, já abandonado, sujo e reduto de pessoas que pelo abandono iam ali beber e fumar maconha.

Em conversa mantida com vários vizinhos e com o Sr. Nivaldo, que se apresentou como o atual dono do sítio, soubemos que em meados de 93 parou um caminhão na beira da estrada e de uma hora para outra levaram telhas, madeirames, portas, janelas, móveis; derrubaram a motosserra o “galinheiro”, dentro do qual sob um monturo da madeira cortada da estrutura velha envolta em arame farpado e folhas, descobrimos vestígios de um colchão de espuma conforme descrição da menina, entupiram os poços; destruíram os banheiros e desapareceram, tudo bem rápido, descaracterizando o local, todavia, ficando traços que refletem a veracidade da narrativa da menina³⁰³. Sendo este o quadro que vimos quando la chegamos. Com a Equipe bastante reduzida e o grande volume de trabalho encontramos dificuldades em levantar a cadeia dominical de tal sítio, todavia, soubemos que à época dos fatos acima narrados, a proprietária era uma Senhora que residia em Senador José Porfírio e que nunca estivera naquele local.

³⁰² Eudilene, chamada aqui de “Samara”. Esse trecho do relatório é especialmente interessante, já que nos autos não há nenhuma informação mais detalhada sobre as buscas que foram feitas com base em seu relato.

³⁰³ Ou seja, não deu em nada mesmo.

Após levarmos autoridades locais para fazer um reconhecimento de tal área, a Equipe veio a sofrer um provável atentado a bala, quando se encontrava dentro do Centro Pastoral da Prelazia do Xingu³⁰⁴.

No dia subsequente ao fato a Equipe notou estar sendo seguida durante boa parte da manhã pelo médico ROMEL AMOEDO CAFEZAKIS³⁰⁵, à época diretor da FSESP e um dos peritos que conosco estiveram fazendo o reconhecimento do local descrito por Samara, sendo que este após abordado, demonstrou nervosismo, alegando que ali se encontrava a espera de um amigo para irem jogar uma “pelada”.

No restante do dia a Equipe notou a constante presença de um Gol GTI, vermelho, com película preta, com dois ocupantes. A noite quando faziam um lanche defronte ao Hotel Requite passou o Delegado Civil NEVES e contou que tomou conhecimento do atentado sofrido por nós na noite anterior e que naquela mesma noite encontrou e abordou o referido GOL vermelho, sendo recebido pelos seus ocupantes com armas em punho, sendo que tais pessoas seriam seguranças do Amadeu³⁰⁶.

Outro fato estranho, ocorreu no domingo, depois de termos ido com as autoridades até o sítio e sofrermos o atentado e sermos seguidos, aconteceu que durante a tarde marcamos uma entrevista com uma importante testemunha e a noite quando estávamos utilizando os telefones públicos em frente a Telepará, estando a rua sem iluminação, notamos ter parado a poucos metros de onde estávamos uma viatura do CIRETRAN (utilizada pela PM em Altamira para executar os serviços da radiopatrulha) com uma guarnição da Polícia Militar composta de quatro elementos que de uma maneira pouco peculiar em abordagens policiais, mantiveram um elemento próximo a viatura; um segundo dirigiu-se a um veículo estacionado as proximidades cujo ocupante estava dentro da companhia e mandou-o imediatamente embora; o terceiro ficou do outro lado da rua próximo a esquina e um quarto homem veio até onde estávamos, e provavelmente após reconhecer-nos, simulou que utilizava o telefone e de uma maneira clara que o

³⁰⁴ Ouvi relato semelhante de uma pessoa de Altamira que acompanhou a PF em uma de suas idas à cidade. Interessante que a pessoa me dizia que tinham atirado contra eles, pois “sabiam que eram policiais federais”. Já aqui, o agente José Carlos, que claramente não teme em fazer afirmações polêmicas, diz que foi um “provável atentado”. Nos autos não há nada relatando isso. Tampouco encontramos matérias na imprensa sobre isso.

³⁰⁵ Médico amigo de Césio. Entrei em contato com ele. Relatou que na época era diretor do hospital (assumiu o lugar de Césio, após sua prisão) e por isso era o encarregado de enviar médicos para fazer exames em locais de crimes. Não se recorda desse encontro com Policiais Federais, tampouco disse saber ter sido investigado.

³⁰⁶ Quem eram? Foram atrás deles? O que aconteceu?

mesmo apresentava defeito, após isso indo embora, não sendo mais visto pela equipe durante aquela noite.

O que muito chamou atenção foi o fato de que ambos aparelhos tinham acabado de ser utilizados pela nossa equipe, tendo as conversas sido interrompidas devido a tal aproximação, não apresentando nenhum defeito e para que não restasse dúvida quanto a artimanha utilizada pela PM, verificamos logo em seguida que os aparelhos continuavam funcionando normalmente.

B - BARRACO DO BAIRRO DA COLINA.

Este, reporta-nos ao seqüestro do menor Sandoval, que após ser conduzido por vários locais na cidade foi levado a um ermo onde avistou sua bicicleta e se localizou dentro da cidade, aproveitando um descuido de seus seqüestradores, fugindo salvando sua vida.

Mantivemos vários contatos com Sandoval e seus pais, o que ao final nos levou a buscar reproduzir o trajeto percorrido pelos seqüestradores até o ponto de onde fugiu.

Depois de nos convencer da convicção do seqüestrado apontar o local exato de onde fugiu, passamos a investigar e descobrimos que à época do fato lá havia um barraco de madeira, fora da vista da estrada, que, segundos vizinhos teria sido dado a um peão que o desmontou.

De interesse para o caso é o fato do proprietário de tal barraco ser o senhor AVERALDO, ex prefeito de Souzel, município de Senador José Porfirio, local onde, por coincidência, reside a ex proprietária do sítio da Estrada Princesa do Xingu, além de ser vizinho das terras do senhor Amadeu Gomes e bem próximo do acesso que dá ao sítio onde residia dona Zaila Gomes, sem contar que não fica longe do local onde foi encontrado o corpo do menor Klébson Ferreira Caldas e de onde o menor SEGUNDO SOBREVIENTE foi seqüestrado e emasculado, bem como considerando o traçado original da Transamazônica, referida propriedade está a menos de trezentos metros do Igarapé do Ambé - conhecido como Três Pontes -, local aonde foi assassinada Rosa Coelho de Souza e um pouco a frente desapareceu o menino TITO.

Juntando estes dados, podemos supor que o tal descuido dos seqüestradores deu-se em virtude de estarem em um lugar "muito seguro".

C - SÍTIO DA ZAILA.

Este imóvel foi de propriedade de Zaila, mulher de Amadeu Gomes e mãe de Amailton, e foi levantado pela equipe que após a separação do casal, Zaila foi morar no sítio com as filhas, ficando residindo na casa do centro Amadeu, Amailton e Márcio, isso aproximadamente por volta de 1990/91.

Como anteriormente citado, tal sítio fica localizado na Rodovia Transamazônica, abaixo do bairro da Colina e não distando mais de 500 metros do igarapé Ambé, local conhecido por **Três Pontes**. Possuía este sítio um grande pomar de mangueiras e jaqueiras as margens de um igarapé.

Este local é acessado por dois caminhos distintos, o primeiro saindo da cidade pela Rodovia Ernesto Acioli e dobrando a esquerda a uns cinqüenta metros do local de onde fugiu o menor Sandoval, o segundo indo por dentro da cidade utilizando parte do traçado original da Rodovia Transamazônica, que só é trafegável até as Três Pontes, fazendo-se o restante do trajeto até o sítio a pé. Soubemos que durante o período em que Zaila lá residiu era constante a presença de Amailton no mesmo e também que aquela quando tinha que vir rapidamente ao sítio utilizava-se da Transamazônica, deixando o carro nas Três Pontes, isto porque quando deixou o sítio passou a residir no bairro da Brasília, encurtando assim o caminho via igarapé do Ambé.

Estes fatos se tornaram interessantes para a investigação a medida que começamos a perceber que vários dos crimes ocorreram naquela vizinhança. Senão vejamos:

a) Em 25.11.89, o menor SEGUNDO SOBREVIVENTE estava em uma mangueira em frente a sua residência, juntando as mangas que um coleguinha de cima da árvore atirava, momento em que surgiu um elemento em uma bicicleta e lhe disse que sabia de um local onde havia muitas mangas maduras, levando assim o menor para um local conhecido como piçarreira onde o emasculou. Interessante é o fato de que a residência de SEGUNDO SOBREVIVENTE fica aproximadamente uns 100 metros do local de onde Sandoval conseguiu fugir, próximo ao acesso que leva ao sítio de Zaila e ao local conhecido por Piçarreira, onde o menor foi violentado, que dista aproximadamente uns 800 metros da sua residência na AABB, estando a mesma encostada as terras do Sr. Amadeu.

b) segundo consta, em 20.01.91 o menor Tito, morador da Transamazônica, antes das Três Pontes, estava com a molecada banhando-se no Igarapé quando decidiu ir a um sítio próximo buscar mangas, saindo em companhia de um homem que disse aos seus coleguinhas ser conhecido, não sendo nunca mais visto. Segundo sua mãe, o lugar onde os meninos costumavam ir apanhar mangas eram nas **terras do Sr. Amadeu**.

c) já em 01.10.92 a vítima foi Jaenes, o menor estava cuidando de algumas cabeças de gado de seu pai quando foi agarrado. Foi levado para o mato, morto e emasculado, o corpo encontrado **em terras do Sr. Amadeu**, localizadas na Rd. Transamazônica, próximo ao lixão. Foram vistos, no dia e hora aproximada do crime, nas cercanias do local aonde o corpo dias depois foi encontrado, o Dr. César e Amailton. Vale salientar que este local não fica longe do sítio da Zaila e nem de um dos caminhos que leva ao sítio da Estrada Princesa do Xingu, além de ser, segundo Samara, próximo ao local onde o elemento com características de “Índio” morava ou se escondia.

d) Outro caso que não podemos desvincular desses monstruosos crimes é o assassinato de Rosa Souza Coelho ocorrido em 07.10.92, em circunstâncias até hoje obscuras. **É fato e voz corrente, ainda não provado, que Rosa teria sido a empregada da casa de Amadeu que teria visto Amailton quando retornou, provavelmente do assassinato de Jaenes, com a roupa suja de sangue e disse que “tinha deixado seu priminho assim, assim”³⁰⁷**. Rosa foi encontrada morta, segunda o laudo do Dr. Aragão, afogada no igarapé Ambé, localidade conhecida por Três Pontes.

Tomamos conhecimento de que pouco depois da venda do sítio para o Sr Francisco José de Lima, conhecido como “Chiquinho da Pedra”, que trabalha em transações de compra e venda de gado e madeira, no pátio dos Armazéns Góes, este veio a cortar de moto serra, cerca de 30 árvores do pomar entre mangueiras e jaqueiras, das mais próximas ao Igarapé, permanecendo no local vestígios dos troncos e junto ao Igarapé está lavrada uma pequena horta.

Consta também que o referido sítio sofreu profundas alterações de suas características, quando este já pertencia ao Sr. Francisco, como por exemplo: o sítio quando de Zaila foi formado para a produção de horti-frutigranjeiros, composto de vários galpões para as aves, uma horta com sistema de irrigação e o pomar. Sendo que toda essa estrutura, foi

³⁰⁷ Essa história tem tantas versões que não faz mais nenhum sentido. Nenhuma delas se encaixa nos fatos que conhecemos. O curioso é a expressão “é fato... ainda não provado”. Diz muito sobre o trabalho da PF.

desmanchada, e em toda a extensão da terra, passado o trator e transformando-o no pasto que é hoje, e toda a “montoeira” dali retirada, levada de caminhão pelo irmão de Zaila, encarregado de toda essa alteração.

Chegou também ao nosso conhecimento, que no local onde hoje se encontra o dito pasto, existiu há algum tempo atrás, um cemitério, possivelmente clandestino, aonde teriam sido enterradas algumas pessoas que trabalhavam, ou viviam, em função de uma indústria madeireira, e que, eventualmente, receberia os corpos das possíveis vítimas dos Gomes.

Informe não checado³⁰⁸.

³⁰⁸ A PF devia acreditar que metade de Altamira era parte da seita e a outra metade estava enterrada nesse cemitério clandestino. Inacreditável. Pelo menos tiveram a disposição de dizer que não checaram isso.

D - SÍTIO DO GÊNIO

Desde o início das nossas investigações ouvimos estórias que um dos prováveis locais de execução dos meninos seria em um pomar, à beira de um igarapé. Pois bem, além do sítio de Zaila que teve o pomar as margens do igarapé devastado, um outro pequeno sítio, limítrofe ao de GÊNIO e que por ele foi adquirido no ano de 1994, também teve o seu pomar, às margens do mesmo igarapé que banha as terras que pertenciam a Zaila, erradicado por máquinas da P.M.A³⁰⁹. colocadas à sua disposição. Gênio explicou-nos que passou as máquinas no pomar para ampliar o pasto, e, como fato interessante, temos a acrescentar que, segundo os comentários, essas terras provavelmente teriam sido adquiridas por ARMINDO DOCITEAU DENARDIN e não por Gênio, por um preço bem superior ao que Gênio hoje pretende ou pretendia vender. Quando se fala no nome de Armindo, como provável proprietário deste sítio, tem que se explicar que a situação financeira de Gênio e de sua loja de tintas não é das melhores, fato demonstrado não só pela aparência externa do seu patrimônio, bem como pela queda de padrão de vida que ostentava, como também porque o sítio que possui realmente necessita de um elevado aporte de capital para se tornar economicamente viável, não se justificando, assim, a compra ou investimento em outra áreas, mesmo que limítrofes. Esta situação delicada de Gênio perdura desde o ano de 1993/94, quando deixou a Assessoria da Prefeitura de Altamira, onde era o braço direito de Armindo e seu homem de confiança, função que, pelo observado, continua a exercer até os dias de hoje. Segundo as últimas informações recebidas Gênio teria oferecido para venda, agora em FEV/MAR/96, o sítio pela irrisória quantia de R\$ 8.000,00 pressionado por dívidas junto a bancos, sem ter encontrado comprador.

Interessante também é como se deu a venda e compra deste sítio. O mesmo era propriedade de um casal de anciãos que já o habitava por mais de 40 anos e que o transferiu para Francilene (neta) e Zézito (marido da neta), retirando-se da área. O casal Zézito/Francilene, ele já um homem com idade avançada, é que vendeu o sítio para Gênio. O preço obtido permitiu ao casal adquirir uma área de dimensão, qualidade da terra e valor monetário igual à vendida, no fundo do travessão situado, coincidentemente, entre as fazendas de Amadeu e Araken Gomes, distante 15 kms de Altamira, onde vem a ser o último lote, que para se chegar até o mesmo tem que se atravessar pelo menos 19 colchetes, tornando assim a distância ainda maior e incômoda. Será que em sã

³⁰⁹ Não consta no APÊNDICE.

consciência alguém venderia uma propriedade situada na cidade, onde desfruta de todo o conforto urbano (principalmente tendo filho pequeno que necessita ir à Escola, próximo da Assistência Médica, e etc...), por um valor que só permita adquirir uma outra área de dimensão igual, situada a 15 kms da cidade, no fundo de um travessão, cuja entrada e saída é feita numa estrada vicinal precária? Será que o sítio da cidade foi desvalorizado e o do fundo do travessão super valorizado? Ou será que houve coação? Ainda não sabemos.

E - FAZENDA AMADEU – SERRINHA.

No rastro das descaracterizações, sobre a fazenda do Sr. Amadeu, na estrada da Serrinha, temos a dizer que ouvimos de um ex empregado que lá existia um barracão onde eram ministradas aulas as crianças que ali trabalhavam e mais tarde este barracão foi utilizado como dormitório de trabalhadores em regime de escravidão e que este local após a prisão de Amailton foi totalmente queimado para que não restasse traços de sua existência na fazenda nem das estórias a ele ligadas.

F - QUEIMA DA TOYOTA

Silvia cita a queima de uma TOYOTA em plena cidade, no terreno baldio ao lado do Edifício THEODOR e GLÁUCIA, como forma de eliminar provas, possivelmente afetas ao caso RENATO.

Q - MENINA SAMARA³¹⁰ -

Através das Dras. Angélica Nancy Barbosa Araújo, Médica Psiquiatra da SESPA, e Simone Aldenora dos Anjos³¹¹, Assistente Social, membros da Comissão Especial de Altamira designada pelo Governo do Estado do Pará, tomamos conhecimento da estória da menina Samara que perambulava pelas ruas de Altamira em companhia de outros meninos, aparentando não ter eira nem beira, sendo por isso recolhida pelo pessoal do Conselho Tutelar, que, ao ouvir as suas estórias, houve por bem conduzi-la a presença da já citada médica que, encontrava-se em Altamira realizando trabalho de apoio psiquiátrico às famílias das vítimas de emasculação, e que, após minucioso exame clínico e psiquiátrico na menina, impressionada com o que ouviu e viu, houve por bem cientificar-nos³¹².

Antes de Samara ser analisada pela Dra. Angélica, a mesma foi conduzida pela Presidente do Conselho Tutelar de Altamira, Sra. Antonia Melo³¹³, a presença da Psicóloga Shirley do Socorro Machado Góes³¹⁴, que a considerou como “doída” e disse que por causa disto, não levava a sério as suas denúncias. Shirley, entretanto, é alvo de nossas investigações, por possível envolvimento com pessoas ligadas às emasculações³¹⁵.

Segundo a análise da psiquiatra Angélica, apesar do pouco tempo de contato, não se tratava de um quadro Psicótico, pois a mesma esteve no sítio e acreditou que a estória de Samara tem muita lógica, não achando, em princípio, tratar-se de uma fantasia arquitetada pela mente da menina.

³¹⁰ Eudilene.

³¹¹ Foram contatadas e não aceitaram dar entrevista.

³¹² Ou seja, a garota estava perambulando pelas ruas, falando coisas sem nexos. Certamente precisava de assistência médica e social, e foi colocada nessas condições como testemunha-chave pela PF. Uma criança. Sabe Deus a pressão que ela passou.

³¹³ Em entrevista concedida a Rubens Pena Jr. para sua dissertação de mestrado, a Sra. Antônia Melo afirmava não se recordar de Eudilene.

³¹⁴ Foi contatada e não quis dar entrevista.

³¹⁵ Ou seja: a psicóloga achou que a história da garota não tinha sentido (e realmente não tinha, basta ler seu depoimento), e por isso a PF suspeitou que a psicóloga fizesse parte da seita.

Ante a gravidade da denúncia, a Polícia Civil levou Samara até o sítio, mas não cavou no local, tendo a menina sofrido uma crise de nervos muito grande, nesta ocasião.

O relato abaixo, é uma síntese daquilo que por ela nos foi revelado, acrescido do nosso relato pessoal quando estivemos com a mesma e outras autoridades no sítio abandonado da Estrada Princesa do Xingu, e ainda o fruto da nossa intensa convivência durante o período aproximada de uma semana.

Sua estória começa quando passou a residir, aos 11 anos de idade, em companhia de seu tio Raimundo Pereira da Costa (irmão de sua mãe) e de sua amasia SOCORRO, no bairro do Mutirão. Samara estando certa vez necessitando de cuidados médicos, foi levada por Socorro até o Posto de Saúde da Brasília, aonde foi atendida pelo Dr. CÉSIO, isso no ano de 1992, o qual entre outros procedimentos lhe tirava a roupa; lhe aplicava injeções nas veias, e colocava alguns fios nos seus braços, no peito e na cabeça ligados a eletricidade. Recordar-se que quando acordava se sentia fraca das pernas, verificando em uma das vezes, antes de adormecer após a aplicação da injeção, o citado médico tirou sua roupa, abrindo-lhe as pernas e introduziu o seu pênis em sua vagina. Que na hora em que foi violentada Samara percebeu que estava sangrando e vencida pela injeção, dormiu. Ao acordar viu um negócio branco e sangue nas coxas, indo até o banheiro, ocasião em que notou que os seus seios estavam roxos, não conseguia andar de pernas fechadas e que suas costas doíam. Ao sair do consultório encontrou a amasia de seu tio, Socorro, que a levou para um banco e a fez sentar-se, dirigindo-se, ela, Socorro, até o consultório, adentrando-o para conversar com o médico, ocasião em que Samara percebeu que riam (Socorro e o Césio), e o médico perguntava para Socorro quando é que ela lhe traria outras meninas iguais aquela³¹⁶.

Socorro após as consultas, costumava levá-la para uma chácara localizada na estrada da Betânia, onde morava um homem de meia idade, cor clara, cabelos curtos claros e grisalhos, que dizia chamar-se JOSÉ, sendo também amante de Socorro. Que a frequência maior das mesmas a este sítio ocorria nos finais de semana, e que lá costumavam encontrar também os médicos LUÍS ANTONIO TEIXEIRA e CÉSIO FLAVIO BRANDÃO; um homem chamado PEDRO FIM e uma quarta pessoa descrita pela informante como sendo um ÍNDIO, que apresentava cabelos lisos pretos à altura dos

³¹⁶ Ou seja, sua "tia" Socorro fazia parte da seita e levava garotas para Césio.

A PF por acaso não teve interesse de verificar se ela tinha ficha nesse Posto de Saúde? Não foi conversar com outros médicos de lá Verificaram alguma coisa dessa história?

ombros, com franja na testa, compleição forte, cor morena escura, apresentava ainda, duas pequenas tatuagens em formato de círculo na bolsa abaixo dos olhos.

Numa dessas idas à chácara, provavelmente no início do ano de 1993³¹⁷, viu dois garotos amarrados pelos punhos e tornozelos dentro de uma casinha cercada de arame e pau (aramé inclusive no teto). Um desses meninos era meio claro, usava sandálias havaianas amarela e um short parecendo de banho e o outro era bem maior, forte, de cor morena escura, cabelos encaracolados, que aparentava ter aproximadamente 14 anos. Nesse dia ela presenciou o Dr. Luís Antonio fazendo sexo com o garoto maior, que estava amarrado. Que outro dia viu quando Índio, Pedro Fim e Dr. Césio arrastaram pelos cabelos os dois garotos para o mato e como estes estavam gritando: “- Pelo amor de Deus, não me mate, preciso ver minha mãe, SOCORRO!!!”. Nessa oportunidade viu que alguém enfiou um vidrinho no nariz dos meninos que caíram desacordados no chão. Que algum tempo depois os três homens retornaram do mato, estando Pedro Fim e o Índio melados de sangue, arrastando o corpo despido do menino maior com os olhos furados, percebendo esta, que seus órgãos genitais estavam tirados, estando o Dr. Césio de bata e luva e, trazendo em sua mão um facão e um saco e Pedro Fim carregava uma maleta preta, tipo de médico.

Deixaram o corpo do menino dentro da casinha com a porta aberta (não viu trazerem o corpo do outro menino) e quando o sol começava a sair, ouviu quando o Sr. José disse para Socorro que “não aguento mais ouvir gritos de crianças, vou contar tudo e cair fora” (textuais). Ato contínuo Socorro aproveitou-se de um descuido de José, esfaqueando-o na nuca e também próximo à virilha, quando este já estava caído no chão. Samara presenciou tudo pela janela e teve que ajudar a arrastar o corpo para fora da casa até o próximo de umas árvores, onde o enterraram numa cova rasa e o cobriram com ramos de folhas e um plástico preto, colocando ainda um pilão de madeira sobre a cova. Esta cova foi aberta debaixo do jirau, em frente a um pé de cacau ao lado da casa. Após isso foram banhar-se em um igarapé do outro lado da estrada, pois Socorro tinha a sua saia suja de sangue. Nessa oportunidade Socorro ameaçou-a de morte, dizendo que mandaria seu irmão, pistoleiro conhecido por ZÉ, que residia em Souzel para lhe matar, caso a mesma viesse a comentar com alguém o que ali acabara de presenciar.

Que certa vez Socorro a levou para uma praia, que não sabe dizer o nome, juntamente com outras pessoas e que lá havia um bebezinho, o qual foi morto pela Socorro e foi-lhe

³¹⁷ Esses relatos estão descritos no depoimento de Eudilene, de 7 de Dezembro de 1994.

tirado uma seringa de sangue e injetado em Samara e que esta se sentiu muito estranha, e que passou a incorporar um espírito chamado esqueletóide, e que o corpo do bebê foi enterrado embaixo de um coqueiro na praia³¹⁸.

Que em outra oportunidade viu o Índio na casa de Socorro e percebeu quando ela tirou um livro de **magia negra** debaixo do colchão e mostrou uma fotografia de uma criança amarrada e de joelhos e Socorro falou que a mesma era de Alagoas, neste mesmo dia por volta das 09:30 hs, próximo às casas populares, Socorro pegou um menino e convidou-o para apanhar jambo, indo em direção ao local conhecido por Água Azul, na volta deixou Samara próximo ao lago, dizendo para ela esperar pois ia deixar o menino, momento em que a mesma viu de longe quando Socorro tapou o nariz e a boca do menino, e este se debateu até desfalecer, sendo arrastado para o mato, não sabendo se o menino veio a falecer, ou somente ficar desfalecido.

OBS: O esqueleto de Ailton, desaparecido em 1991, foi encontrada na Água Azul.

Samara quando estava na Pastoral, ficou folheando uma galeria de recortes de jornal, onde lá constavam fotos de Amailton, Anísio, Césio, A. Santos e outros. Vendo a foto de Amailton, apontou-a como sendo PEDRO FIM, e reconheceu o Dr. Césio, porém ignorava a foto do Dr. Anísio, como se nunca o tivesse visto, porém em uma de nossas saídas pela cidade, Samara conversava distraidamente quando em uma rua, parou de falar e em seguida disse: “Já vim aqui nesta rua” e, em seguida o policial que dirigia o carro, retornou, trafegando em sentido inverso, ocasião que ela apontou para uma casa e disse: “ – Foi aqui que eu vim, mas esta casa não era assim”, em seguida lhe foi perguntado o que tinha ido fazer lá, recebendo os policiais como resposta que **uma mulher naquela casa tinha recebido espírito antes do tempo, e que ela (Samara), Socorro, e outras pessoas que não lembrava os nomes, teriam ido buscar essa dita mulher, em um carro grande, vermelho, e a levaram para o terreiro da Mãezinha, onde ia haver uma comemoração e lhe tirariam o espírito. A rua era a Isaac Benaroc e a casa que ela apontou era a de Anísio³¹⁹**, que havia sofrido uma reforma, estando a frente mudada, e em razão disso, os policiais levaram Samara até as imediações de sua chácara, sem que ela desse algum sinal de que conhecia aquela área, porém, ao se chegar próximo ao cercado da mesma, Samara começou a ter uma reação diferente, pedindo para sair daquele local, pois, segundo ela, se ali permanecessem o que aconteceria não seria bom

³¹⁸ “Espírito chamado Esqueletóide”. E o problema era a psicóloga.

³¹⁹ De novo: difícil acreditar que isso é um relatório da Polícia Federal. Sem palavras.

para ela nem para os policiais. Percebendo a mudança no seu tom de voz, na sua fisionomia, enfim, no seu todo, os policiais prudentemente se retiraram do local com ela. Mais adiante, recuperada, explicou que naquela chácara haviam reuniões de macumba, e que ela recebia um espírito maligno, que se batia todo, rasgava a roupa, enfim que era muito feio, daí porque ela não queria ficar na porta da chácara³²⁰.

Vários foram os percursos feitos pela equipe com Samara, dos quais num mostrou como se chegava ao sítio, em que Socorro matou o Sr. José, mais rapidamente; mostrou também uma fazenda onde as pessoas que iam até o sítio deixavam os carros, fazendo o restante do caminho a pé; que pela entrada do km 04 - junto ao DNER - da Transamazônica, se chega até uma ponte quebrada, aonde há uma mata. Nesta mata é que mora o Índio que foi na casa da Socorro e que ele tem cabelos compridos pretos até o ombro e tem uns furos, como se fossem de agulha, embaixo dos olhos.

³²⁰ Eu não tenho mais forças para comentar qualquer coisa que preste.

R - TÉRMINO RELATÓRIO

Senhor Superintendente, consta dentro do nosso plano de trabalho não apresentar neste relato conclusões; diligências futuras a serem realizadas; providências administrativas, policiais/judiciais a serem adotadas, bem como, identificação das Testemunhas. Estas últimas principalmente porque visamos preservá-las de qualquer tipo de pressão que possam a sofrerem se seus nomes, por qualquer motivo, pararem em mãos adversas. Assim, sabendo do alto espírito de justiça e procurando desde já implantar, embora de forma modesta, o **programa de preservação de Testemunhas³²¹**, em tão boa hora elaborado pelo M. J., peço-lhe vênia e a devida compreensão por não apresentarmos neste documento a decodificação de seus nomes e respectivos endereços, sendo que estes serão apresentados no momento em que Vossa Senhoria julgar oportuno.

É o relatório.

Belém/Pa, 18 de abril de 1996³²².

JOSÉ CARLOS DE SOUZA MACHADO

APF - 2.397.365

³²¹ De fato, o programa era uma coisa nova na época. Provável que Valdete e Eudilene tenham entrado nele.

³²² Para mim, o mais relevante desse relatório todo é que ele é finalizado em Abril de 1996, mais de um ano após Eudilene prestar seu depoimento, e meses após o caso Valdete x Maurício ter acontecido. O que aconteceu com essas pessoas? O agente José Carlos certamente sabia. Pelos autos, a impressão que se dá é que não deu em nada. E provavelmente não deu mesmo. Tudo aqui parece ser um amontado de boatos, sem comprovação alguma.

Não parece ser à toa então que, em Dezembro de 1996, o juiz Paulo Roberto Ferreira Vieira decidiu impronunciar todos os acusados. Em sua decisão, o magistrado afirmava: "*As provas manifestam-se por demais frágeis. São um amontoado de depoimentos sem nexos, sem ligação entre si, sem um mínimo de certeza, que leve ao julgador a segurança necessária para pronunciar o réu.*"

Não parece mais ser surpreendente a fala da promotora Elaine Nuayed na audiência realizada na Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados em Brasília, em 15 de Outubro de 1996: "*Depois de ler [o relatório da PF produzido em Abril de 1996], entendi por bem que não deve ser apensado, porque o relatório da Polícia Federal, para mim, não sei se para os senhores que já leram, também o Dr. Potiguar, é uma peça que coloca mais em dúvida a autoria ou as autorias do processo.*" Nenhum promotor em sã consciência, querendo construir um caso sólido de acusação, colocaria uma peça doida dessas nos autos.

Se o juiz Paulo Roberto Ferreira Vieira teve acesso a este relatório da PF (e provavelmente teve), e se ficou sabendo que a PF esteve envolvida desde o início das investigações (provavelmente soube), é de se supor que esse relatório ajudou-o a decidir pela impronúncia.

Mas as dúvidas permanecem: o que teria acontecido com Maurício, Valdete e Eudilene? O que houve nos bastidores? O que mais não sabemos dessa história, ou melhor, dessa fantasia? Que fim levou o primeiro relatório da PF, da missão de 1993? Será que ele era tão fantasioso quanto este? E por que Valentina sequer é citada neste relatório?

APÊNDICE

SENHOR SUPERINTENDENTE:

Cumprimentando-o e conforme o estabelecido no final do relatório principal da OM013/95GAB/SR/DPF/PA, apresento a Vs. Sa. a relação decodificada das testemunhas cujos nomes estão abreviados no corpo do relatório principal, solicitando cautela na divulgação dos mesmos, ante o risco de vida que correm, sugerindo que as mesmas, antes de quaisquer oitivas sejam por nós contatadas, em virtude da relação confiança. Abaixo seguem as abreviaturas e nomes completos, havendo algumas que não constam nem com o nome abreviado, porém, explicamos o seu relacionamento e/ou conhecimento das atividades dos réus, incluindo algumas que sabem de fatos relacionados com pessoas que não estão arroladas na Ação Penal 045/92-Altamira. Ei-las:

I - AMAILTON MADEIRA GOMES;

1.1 - OLAVO GOMES PESSOA - irmão de Juares Pessoa, pai de Jaenes, emasculado em 01.10.1992. Refere-se a Lúcia Gomes, viuva de um irmão de Amadeu, assassinado, que lhe contou sobre Amailton, no Ceará, logo após a morte de Judirley Chipaia em Jan/92. Presenciou ainda Amailton subindo a Brasília, com uma pessoa na garupa da sua moto, na semana em que Jaenes foi assassinado. Pela descrição seria o ex PM Genilson, morto quando praticava assalto em Santarém no ano passado. A descrição encaixa-se também no Dr. Césio.

1.2 - Filha do Zezão - presenciou no dia da morte de Jaenes, Amailton passar com um homem moreno na garupa da moto, por volta das 11:00hs. A casa da testemunha está situada nos arredores da Brasília, local de pouca movimentação, nas proximidades de onde Jaenes foi emasculado.

1.3 - VALDETE RODRIGUES BARROSO, viu Amailton e seu namorado Isaías, conduzir um menino morto dentro de um carro Gol ou Escort, nos idos de 87/88. A testemunha é identificada no relatório com o nome SILVIA e, atualmente está residindo em local incerto e não sabido. O Promotor Gessinaldo a conhece.

1.4 - OLINDA MORA SILVA, residente a Rua Coronel Castilho S/N, foi a empregada que viu a camisa suja a sangue no quarto, embaixo da cama e **Haroldo Barbosa de Oliveira**, hoje no Maranhão, confirma a estória, dizendo que Olinda lhe contou a mesma, na época dos acontecimentos.

1.5 - EUNICE PEREIRA DA SILVA e JOSÉ FRANCISCO RODRIGUES, casal que residia na fazenda de Araken Gomes, ouviu Amailton dizer para o tio que matara Jaenes e o tio comentar que ele havia também morto uma empregada que o vira com a roupa suja de sangue. Seus nomes não são declinados no relatório.

II – CÉSIO FLÁVIO CALDAS BRANDÃO:

2.1 - DPC REGINA - servia à época em Altamira. Fernando Paz Assunção, assassinado em abril/93 em Altamira, foi o Investigados de Polícia que removeu o corpo de Flávio Lopes da Silva, morto em 27.03.93, para a pedra da FSESP, ocasião que lhe disse estar o menor com o órgão genital intacto. Acusa o médico Césio de ter tentado emascular o menor ao cortar parte da glândula do pênis quando o mesmo estava na pedra.

2.2 - OCIRALVA FARIAS DE SOUZA TABOSA - Promotora de Justiça em Altamira. Conta um episódio envolvendo homossexualismo por parte de Césio, bem como afirma que Amadeu Gomes, acompanhado do Advogado Hercílio Pinto andou ameaçando, na véspera, as testemunhas que deporiam contra seu filho Amailtom. O funcionário do fórum GILSON, que trabalhava na Promotoria pública sabe do primeiro fato.

2.3 - GRACINDA LEMOS MAGALHÃES - funcionária da SESP, já ouvida em juízo, assinou declaração afirmando que estivera com Césio por boa parte da manhã. Confirmar a autenticidade da mesma, uma vez que na FSESP não consta nenhum documento que comprove o atendimento médico da mesma naquele dia 01.10.1992, data da morte de Jaenes.

2.4 - CASO DA MALETINHA - VALDETE RODRIGUES BARROSO - afirma que o médico que fazia parte das reuniões na casa de Amailton, quando presenciou a saída do corpo do menino morto na parte de trás do Gol ou Escort era o Dr. Césio.

2.5 - CASO MENINO SEQUESTRADO - LOURA e o filho DARLAN - Raimunda, irmã de Rosa Pessoa conhece toda a estória e sabe aonde localizá-los.

2.6 - SAMARA - EUDILENE, mora em São Domingos do Araguaia com a mãe. Conta que Césio a teria estrupado e narra que o mesmo teria participado de homicídios, seguidos de emasculação em menores no sítio da estrada Princesa do Xingu.

III - ANÍSIO FERREIRA DE SOUZA:

3.1 - PATRÍCIA FERREIRA DE LIMA - Rua Manoel Umbuzeiro s/n, numa vila que fica defronte ao nº 1770, criada numa creche que o Anísio tinha em Altamira, conhece estórias do Anísio – identificada no relatório pelas iniciais P.F.L.

3.2 - SILVIA = VALDETE RODRIGUES BARROSO, viu Anísio saindo da casa de Amailton com saquinhos de sangue, na época em que viu Amailton retirando o menino morto dentro do carro.

3.3 - Mz = MARIZA MELO, Rua 05, s/n, bairro Aparecida, fala dos mesmos saquinhos de sangue, embalados semelhantemente a açaí, e cita conversas em inglês que Anísio mantinha ao telefone.

IV - CASO JUDIRLEY CHIPAIA

PAMPA CAFÉ C/LEITE - JOSÉ CARLOS BERGAMIN

4.1 - VALDETE RODRIGUES BARROSO - SILVIA - Cita que J. C. Bergamin possuía uma pampa naquela cor que fazia parte do grupo de emasculadores.

V - CASO ROSA COELHO DE SOUZA:

5.1 - IRMÃ VANILDA - A. S. C., congregação de freiras responsável pela manutenção do Instituto Maria de Mathias, ligada a Prelazia do Xingu, encontra-se atualmente em Roma.

5.2 - M. = MARILDA NAZARÉ ARCANJO - Rodovia Ernesto Acioli, 1436 - presenciou o Dr. Aragão, legista, colocando os dedos dentro do crânio de Rosa. Pensa que ela foi assassinada.

5.3 - Nz = NAZARÉ - mãe de santo no Mutirão -, sua casa está situada na rua que leva para as três pontes. É a casa da esquina.

5.4 - SARA = SEBASTIANA SARA DA SILVA, Rua José de Alencar, 2122.

5.5 - VÓVÓ N. = VÓVÓ NITA, ramal dos Traíras.

5.6 - Lt = LENITA, barraca de comida em frente ao Banco do Brasil.

5.7 - MZ = MARIZA BARROS DE SOUZA, Travessa "2", 1.886, Bairro do Mutirão.

5.8 - Cr... S... = MARIA CRISTINA BORGES SOARES, Travessa Cel. Gaioso, 95.

5.9 - JACIARA SILVA BARROS - Rua Manoel Umbuzeiro, Vila da Creuza, última casa.

5.10 - MARILÚ - Rua Arariunas, 1070, ao lado do Mercadinho Toscano.

5.11 - ANTONIO BRITO - Rua Itaituba, 126 – Jardim Independente í.

5.12 - ZUILDA MENDES VIEIRA - Rua dos seis metros, final.

5.13 - RAIMUNDA COELHO ADRIANA - SANTA - irmã de Rosa, Travessa Anchieta, ao lado do nº 1900.

5.14 - MARIA CARDOSO, Rua A, nº 756 - Premem.

5.15 - S... = SUZI - Avenida das Turquesas nº 09 - B - Pitinga/AM.

5.16 - E. C. S. = ELZENIRA CASTRO DE SOUZA - Rua Acesso 03, nº 759 - Jardim Independente í.

5.17 - A. - JO.. = ARITANA, TANA OU JAPONESINHO - JOSEMIR JORGE TEIXEIRA, Rua 13 de maio, 503 - Senador José Porfírio.

5.18 - JOSÉ AMADEU GOMES - declarou que Luís Kapiche Neto poderia ser o assassino de Rosa.

VI - VANTUIL ESTEVÃO DE SOUZA:

6.1 - P.F.S = PEDRO FERNANDES DE SOUZA - Rua Manoel Umbuzeiro, 1283.

6.2 - A. M. L. - ANTONIO MOURA LEITE, Estrada a Serrinha, km 17.

6.3 - E. A. S. - ELZA APARECIDA DA SILVA, Rua W5, nº 496 - Liberdade.

6.4 - A. P. C. - ADAILTON PINTO DA CUNHA - contatar Elza para saber aonde ele está.

6,5 - F - FRANCINETE - Rua Lúcia Gitiana, - casa dos Padres.

6.6 - SILVIA - VALDETE RODRIGUES BARROSO - Relaciona Maurício com Vantuil, que seriam os autores da ameaça que ela sofreu.

VII - CASO KLÉBSON FERREIRA CALDAS:

7.1 - ADJAEL DA SILVA FEITOSA - segundo os informes participou da morte de Klébson, junto com ÉDER GOMES COELHO. Ambos são ex bate-pau e desapareceram da cidade após o homicídio, seguido de emasculação de Klébson.

É a decodificação.

Belém/Pa, 18 de abril de 1996.

JOSÉ CARLOS DE SOUZA MACHADO

APF - 2.397.365